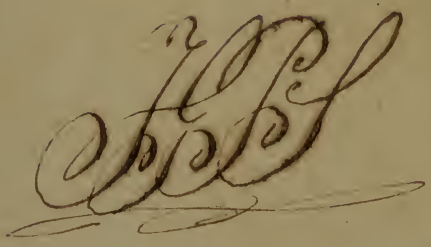
3 1761 07041761 3

24

MEMORIAS DO CARCERE



MEMORIAS DO CARCERE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR

VOLUME II

GUIMARÃES & FARIA
MOURA

V. M.

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA
1864.

PQ
9261
C3M4
1864
v. 2

PORTO: 1864 — TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

MEMORIAS DO CARCERE

XVII.

Fez-me agradavel companhia, nos meus ultimos mezes de prisão, o senhor José Joaquim da Silva Mello, cavalheiro do Douro, nascido em Sanhoane, na comarca do Pezo da Regoa.

O senhor Mello, quando juiz ordinario no concelho de Santa Martha, fôra pronunciado como fautor no assassinio do bacharel Francisco da Natividade de Mesquita e Seixas, sub-delegado d'aquella comarca, morto a tiro na noite de 27 de setembro de 1858.

As bases da pronuncia foram os ciumes em que andavam mal avindos os dois cavalheiros, á conta d'uma dama de Lobrigos.

Contava-se que o bacharel seduzira uma menina de poucos annos a fugir de sua familia para casa d'elle; accrescentavam que a convivencia de alguns mezes en-

fastiara o possessor da fugitiva; que esta, diziam mais, repellida por maus tractos e insultos publicos, fugira ao anojado amante, buscando o abrigo de parentes, e acceitara os galanteios de Silva Mello.

Até aqui é tudo natural e vulgar.

Ajuntavam mais que Silva Mello, sem embargo de ser casado, se possuira de paixão pela mimosa senhora, e meditou vingal-a das injurias recebidas, como paga do sacrificio de sua honra e fama. Outros diziam que a senhora D. Anna Amalia Peixoto Cabral oscillava entre renunciar ao primeiro amante, e acceitar o segundo, perplexidade que induziu o segundo a desembaraçar-se do rival.

É certo que o doutor Seixas, ao entrar em sua casa, foi varado por uma bala, e levou para a sepultura o segredo do seu assassino, se o viu.

O senhor Mello, porém, conta-me a sua historia assim:

— Estive eu na botica de Santa Martha jogando o volterete com o bacharel Seixas e outros. Ás dez horas da noite retirou-se Seixas, e eu fiquei até meia noite, e fui depois para minha casa acompanhado de alguns amigos. Na manhan do seguinte dia recebi, como juiz ordinario, um officio do juiz eleito, participando-me que o bacharel fôra assassinado á sua porta. Fui ao local, interroguei os visinhos e nenhum esclarecimento obtive ácerca do assassino. Officiei ao juiz de direito para se proceder ao exame, e elle me encarregou de o fazer eu. Convoquei os parentes para

me indiciarem os inimigos do morto; responderam-me que tinha muitos; mas nomeadamente desconfiavam d'um feitor da quinta, onde residia o bacharel. Dei ordem de ser preso o feitor; mas não o encontraram.

« Um sujeito da terra, querendo vingar-se de inimigos, foi procurar-me com um rol de testemunhas que culpavam certos individuos no assassinio do bacharel. Recusei-me a acceitar-lh'as, porque o denunciante não soube esconder de mim a sua infamia.

« Este mesmo homem divulgou que os assassinos de Seixas eram meus criados, e d'isto avisaram o secretario geral do governo civil de Villa Real.

« Foi preso um dos meus criados, e interrogado pelo secretario civil. Ás respostas negativas seguiram-se as violencias, e o levarem-no em prisão para Villa Real.

« Á meia noite algemaram o meu criado, e conduziram-no a um pinhal, onde o rapaz se encontrou com um homem mascarado, e outro vestido de sacerdote. O mascarado fingia de algoz; o sacerdote devia absolver o padecente: faziam-lhe ao menos o favor de o deixarem ir para o purgatorio, mediante a absolvição.

« A vida era-lhe, porém, concedida sob condição de dizer o meu criado que fôra eu o matador do Seixas. Hesitava o moço, e tinha já o instrumento de morte apontado ao peito, quando o padre o mandou ajoelhar para o ouvir de confissão. Ajoelhou o rapaz, e acreditou que estava morto. A authoridade fez-lhe

então a suprema interrogação, e o moribundo respondeu: — Pois se querem que eu diga que foi meu amo que matou, está dito, foi meu amo —. O verdugo baixou o cutello, o padre ergueu as mãos ao ceo, e o meu criado foi novamente recolhido á cadêa.

« No dia seguinte chegou o governador civil proprietario, chamou o rapaz á sua presença, interrogou-o, e mandou-o soltar.

« Chegou o moço a Santa Martha, e foi depôr á administração do concelho os ridiculos successos do pinhal. A authoridade lavrou auto, que remetteu ao governador civil, e o secretario pediu a demissão, para evitar o vexame de lh'a darem.

« Era meu dever solicitar uma justificação perante o juiz de direito. Deferiu este ao meu requerimento, e quando eu me estava justificando, o ex-secretario e outras authoridades vulgavam ter sido eu o assassino do doutor, para assentarem a pronuncia na voz publica. O juiz, porém, não acceitava tal base, nem uma falsa carta de amores que me attribuiam, escripta a D. Anna Amalia. Guerrearam o juiz, a ponto de o fazerem passar a vara ao substituto. Este, já prevenido, pronunciou-me logo, e indiciou comigo a infeliz mulher.

« Fugi.

« Decorridos seis mezes intentei livramento como ausente, e consegui ser julgado ao cabo de dois annos: tantos embaraços as authoridades me suggeriram!

« Esgotados os recursos da mal-querença, a que as

leis se amoldaram, consegui ser julgado e absolvido por falta de prova.

« Cahi na indiscrição de vir ao Porto para tratar da appellação, temendo que os meus poderosos inimigos me cavassem aqui o abysmo, que não tinham lá podido levar á ultima profundidade.

« Fui denunciado por dois *amigos* a quem contei o meu destino, fui preso.

« Não tenho mais que lhe contar. Aqui estou esperando o que de mim farão os homens, convencido de que a providencia é estranha a taes acontecimentos. »

Até aqui o senhor Silva e Mello. Agora uma carta, que a senhora D. Anna Amalia Peixoto Cabral me derigiu, ha poucas horas:

« Estava eu com minha familia, em Lobrigos, no « dia 27 de setembro de 1858, quando lá chegou a « noticia de ter sido assassinado o bacharel Francisco « da Natividade de Mesquita e Seixas. Perguntei a « quem se attribuia o assassinio: disseram-me que o « criminoso suspeito era um feitor da mesma quinta « onde residia o Seixas que fôra ameaçado.

« O bacharel tinha-me contado as suas desavenças « com o feitor, e eu naturalmente lhe disse que se « acautelasse das emboscadas. Respondeu-me com as- « pereza que não temia os seus inimigos.

« Algumas pessoas que me ouviram estas inno- « centes palavras tiraram d'ellas a horrivel inducção

« de que eu conhecia o perigo em que andava o ho-
« mem que eu tinha amado, e por quem me perdera.

« Antes de ser sepultado o cadaver fui eu chama-
« da á presença do secretario do governo civil de Villa
« Real. Antes mesmo de chegar á casa onde me espe-
« ravam, soube eu que estava tomada uma cavalgadura
« para me conduzir á cadêa de Villa Real.

« Ás perguntas respondi com a naturalidade do es-
« panto que ellas me causavam. Perguntavam-me a
« mim quem eram os inimigos do Seixas, e quem pre-
« sumia eu que o tivesse morto!

« Queriam que eu dissesse, com a voz publica, ter
« sido o Mello o assassino. Não pude responder o que
« a voz publica me não tinha ainda dito. Pediram-me
« que os desculpasse do incommodo que me tinham
« dado, e mandaram-me embora.

« Correu depois o boato de que tinha sido eu a
« causa d'aquella morte, porque Mello me suspeitava
« amante de Seixas. O publico achou plausivel o
« boato, e a authoridade judiciaria requereu querella
« contra mim. Depozeram testemunhas, e eu mesma
« fui citada para depôr contra o Mello. Temi, como
« fraca e mulher de vinte annos, semelhante specta-
« culo, e escondi-me para não jurar. Longo tempo es-
« teve aberto o auto de investigação, até que eu, soli-
« citada pelo proprio querellado, me apresentei a jura-
« mento. No interrogatorio soffri dolorosos vexames.
« Entraram no mais secreto da minha alma, como se
« me julgassem incapaz de pudor. O juiz condoeu-se

« de mim, e observou ao delegado que certas pergun-
« tas eram affrontosas a uma mulher, e inuteis á ave-
« riguação do crime. O delegado reagiu, dizendo que
« o segredo do assassinio o tinha eu. A isto respondeu
« o juiz que seria melhor darem-me um vomitorio.
« Era preciso, para satisfazer ás perguntas, que eu
« apontasse o Mello como matador, ou dissesse que a
« voz publica o considerava tal.

« Dias depois tive a acerba noticia de que estava
« indiciada juntamente com o Mello. Fugi para casa de
« uma parenta, onde estive quinze dias, preparando
« alguns arranjos para mais distanciar a fuga.

« No dia 22 de dezembro sahi com direcção ao Por-
« to, na intenção de me assoldadar em alguma casa
« como mestra de meninas.

« Á entrada de Amarante encontrei um homem de
« cara sinistra, que me examinou attentamente. Pal-
« pitou-me de medo o coração.

« Passei a villa, e apeei-me no alto de Pildre, para
« mandar lançar penso á cavalgadura. Estava eu a
« chorar o meu destino, quando vi chegar ao pé de
« mim um homem, que apeou do cavallo, e me pergun-
« tou para onde ia. Outro chegou logo depois, dizendo
« que o administrador ordenava que eu fosse á sua
« presença. Outro homem ainda chegou com ordem
« escripta de prisão.

« Voltei para Amarante, e fui miudamente inter-
« rogada sobre as minhas intenções, e pessoas que me
« acompanhavam. Perguntou-me a authoridade pelo

« passaporte, e por que eu o não tinha, pretextou-se « a minha captura e do criado que me acompanhava.

« Metteram-nos na cadêa, onde pernoitei. Passa- « das vinte e quatro horas requeri a minha liberdade, « e foi indeferido o requerimento.

« Tres dias depois, ás oito horas da noite, fui cha- « mada ao administrador, e interrogada: nada res- « pondi que satisfizesse. Tive uma particular confe- « rencia com a authoridade, em que fui novamente « instada para dizer o que sabia, sob promessa de não « escrever as minhas respostas. Disse o que dissera « sempre.

« Sahi d'Amarante presa para a minha terra. Fui « levada ao juiz substituto, e novamente perguntada.

« Então chorei muito, porque já não podia soffrer « tanto. Pedi que me deixassem, porque estava inno- « cente, e nada sabia da morte do Seixas. O juiz mos- « trou-se compadecido, promettendo-me uma breve li- « berdade, e dando-me a escolher a cadêa de Mesão- « frio, ou a da Relação de Lamego. Pedi que me le- « vassem para a do Pezo da Regoa, mas a parte allegou « que tal cadêa não era bastante segura para mim, po- « bre mulher! Fui para Mesãofrio. Tirei folha corrida « em toda a comarca, não tinha culpa alguma, e re- « queri com ella a minha liberdade.

« Despachou o juiz que em ferias divinas não havia « despacho. Ferias divinas eram só para mim. No en- « tretanto o ministerio publico inquiria testemunhas. « Duas testemunhas me culparam: uma dizendo que

« eu ia fugindo para o Porto, e que a innocencia não « foge; outra depondo que eram notorias as minhas li- « gações com o supposto assassino.

« Oito dias depois requeri de novo, e já estava « pronunciada. Estive, pois, dezoito dias presa espe- « rando que me culpassem. Parece que a lei o não « consentia assim.

« Fui removida para a cadêa do Pezo da Regoa, e « a authoridade judiciaria entreteve comigo a sua cu- « riosidade perguntando-me pormenores do meu na- « moro com o Mello, e tendo a bondade de me dizer « que, em caso de precisão de dinheiro, recorresse á « sua boa vontade de me servir, com o qual offereci- « mento soffri muito na minha pobre dignidade de mu- « lher infeliz.

« Novas perguntas me fizeram, ás quaes não res- « pondi, por ter requerido curador, como menor de « vinte e cinco annos.

« A authoridade, que me offerecera recursos, re- « quereu dias depois a minha transferencia para La- « mego, allegando que os Mellos, como homens de va- « lia e audacia, podiam tirar-me da fraca prisão. No- « meei fiador á prisão, e não m'o acceitaram.

« Sahi para a Relação de Lamego. Levei algumas « cartas para cavalheiros da terra, as quaes mandei en- « tregar quando me vi presa entre onze mulheres es- « farrapadas na mesma enxovia. Ninguem fez caso de « mim: não me serviram de nada as protecções. A mi- « nha desgraça fazia nojo aos felizes do mundo, se

« eram felizes em sua consciencia, repellindo o infor-
« tunio supplicante.

« Alli estive quatro dias, e louvei a Deus que me
« deixassem tomar, como unico alimento, algumas
« chavenas de chá.

« Voltei para a prisão do Pezo da Regoa, e aggra-
« vei da injusta pronuncia.

« Tres mezes e tantos dias me demoraram a copia
« do processo para o aggravo! Não podia ir mais longe
« a crueza! Podia, podia. Tiveram-me tres mezes fe-
« chada n'um quarto, sem poder fallar a alguem.

« Alguem se condoeu de mim, e pediu ao delegado
« que fosse mais humano; que se compadecesse da mi-
« nha orphandade de pae, e dos meus annos; que bem
« me bastava a prisão; que me deixassem passear ao
« menos na sala que servia de tribunal; que já a mi-
« nha mãe tivera impulsos de ir ajoelhar á authoridade
« pedindo-lhe que me não mortificasse tanto em quanto
« o meu delicto era incerto.

« O delegado respondeu, que se a mãe lhe tivesse
« pedido, talvez conseguisse tudo.

« Resolvi, já quebrada de brios pela desgraça, pe-
« dir eu mesma; mas alguem me aconselhou que não
« me expozesse a algum ultraje. Acceitei a continua-
« ção dos soffrimentos.

« Vinte dias estive ainda esperando o processo, e
« escrevi ao juiz queixando-me da malvadez do escri-
« vão. O juiz forçou o mau funccionario a entregar a
« copia, viu a injustiça da minha pronuncia, reparou

« o aggravo, e mandou-me dar liberdade em 15 de « maio de 1859.

« Dois dias depois vim para o Porto, onde me es- « tava esperando a continuação dos meus infortunios.

« *Anna Amalia Peixoto Cabral.* »

XVIII.

Ahi fica a exposição do réo, e a carta da co-ré despronunciada.

Já tive ensejo de perguntar ao agente do ministerio publico, de quem amargamente se queixa a senhora D. Anna Amalia, se considerava o Mello o assassino do bacharel Seixas: respondeu-me como devia, asseverando-me que era essa a sua intima convicção. O juiz, todavia, que despronunciara D. Anna, e absolvera o réo, de certo os julgou innocentes.

Que provas, pois, são essas que inclinam a tão inconciliaveis juizos as consciencias dos dois magistrados? Não sei: não as li no processo.

Devia o tribunal da Relação do Porto decidil-as; mas tamanha desventura é a do innocente, ou tão justiceira a providencia contra o criminoso, que, no momento em que Silva Mello é preso no Porto, surge como milagrosamente um homem dinheiroso contra elle, requerendo assignar-se parte, e consegue-o, contra os manifestos artigos do codigo penal. Que não

conseguirá este homem, se elle veio rico do Brazil, e para lá voltou, deixando a sua firma valiosa como penhor dos serviços solicitados? Que importava ser elle irmão do morto, se volvesse pobre a pedir justiça? Pae e irmãos tinha o bacharel Seixas; mas pobres, mas desvalidos, mas incapazes de fazerem valer a justiça de suas queixas, ou a prepotencia de sua injustiça!

Estava, pois, capturado o réo, e a appellação no tribunal da Relação. Animavam ao preso justificadas esperanças de lhe ser confirmada a sentença do juiz, quando a Relação accordou que o processo estava insanavelmente nullo por não ter sido intimado ao curador do réo o despacho de pronuncia.

Ora a lei não manda aquillo. Os julgadores é que inventaram um *curador*, onde a lei dizia *réo*, e o réo não podia ser intimado, porque era julgado ausente. Além de quê, a intenção da lei, quando manda intimar o réo, é toda a favor d'elle, para poder aggravar, e adduzir no aggravo novas provas de sua innocencia. Ao réo é que importava queixar-se da falta da intimação, e nunca ao author, a quem são favoraveis as omissões que redundam em desfavor do réo. — Mas a lei não distingue — responde a hermeneutica juridica; e eu que podia teimar em ver a lei a pernear abafada na toga dos juizes, mando-os a elles, e mais a hermeneutica, de presente ao diabo, e mais ao brazileiro, em cujo corpo está o demonio tentador, que traz energumenos os julgadores.

Recorreu de revista o senhor Mello, e espera em ferros que o supremo tribunal... o mande amarrado para as cadêas da sua terra natal, e lá o faça julgar novamente. A doença da familia dos togados é como aquella peste que ataca os membros de uma mesma familia, derramados por diversos pontos. São incuraveis estes tabardões moraes, como os outros de que reza frei Luiz de Sousa na *Vida do Arcebispo*. Cahem de pôdres; mas cahem a gargalhar, como na morte d'uma certa herva da Thessalia. Basta de erudição, a proposito d'estes onagros, que ornejam accordãos, e se espojam no lameiro, como usam os javalis, encodeando-se de lama para que o venabulo da satyra não ache fibra a descoberto onde lhes crave o tiro.

Inclinemos a assumpto a mais sympathica tristeza.

A senhora D. Anna Amalia é uma creatura que tereis muitas vezes encontrado nas ruas do Porto, sósinha, mais pobre que modestamente vestida, com um véo espêsso sobre o rosto. As supremas afflicções não lograram ainda delir-lhe os ultimos signaes de formosura. A luz dos olhos quasi vai apagada nas lagrimas. A transparencia da pelle deixa já de ser bella, porque é árida, e mais serve de mostrar as miudas formas dos ossos. Tem vibrações na voz; mas é o tremor dos soluços com que o coração não póde. A elegancia natural ainda revê nos modos; é certo, porém, que a desgraça desfaz os enfeites da natureza, e o contínuo habito de supplicar encurva os corpos mais garbosos.

A supplicar vive ou vai morrendo a pobre ha tres

annos, de advogado em advogado, de protector em protector. A todos enfada a desventura pertinaz, e todos a aterram com as incertezas da justiça, devassa caprichosa que afivela ás orelhas todas as mascaras, e tira dos olhos a venda, para offerecel-a, como corda de estrangulação, aos pobres que não podem compral-a.

Pobre senhora! Não desamparou ainda as grades do preso. É elle casado; e sua mulher estima a devotada creatura, que solicíta a liberdade de seu marido.

Que passado para nenhum futuro! Que noites, na solidão do seu pobre quarto, e que visões d'um provavel degredo para elle e para ella, se o brazileiro fizer arrastar a justiça por doze dos seus pretos!

José Joaquim da Silva Mello, no dia seguinte ao de sua prisão, era grosseiramente injuriado pela maxima parte da imprensa portuense. Os localistas não hesitaram em denominal-o *assassino*, e pediram a cabeça do homem como remuneração do estylo pavoroso, que puxaram da imaginação. Como foi preso em casa de D. Anna Amalia, escolheram para ella o epitheto mais frizante, e não tiveram de que arrepender-se, porque a desvalida senhora não tinha pae, nem irmão. Eu soube que ella se vira definida nas gazetas, engolira a injuria, e escondera as gazetas do preso, para que elle se não visse cuspido por entre os ferros, por beiços que elle poderia ter fechado com os gargalos d'algumas persuasivas garrafas da sua adega. Soube-se, depois, que o brazileiro apennara amigos, que derramassem nos escriptorios dos jornaes a noticia da prisão do *as-*

sassino, em casa da *meretriz*, epithetos que se alugam, e Deus sabe a quem elles se roubam!

Silva e Mello foi encarcerado n'um quarto de companhia com um ladrão e um homicida. Deu-se pacientemente com os seus companheiros, e ahi permaneceu até lhe darem um quarto infecto, onde vive sósinho.

Na vespera de natal do anno passado conseguiu, mediante o meu valimento com o carcereiro, que D. Anna Amalia entrasse ao seu quarto a cear com elle. Um preso adverso a distincções, quiz dar um exemplo monumental de egualdade, atirando-lhe ao peito uma facada, que resvalou na roupa. O senhor Mello fechou a sua porta, e disse á pallida conviva do seu festim de lagrimas:

— Ceêmos. Na cadêa uma facada é o mais natural presente que eu podia receber em vespera de natal.

Que noite de festa!

A pobre senhora lembrar-se-ia das consoadas em casa de sua familia?

Veria ella os seus quinze annos?

Parece incrivel a profundidade da escala do infortunio!

A mim o que mais me espanta é a força da vida humana!

E vive-se d'aquelle viver!

Gloria a Deus nas alturas! (1).

(1) O senhor Mello está ainda preso, e sem esperanças de liberdade. (*Nota da segunda edição*).

XIX.

Um dos meus visinhos mais proximos era o senhor Cruz, condemnado a pena capital, por ter assassinado, nos arrabaldes de Coimbra, um homem, por ordem de certo cavalheiro de estremada linhagem. Não consta do summario das testemunhas quem assalariasse o sicario: a suspeita infere-se das regalias que o sentenciado gosa na cadêa, ministradas pelo timbroso fidalgo.

Se bem que o senhor Cruz, julgado em Coimbra, tivesse padrinhos de alto cothurno, os jurados deram-lhe por provado o homicidio, e a Relação confirmou a sentença.

Tive medo d'este visinho, e por muito tempo, ao entardecer, sahi sempre armado de meu quarto, como quem se affoita a passar de noite um pinhal infamado de salteadores. Sabia eu que o senhor Cruz era constituinte do procurador, que, esporeado por acicates de ouro, solicitava com feroz zelo a minha perda. Tive de fóra avisos, que me preveniam contra um envenenamento, ou ataque pessoal d'algum dos scelerados que

me cercavam. Sabia, além d'isso, que o condemnado se correspondia com o procurador, e rasgava logo as cartas que recebia. Observava mais que tudo os olhares torcidos do meu visinho, e as approximações embaraçadas com certo ar de timida irresolução. Quer-me parecer que esta concatenação de coisas era capaz de incutir desconfiança ao leitor menos timorato, de certo, que eu.

Ao lusco-fusco de uma tarde entrou subitamente no meu quarto o senhor Cruz. Já dentro da porta pediu-me licença para entrar, e eu concedi-lh'a amplissima, tomando de sobre a mesa o punhal, arma, com verdade, inutil para a grossa vestia de pelles do senhor Cruz.

Achegou-se da mesa, sentou-se a meu pedido, e disse-me:

— Tenho minha mulher a morrer em Lisboa, e venho pedir-lhe o favor de me notar um recado para eu saber pelo telegrapho como ella está.

Accendi o candieiro, espiando sempre os movimentos do consternado esposo. Segui os primeiros raios da chamma, e vi que o senhor Cruz tinha os olhos marejados de lagrimas. Acreditou-se algum tanto, para comigo, o homem que chorava. Varreram-se-me as suspeitas e ouvi-o attentamente.

— A pergunta é muito simples — disse-lhe eu — queira escrever.

Redigi o despacho, e perguntei-lhe se era nova sua mulher.

— Tem dezoito annos — respondeu o senhor Cruz enxugando as lagrimas. — É linda como as flores, e casou comigo ha dois annos, quando eu era feliz como aquelles que o são. Fui a Lisboa a tractar de negocios de meu antigo amo, e namorei-me d'ella, que vivia contente e abastada com seus paes. Apaixonou-se por mim, e casou comigo, que tenho mais vinte annos que ella. Logo tres mezes adiante cahi preso sem saber porque me prendiam. Appareceu um homem morto na estrada onde eu passei, e disseram que o matara eu. Minha mulher, quando tal soube, cahiu doente, e foi de mal em peor, até que hoje recebi da mãe d'ella uma carta, em que me diz que a minha mulher está a passar. Oxalá que um raio me partisse na hora em que eu desinquietei a pobre menina, que tão bonita era, e tanto estava para gosar o mundo!...

Dito isto com sincera magoa, o senhor Cruz mandou o seu recado á estação telegraphica, e voltou ao meu quarto a contar-me a historia do seu processo e condemnação com taes côres, que eu acreditei na innocencia do sujeito. Esta minha crença resistiu ainda á historia que me contaram d'outro homicidio d'elle, o qual expiara em dez annos de galés. Imaginei mesmo que elle podia tambem ter ido innocente da primeira vez; porém mais tarde um cavalheiro empregado no tribunal da Relação, viu o processo a meu pedido, e asseverou-me que o senhor Cruz matara dois homens assalariado.

Voltaram as minhas desconfianças anteriores, ins-

tigadas pelas repetidas paragens que o visinho fazia ao pé do meu quarto. Uma vez communiquei a José Teixeira do Telhado as minhas suspeitas, e este me disse:

— Esteja descançado. Se aqui alguem tentasse contra a sua vida, tres dias e tres noites não chegariam para enterrar os mortos.

Pacifiquei-me com este programma de José do Telhado. Não o achei exagerado nem impraticavel, nem despido de interesse dramatico. É certo que, d'aquelle dia em diante, ao escurecer, José Teixeira andava sempre passeando nas proximidades do meu quarto. N'uma occasião atravessava eu de noite os corredores, e vi que era seguido pelo Cruz, talvez sem intenção. Parei, e encostei-me á parede para lhe sondar o intento; mas, ao approximar-se elle de mim, estava José do Telhado a dois passos d'elle. O Cruz passou, e o celebre sargento da junta disse-me ao ouvido: « Agora parece-me que todas as cautelas são necessarias. » N'esse tempo, em um jornal de Lisboa, appareceu um artigo, onde se alludia ao perigo em que estava a minha vida na cadêa. O senhor Camillo Aureliano, funccionario cujas intenções são sempre boas e honradas, disse que eu estava fazendo romances. Estimei sinceramente que o senhor procurador regio se não enganasse. De feito, eram romances o meu susto; porque é já agora coisa de todo o ponto certa que eu não fui sequer assassinado pelo senhor Cruz.

Procurou-me um dia o meu jubiloso visinho para

me dizer que sua consorte estava restabelecida, e vinha brevemente para o Porto. Elogiei-lhe a dedicação de sua esposa, e o ditoso marido chorou de ternura.

Effectivamente veio a menina, com sua criada e bagagem.

Não lhe encarecera a belleza o marido. Era o fino typo da lisboeta: alta, airosa, magra e pallida, senhoril em modos, e bem fallante. Constituiu-se paraizo terreal para o senhor Cruz a cadêa. Recendiam-lhe a beijoim aquelles ares, e nem as columnas de missanga dos passos de D. Branca sorriam mais aos olhos do moiro, que as paredes verde-negras do carcere ao meu visinho.

Voaram dois mezes n'este enleio. A esposa alugou casa nas visinhanças da cadêa, d'onde o marido a estava vendo costurar á janella ou moirejar na casinha.

Ao termo, porém, de dois mezes, imaginou o senhor Cruz que sua mulher amava um guarda da cadêa, e desde então pagou usurariamente á desgraça as alegrias de dois mezes.

Contavam-me que elle se lhe lançava a ella de joelhos, rogando-lhe que o não trahisse; e ella ajoelhava tambem, supplicando-lhe que a não ultrajasse com o seu ciume. Scena bonita, digna de melhor theatro!

Era uma doença o ciume no senhor Cruz. Nenhuma razão nem prova lhe demovia as suspeitas, viboras do inferno que o espedaçavam, como se outro castigo de seus crimes lhe não quizesse dar a providencia. Se este homem tivesse conhecimento do Moiro

de Veneza, taxal-o-iam de vil imitador; e mais ainda se soubessem no que arrematataram aquelles ciumes, com quanto elle não afogasse a Desdémona nos travesseiros.

Foi assim o caso. A pobre calumniada já não podia com os insultos, e disse ao marido que voltava para seus paes. Esta ameaça exasperou o marido, que exclamou:

— Não has de ir com vida! Hei de matar-te com este cordão que te dei!

Era um grosso cordão de ouro que ella tinha ao pescoço, e pelo qual elle puxava em phrenesis de possesso. A estrangulada gritou; acudiram os visinhos, e arrancaram-lh'a das mãos, onde ficou em pedaços o cordão.

No dia seguinte a mais amada das esposas foi para Lisboa duvidosa de que o ciume seja prova irrespondivel do muito amor.

O senhor Cruz, Othello mallogrado, não quiz dar mais ansa á tragedia. É crivel que vendesse os fragmentos do cordão conjugicida, e os comesse em carneiro com batatas, petisco que sahia de suas mãos como da culinaria dos anjos.

Nunca me entendi bem com os amores conjugaes do meu visinho.

O que eu de sobra vi foi que elle era mestre no jogo da faca, em exercicios com o José do Telhado, seu emulo em destreza. Ambos elles tinham tirado a prova real na pratica de sua habilidade. Diziam, a seu modo,

que do vel-o ao dizel-o ia muita differença. Queriam dizer, que as theorias do jogo da faca eram muitas vézes sacrificadas a uma facada menos artistica. E então argumentavam com factos inconcludentes para a sua innocencia.

XX.

Tirado á sorte o heroe ou heroina d'este capitulo, sáe a senhora Joanninha.

Começando pelo principio, era conhecida em Lamego por *senhora Soanninha*, uma galante moça, filha de artistas. Isto, ha cincoenta annos, quando ella tinha dezeseis.

O arcediago de Lamego (que estas *Memorias* não lembrem ao diabo os peccados velhos do conego!) bebia os ventos pela mocinha, e armava-lhe quantas engenhosas buizes inspira o amor a um conego rico e inerte. Joanninha tinha o defeito de invejar as saias e as plumas das fidalgas de Lamego: e o arcediago, nos furtivos instantes em que podia azoinal-a, dizia-lhe que ella podia ter plumas e saias de lapim.

Ora o padre não era repellente, nem velho. Muito boa gente, no pensar de Joanninha, acceitaria, ás mãos ambas, o que ella rejeitava por uma pouca de má vergonha. Por esta brecha entrou o espirito immundo, e sahiu o virginal pudor da moça. Os paes andavam uma

manhan á cata d'ella, e o arcediago chamou-os á puridade para lhes dizer que remediassem a sua vida com o dinheiro d'elle, e não dessem á lingoa, que seria peor sobre ser inutil.

Ha cincoenta annos um prebendado de illustrissima prosapia lamecense calava e convencia assim um pobre mechanico, um carpenteiro!

Teve Joanninha as suspiradas plumas e setins. Foi muitas vezes ás caldas com o arcediago. Foi a Lisboa ás festas da acclamação de D. João VI. Esteve no theatro de S. Carlos, e na rua dos Condes. Voltou a Lamego com ares de côrte; e rebateu muitas tentações de fidalgos, que invejavam o conego. Manteve-se fiel quarenta annos; e acariciou a velhice do padre, que morreu saciado de prazeres, e contente da carreira em que, por pouco, se não encontra com a mitra da sé lamecense!

Herdou Joanninha o grande cabedal do arcediago, e retirou-se a uma quinta de sua herança para se fechar de todo a impressões mundanas.

Era cuidado em demasia para os seus cincoenta e seis annos; mas o seu temperamento lá o conhecia ella.

Conjuraram a tental-a seis oppositores á sua mão de esposa. Joanninha muito pôde comsigo, resistindo a cinco. O sexto era um lavrador, maduro de annos, viuvo, visinho das suas terras, e pae d'umas moças que lhe faziam boa companhia a ella, e promettiam amal-a como mãe.

Casou, pois, a senhora Joanna, e levou para sua casa os enteados e as enteadas.

Um d'aquelles era rapaz que tinha cursado aulas de theologia em Lamego, onde fôra reprovado. O outro fôra cabo de esquadra, e estava em casa com baixa. Andavam ambos á competencia em ruindade de costumes, e destemiam o pae, que já não podia domal-os.

A senhora Joanna, quando se viu atormentada por exigencias dos enteados, arrependeu-se de ter casado. Pediu ao marido que afastasse de si os maus filhos, e conseguiu impontal-os para o Brazil.

Decorrido um anno voltaram os rapazes, allegando que se davam mal com o clima. A madrasta recebeu-os mal, e o pae carinhosamente, decidindo-se a favor dos filhos nas pendencias em que ella andava rixada com elles. Joanna lançava em rosto ao marido o dispendio dos seus bens com filhos alheios; e o marido dizia-lhe que alli não havia *teu* nem *meu*, que era tudo do casal.

— O casal do senhor arcediago! — exclamava ella.

— Tem vergonha, mulher! não digas de quem te veio o casal! — retrucava elle.

— Tu não o sabias? Para que me quizeste?!

— Tentou-me o diabo. Agora é gemer na cama, que é parte quente, e aturar-te as sovinices e a velhice.

E chamava-lhe *cascata* umas vezes por outras; com o que a senhora Joanninha se affligia, e provava que era cascata com o enxurro das lagrimas.

Os rapazes, cobrando ousio do exemplo do pae, escarneciam a madrasta, se ella se queixava de lhe roubarem alguma prenda de valor, recebida das mãos do arcediago em horas de saudosa meiguice. Fallavam-lhe nos passados amores; e no auge da petulancia, chegaram a denominal-a *reverenda arcediaga*, e caruchosa trave do cabido de Lamego.

Chamarem *trave* á pobre mulher que se vira applaudida de bella no theatro de S. Carlos e na rua dos Condes!

Amargurada existencia era a da infeliz, que todos os da casa abandonaram!

Pensava ella que abrandaria o seu cruel destino, com o casarem-se os dois rapazes. Deixou vender parte dos seus bens para dotal-os, e fez quanto pôde por conciliar a estima das enteadas e do marido.

Não melhorou. Os rapazes desconchavaram-se com os sogros, e foram com as mulheres para casa do pae. Eram inimigos em duplicado que ella comprara com os seus bens.

Levada de desesperação, a senhora Joanna fugiu de casa, e procurou o abrigo de parentes. O marido, citado para divorcio, simulou arrependimento, e obrigou os filhos a pedirem perdão á madrasta.

Joanna voltou para casa, e maravilhou-se da mudança. Respeitavam-na, cuidavam d'ella, não a deixavam levantar antes de almoço, e reservavam-lhe ao jantar os melhores acepipes.

Passados alguns mezes sentiu a acarinhada mulher

dores fortes de estomago, lembrou-se de que a envenenaram lentamente. Disfarçou as suspeitas, e entrou a rebuscar, em horas seguras, os escaninhos da casa. Como encontrasse um cartuxinho com pó de vidro, escondeu o embrulho, e nunca mais almoçou senão com a familia.

Perguntou-lhe o marido porque não almoçava na cama; e ella teve a imprudencia de sorrir-se.

Todos os commensaes comprehenderam o sorriso, e desataram a mascara.

Aos maus tractos antigos accresceu o espancamento, porque a senhora Joanna negou a sua assignatura á venda de outras propriedades. Quiz ella tentar segunda fuga; mas achou-se vigiada, e rebatida pelos enteados. Quiz vencer a violencia, e foi arrastada e fechada n'um quarto, onde esteve alguns mezes, esperando a cada instante a morte nas comidas que lhe davam.

Joanna pediu que a deixassem fallar com seu marido. O lavrador, prevendo a realisação do seu plano, foi ao quarto da mulher, e viu-a humilhada e de joelhos, sujeitando-se a tudo, promptificando-se a assignar todas as vendas, com tanto que a não tivessem fechada.

Deram-lhe larga na casa; mas espiando-a sempre.

Joanna fingiu-se resignada com tudo, e era ella a primeira a suggerir despezas e caprichos a seus enteados.

— Foi optima a lição! — diziam elles ao pae; e o pae achava graça ao escarneo triumphante dos filhos.

Um dia disse ella a um dos enteados:

— Vou-lhe dizer um segredo; mas peço-lhe por quanto ha que o não diga a seu pae, nem a ninguem. Dou-lhe o meu relogio d'ouro, se me fôr fiel.

— Sou — disse o enteado na melhor intenção.

— Eu quero matar-me — tornou ella — estou farta de viver, e não faço falta a ninguem. Depois que eu morra não se me importa que saibam que me matei. O senhor arranja-me uns poucos de pós dos ratos?

— Eu! ora essa! vocemecê está a mangar! — replicou elle.

— Não estou a mangar; faça-me o que eu lhe peço, que é um segredo que morre comigo. Que lhe custa isto?!

— A fallar a verdade, não sei para que vocemecê ha de dar cabo de si!...

— Não me faça reflexões. Aqui tem já o meu relogio. Vai buscar-me os pós?

O enteado tomou o relogio, e redarguiu:

— Mas se depois sabem que fui eu?

— Ninguem o sabe. Se eu morrer ámanhan, enterram-me depois. Quem ha de ir á cova saber de que eu morri?

O dialogo continuou assim até ao definitivo assentimento do enteado. Disse-me a senhora Joanninha que suspeitava ter seu marido sido avisado pelo filho do intento d'ella: não creio, em vista dos successos posteriores.

Obteve o filho do lavrador em Lamego os pós de Joannes, e deu-os á madrasta, que os recebeu com expressões de muito agradecida. Estava á porta a vespera de natal. As filhas do lavrador, casadas fóra, vieram no solemne dia cear com o pae. Além do vinho de casa, o velho trouxera de Lamego algumas garrafas do velho do Douro para compôr o estomago sobre as rabanadas e o arroz doce.

Joanna foi á pratelleira, e vasou o veneno em duas das tres garrafas.

É de uso, nas provincias do norte, occuparem a vespera do natal no cozinhado da ceia, e tomarem as familias um leve repasto ao meio dia para terem o estomago desempedido á noite.

O lavrador, porém, como achasse leveiro de mais o bolinho de bacalhau que as filhas lhe deram ao jantar, procurou a compensação no vinho velho, e abriu uma das tres garrafas ás escondidas dos filhos. Acertou de beber bom trago de uma das garrafas envenenadas, e bebeu segundo para se convencer de que o vinho estava azedado.

Meia hora depois o marido da senhora Joanninha espolinhava-se no sobrado com ancias de morrer, e gritava que o tinham envenenado.

A herdeira do arcediago foi á beira de seu marido, e ahi podia ser muito mais dramatica do que foi. Se isto fosse romance, a senhora Joanna devia dizer coisas pavorosas ao ouvido do agonisante, e cruzar os braços, e rir-se sarcasticamente do estertor do marido

envenenado por favor de seu proprio filho, e morto nos paroxismos que quizera dar-lhe a ella.

Nada d'isto. Fingiu-se afflicta, se o não estava sinceramente, por ver gorada a sua traça. Era plano d'ella envenenar toda a familia, na hypothese de que as garrafas seriam abertas á sobre-mesa. Quem diria que alli n'um cantinho da Beira se estava maquinando um festim de Borgias!

Morreu o lavrador amaldiçoando a mulher, contra a qual gritou a familia inteira, excepto as esposas dos filhos nas horas em que se iam á cozinha a comer ás furtadelas os grelos ensopados e os ovos mexidos.

Foi a senhora Joanninha encarcerada nas enxovias da Relação de Lamego, onde se encontrou com a senhora D. Benedicta, já historiada.

Negou o crime; mas a prova dispensava a confissão da ré. Foi condemnada a pena capital, e de Lamego removida para a Relação do Porto, onde, decorridos annos de prisão, teve commutação para Africa com prisão por toda a vida.

Fallei com a condemnada, e requeri ainda em nome d'ella, pedindo que a deixassem morrer na cadêa, sem o degredo, visto que tinha sessenta e seis annos, e doenças de breve despacho para a sepultura. Este requerimento foi encontrado pela lei, que não dispensava a sentenciada de cumprir sentença.

A senhora Joanninha pudera salvar da naufragada herança do arcediago um saquito de dinheiro em ouro, de bom tamanho, o qual levou comsigo.

É coisa para pensar o destino em que pararam as reliquias dos haveres do arcediago de Lamego! No carcere d'um prezidio africano!... Pessoa mais vezada a esmiuçar moralidades nos acontecimentos podia d'este successo haurir muitas paginas de religiosas meditações, e exemplarissimas advertencias ás moças, para que não acceitem heranças de padres, e aos padres, para que não deixem heranças ás moças.

A mim só me basta dizer, que esta desgraçada Joanninha podia ter morrido serenamente no goso dos bens do arcediago, se o secreto inimigo das vilipendiosas herdeiras lhe não apparecesse na figura do visinho, o qual, por ser a figura do demonio, morreu sem me causar dó.

Era muita gente apostada a fazer criminosa a pobre Joanna! Deus sabe quantas agonias a espedaçaram antes d'ella resolver a mortandade de tantas familias!

XXI.

Noite alta sahi do meu quarto. Os corredores estavam em escuridão cerrada. A luz da lampada apagara-se sob a pressão aquosa do ar.

Ouvi o resonar cavernoso dos guardas, e o fremente assovio do norte nos zimborios magestosos d'aquella caverna miasmatica.

Passei ávante, apegado ás arcarias. Escorregavam-me os pés no soalho lamacento, e a frialdade gordurosa das paredes regelava-me as mãos, e filtrava-me ao peito uma dor glacial, angustia indescriptivel.

Encostei-me ás portadas do cubiculo, que fôra oratorio de padecentes, e avoquei á phantasia quantos pavores podiam accender-m'a em chamma febril.

E o vento, raspando nos ferros exteriores, semelhava os gemidos dos padecentes, conglobados n'um só gemido.

E passei ávante, soffreando a respiração, para que o menor som d'aquella infernal e mysteriosa harmonia calasse em minha alma.

Não sei que tempo vivi n'aquellas trevas, nem quantas vezes o brado das sentinellas revoou nas profundas abobadas.

Subito, um gemido, longo como o grito estertoroso de victima, lentamente sopezada em mãos de algoz, me espertou da sepulcral lethargia.

Era voz de mulher, se anjo da agonia não vinha assim gemer na terra, com as notas dos canticos do ceo.

Acompanhavam-o accordes de musica, plangentes como de harpa, dulcissimos como as melodias dos arrobamentos dos santos, perdidos d'alma na bemaventurança d'além-mundo.

E fui ávante, porque os sons clamorosos e a musica pungitiva vinha do lado em que bruxuleava uma lampada.

Dei de face ante uma porta cintada de ferro, e trancada d'um ferrolho, que simulava grossa alavanca, suspensa entre anneis.

E esta porta abriu-se de par em par, e os eccos não lhe ouviram um rugido leve dos gonzos.

Estava eu em frente da enfermaria dos presos. Ajustei o rosto á fresta da porta, que os separava do meu recintho, e vinham de lá umas lufadas fetidas, que nauseavam, e me batiam de encontro ao craneo como pancadas surdas de vai-vem de ferro.

E permaneci immovel áquelle respiraculo da morte, como se alli fosse pedir áquelles que se estorciam a minha agonia.

Contemplei, e vi.

Ao topo do extenso corredor estava arvorada cruz enorme com a imagem de Jesus Christo. O escarlate lustroso das chagas reluzia na penumbra da lampada. Ladeavam a cruz duas jarras de flores murchas, e mortas ao ar mortal do halito dos enfermos.

E ouvi o gemer roufenho do arquejar d'um agonisante. Nem um padre, nem uma voz humana, nem a consolação d'um amigo ou inimigo compadecido.

E ouvi o blasphemar d'outro agonisante, que sacudia os braços, e afuzilava nos olhos ao raio frouxo da luz, cujos raios morriam ao pé do seu catre, como se a esperança do expirante houvesse de morrer com elles.

Esperei: e vi trespassar o primeiro. Fugi á visão medonha do segundo, porque o pulmão se me rasgava com a peçonha d'aquelle ambiente.

Puz os olhos fitos nas chagas de Jesus, e disse:

« Oh Christo! O teu codigo tem mil e oitocentos e sessenta annos! A justiça dos homens é haurida dos teus divinos preceitos! Contempla da tua cruz, ó Filho de Deus, esses homens que te maldizem, porque ninguem lhes ensina que a justiça, que assim os mata, não é obra tua, Senhor Deus de Tyberiades, do Cedron, do publicano, da adultera, de Dimas, e de Magdalena! »

E a toada dos anjos e os harmonicos da harpa, coaram outra vez em meus ouvidos.

Voltei o rosto para as trevas fronteiras, e apalpei-as, até encontrar a frialdade d'um possante ferrolho.

Abriu-se de par em par a porta, e o canto gemente veio em ondas d'um ar infecto como exhalações cadavericas.

Era a enfermaria das presas.

Alli não estava o Christo, nem lampadario, nem symbolo de piedade. Era tudo symbolico de morte sem esperança, porque as trevas do tumulo não são mais carregadas.

E caminhei entre duas alas de grabatos, que eu presentia no resonar alto d'umas, e no convulsivo gemer das outras presas.

Na extrema d'esse corredor estava uma outra porta, por cujas fisgas azulejavam umas betas luminosas, que pareciam coadas dos intersticios de antigos sepulcros.

Não sei que mutação se fez em minha alma; porque do interior d'aquelle ergastulo sahiram resplandores a jorro; e, entre ondas de luz vivida como a do relampago, vi dois anjos, em seus envoltorios de éther, tristissimos no aspecto.

Era um d'elles o ANJO DA DESGRAÇA, e tinha em suas mãos uma grinalda de espinhos: era o outro o ANJO DA PACIENCIA, e tinha em suas mãos a urna das lagrimas.

E os cantares tristes e a soada celestial da harpa vinham d'alli mui perto, sem que meus olhos pudessem ver os labios que vibravam gemidos, nem os dedos que pulsavam o alaude.

« Vem! » disseram os anjos.

E tomaram de sobre uma pobre enxerga, que assentava no pavimento, uma formosa criancinha de tres annos, e disseram:

« Temol-a pedido para os nossos irmãos do ceo; mas a mãe chora em nossas mãos, e pede-nos maiores tormentos, para melhor merecer a vida de seu filho. »

E eu ia beijar a criancinha, e o anjo da desgraça afastou-m'a dos labios, clamando:

« Não lhe filtres o virus da tua desgraça. Os teus labios estão viscosos da taça do crime. Deixa-o dormir, que está vivendo na sua patria, e entende as alegrias do ceo. »

E o anjo, que fallara assim, apertou-me ao seio com amargo transporte, e disse-me:

« Com que amor te hei querido! Que espectaculo vou dar-te como prova extrema de amar-te muito! »

E fendeu-se um véo de trevas, ao fim d'um lôbrego passadiço, por onde os anjos me guiavam, sem radiarem sua luz á escuridão circumposta.

E vi uma mulher sentada a um piano, sobre o qual gotteavam as abobadas. Dedilhava nas teclas, e immergia os olhos nos recantos escuros da sua caverna.

E o anjo da desgraça pôz-lhe a mão no seio, e ella chorou.

E o anjo da paciencia, recebendo as lagrimas na urna, pôz-lhe a mão na fronte, e ella sorriu.

Um anjo dissera: SOFFRE.

E dissera o outro anjo: ESPERA.

E o cantico, um instante suspenso, continuou; e

os labios diziam estas plavras, que se abriam em minha memoria a buril de fogo:

« Ó minha infancia! ó meu doce amor das flores, e do ceo estrellado!

« Ó minhas irmansinhas, fugidas pombas, que vos não amerceaes de mim no ceo!

« Ó minha mãe, que me déste a tua derradeira benção, e as tuas derradeiras lagrimas!

« Ó meu pae, que achavas este mundo indigno da tua filha querida!

« Descei, larvas queridas, e dai-me uma dobra de vossa mortalha para eu limpar as lagrimas!

« Vinde, minhas irmans, e tomai da minha coroa ensanguentada alguns espinhos, e ide com elles a Deos a pedir-lhe misericordia!

« Vinde ao meu tumulo, se vos não affronta a minha ignominia! Vinde, virginaes corações de minhas irmans, e ajudai-me a lembrar a minha mocidade! Levai-me ao berço de nossos irmãosinhos mortos, e dai-me flores para eu os coroar para o ceo! »

Calou-se, e aconchegou do seio as mãos geladas, e murmurou:

— Que frio, meu Deus!

E o anjo da desgraça juntou as suas mãos ás d'ella, e disse-lhe:

— Aquece-as no incendio que te devora os pulmões. Cospe n'ellas uma golfada do teu sangue, que calcina como lava vulcanica.

E a martyr continuou o seu cantar.

Era já outra a voz, e terrivel de rispidez o acompanhamento da musica.

Confrangeu-se-me o coração, porque era este o dizer d'ella:

— Foram á minha innocencia, e á minha formosura, e lançaram em pregão uma e outra.

« E quando eu pedia que me deixassem uma primavera mais para chorar sobre as minhas flores, mandavam-me sottopôr o coração a um cofre de ferro em braza, cheio de oiro e lagrimas.

« E, se eu cahia de vergonha diante de mim propria, covarde para a rebellião contra a prepotencia de meus paes, levantavam-me do meu abatimento com a ponta do pé, ou queimavam-me as faces com bofetadas para que as lagrimas seccassem de pressa, e m'as não visse o homem que me comprara!

Aqui, o canto era um desabafar em crebros soluços, e as mãos corriam vertiginosas sobre o teclado, como se em cada tecla chammejasse uma lingua de lume.

E o anjo da paciencia poz-lhe a mão na fronte, e sellou-lhe os labios. E as lagrimas rebentaram a quatro para a urna, que as evaporava em perfumes a Deus.

E, outra vez, aconchegou as mãos ao seio, murmurando:

« Que frio, meu Deos!

E vi-a levantar-se já serena, mas hirta como os fantasmas de Macpherson.

Caminhou ao longo do corredor lôbrego, e ajoe-

lhou-se no chão, e debruçou-se sobre o filhinho, que dormia, e sorria, e ciciava umas palavras, que ella parecia entender-lhe.

E, depois, abriu a janella, e encostou a um varão de ferro a fronte afogueada.

O horisonte do mar estava rubido, como os tectos d'uma cidade em lavaredas.

E o norte vinha de lá refrigerar-lhe a fronte, e apagar-lhe no seio os borbotões do sangue fervente.

Mas ella bafejava as mãos, e dizia:

« Que frio, meu Deus! »

E voltou, de golpe, para as sombras do seu antro, murmurando:

« Se eu pudesse dormir!...

E então lhe disse o anjo da desgraça, tomando-a pela mão:

« Aqui tens a tua enxerga nas taboas, e a manta da caridade para te cobrires.

E ella deitou-se, aconchegando da barba convulsa a orla da cobertura.

Eu vi sentar-se ao seu lado o anjo da paciencia, e dizer-lhe:

— Dorme!

E ella adormeceu envolta em uma columna de luz, que rompia as abobadas, e topetava com a profundeza dos ceos.

Vi-a sorrir adormecida; e eu disse ao anjo da paciencia:

« Sorriem estes labios!?... Que visão lhe deu á desgraçada o Senhor que te enviou a ella?!

« Vê as almas de suas irmans, que descem na columna luminosa a consolal-a » — respondeu o anjo.

E eu ajoelhei ao pé d'ella . . . . . .

. . . . . .

Restrugem os ferrolhos nos seus anneis. Acordo. Vejo o dia no meu quarto!

Era um sonho! Mas que magnifico e pavoroso sonho eu tive!

Antes assim, meu Deus! Que feia seria a vossa creação, se, debaixo do vosso throno, fosse possivel a desgraça da mulher da minha visão!

Bem hajas tu, chaveiro, que me espertaste d'aquelle pezadello, em que eu vertia por compaixão da martyr as lagrimas que não tinha para as minhas dôres!

XXII.

Longe de nós os sonhos! Vamos a realidades bem chagadas, bem em carne viva, bem postas em galerias de paineis, que pintem a vida, o homem, a perfeição, a obra do ultimo dia, após o qual Jehovah, vendo que era optimo o feito, descançou.

Eu é que não descanço a trazer a lume aquellas amostras de perfeição, que demoram obscuras nos seus antros, como se alli mesmo não estivessem por conta de Deus, que paternalmente as fez.

Tem assignalado logar n'estas minhas biographias o senhor A. A. d'A. S., morgado do R***, natural de Entre-ambos-os-rios.

Não sei em que arvore de rei godo entronca a vergontea dos Sodrés, cujo representante alli está na Relação, e de lá irá sumir-se nas areias africanas, como delgado fio de lympha, reliquias de torrente, que veio soberba atravez dos seculos.

O morgado do R***, filho e neto de perdularios e façanhosos fidalgos, foi fiel ás tradições e ao exemplo,

dando muita pancadaria, e dissipando á tôa o morgadio, já retalhado e ferido de morte.

Parece ter quarenta e cinco annos. Apparenta structura debil, e não desdiz das raças apuradas na delicadeza de feitio. As feições são finas e sympathicas. O ar, os modos, este complexo de nadas, que denotam cultivo de boa sociedade, não os tem. Ressabe ao montesinho, e logo se denota como homem de aldeãos costumes e convivencia de ralé.

A mocidade do morgado foi borrascosa em desordens de feiras, onde elle campava, não de valente com um varapau nas unhas, mas de destro em desengatilhar as pistolas, companheiras fieis dos seus coldres.

Casou muito moço com uma senhora, parenta de uma das principaes familias do Porto. Foi casamento de contracto, e de martyrio para a sacrificada menina. As familias d'aquelles sitios pasmaram de tal consorcio, e lastimaram a victima, ainda antes de ella implorar a piedade publica, para allivio de secretos desgostos.

O morgado não mudou de vida para melhor; peorou-a em ligações adulterinas com differentes creaturas venaes, ou talvez timoratas da sanha despeitosa d'elle.

Em uma de suas quintas alojara o senhor S*** uma das mais dilectas concubinas, servida de estado e regalias, que negou á esposa. Os filhos d'ella eram mais estimados que os legitimos. Lá passava temporadas, saboreando-se no amor de familia, que o anojava

nas caricias da familia propria. O melhor dos productos de sua lavoira era recadado na casa da mulher vil de nascimento e vil de instincto, que authorisava a flagellação da santa esposa, sem lhe amar o marido.

Nos primeiros tempos de marido foi o senhor S*** culpado n'um homicidio; mas venceu com dinheiro a vindicta da parte. Este successo vingou-lhe creditos de invulneravel á justiça, e a impune arrogancia de vencer pelo terror.

No decurso de vinte annos o morgado grangeou fama de todas as ignominias. Nos arredores do seu solar temiam-no como salteador, arguição não provada em depoimento de testemunhas. Assentava, talvez, a hypothese no facto de elle ter esbanjado todo o seu patrimonio, e continuar a possuir bons cavallos, e a dispender em custosos caprichos.

Quando, porém, o viram descarnadamente pobre, solicitando emprestimos insolventes de amigos e parentes, o terror que tinham d'elle disparou em menospreço, e contentamento de vingança.

Mas não era o morgado do R*** homem que desmaiasse de instinctos bravíos pelo accidente da pobreza, que só debilita os orgulhos postiços, e as almas de todo o ponto baixas.

Contam os seus conterraneos, que, sendo elle um dia instado em termos desabridos d'um credor para pagar-lhe, o morgado pagou-lhe em prata, e disse: « Agora has de receber o juro em chumbo. » E dizendo, abriu-lhe com uma bala na cabeça larga fenda á vida.

Isto contou-m'o o reitor da parochia do senhor morgado, com santo horror do feito, e eu conto a coisa assim para aviso de usureiros, a quem possa descontentar o pagamento de suas onzenas em semelhante especie.

Contam que outro credor fôra assassinado por egual theor; mas eu vacillo em crer todas as atoardas que giram á conta d'um homem seguro entre ferros.

O morgado cahira em extrema pobreza ha dois annos. As colheitas dos pouquissimos e desamanhados bens escasseavam para o segundo mez do inverno. Em casa não havia um lençol, nem uma cama decente para a infeliz senhora. As familias principaes esmolavam-lhe a ella alimentos e roupas; e a virtuosa repartia do pão e da cobertura com a mãe dos filhos de seu marido, tirando aos seus o que podia esconder de suas lagrimas supplicantes.

Tem a senhora um parente no Brazil. Chegou lá a noticia da pobreza d'ella. Desde logo o primo, que fôra pobre, e a trabalhar enriquecera, lhe estabeleceu mesada de doze mil reis, que ella entregava inteira a seu marido, e hoje do mesmo modo lhe remette para a cadêa.

Quasi atidas a estas migalhas viviam as duas familias do morgado do R * * *, quando se não azava o ensejo ao desacreditado fidalgo de enganar algum incauto sobre a presumpção de possuir bens hypothecaveis.

Agarrochado por desgostos e insultos, o morgado acolheu-se ao seio da familia, como quem nenhum ou-

tro refugio tinha. Porém, a mulher e os filhos, que lhe davam remanso e socego, não era a martyr, nem os esfarrapados meninos. O espectaculo d'uma senhora, illustremente nascida e educada, assanhava-lhe as impaciencias. Tres filhos sem educação, sem amor, sem as alegrias que desassombram a tristeza de um pae, eram-lhe incentivos a enojo, e accusação pungente. D'ella e d'elles fugia o morgado, e no estupido contentamento da mulher prosperada em confronto com o que fôra, e dos filhos carinhosos, porque tinham sido acarinhados, é que o amante e o pae desafogava as amarguras, e, para assim dizer, se sentia com bondade e coração. É pois certo que em lagôas infectas vecejam flores de agradavel vista; luz, a instantes, a virtude nas escuridades do vicio.

D'estes filhos o mais velho era uma menina de vinte annos, morena de negros olhos, de estatura robusta, e de se amar de véras por quem sabe achar o bello fóra dos moldes pedagogicos que a arte nos incampa. Não era raphaelesca, nem pedia meças ás imagens de Murillo ou Tintoreto. Era uma cara portugueza de lei, minhota de primor, que se não amorenara ao sol da Arabia; mas que, em verdade, devia ter lá dentro tempestades calcinantes como as do simoun.

Dilectamente a estimava o pae, e a tinha em conta de pura, e pura de *impérvia virgindade*, como diz o oratoriano Bernardes a proposito de grandes santas.

Era illusoria a crença.

Maria queimara-se desde os dezeseis annos, como

borboleta doida, na primeira flamma que vira em olhos de homem. Atraiçoada fôra; mas, ainda trahida, quão galharda se sahiu na lição que deu ao seductor!

Iria ella queixar-se ao pae?

Sahir-lhe-ia aos banhos?

Publicaria sua deshonra, para que o mundo forçasse em clamorosa censura o perfido a esposal-a? Isso era vulgar para aquella moça, que tinha a distincção da suprema desventura.

Uma vez, após longas noites anciadas sem vel-o, convicta do abandono, sahiu aforrada de casa, e transpôz sósinha os dois outeiros que os distanciavam.

Sentou-se ao portal do amado, que o era ainda, e meditou. Era a vez primeira que se sentia mulher. Tinha um punhal no seio, e o ferro cortava-lhe primeiro as fibras a ella. O coração arquejava contra o instrumento da morte; mas a vibora da vingança, com maior pungimento, lhe alheava o espirito em impetos de raiva.

Quando cogitava afflicta, chegou o moço, o bemquisto d'outras, que por ventura vinha contando com philauciosa infamia o numero das suas triumphadas praças.

Maria levantou-se ante elle e perguntou-lhe porque a não procurava, sabendo que era esperado.

Perguntas d'estas a enfastiado amante são rebates de remorsos, que trovejam contra a victima.

Respondeu-lhe ironias, porque a surpreza lhe não dera tempo a inventar a mentira. Forçado no extremo

reducto, fingiu a seriedade de conselheiro, e encarecia-lhe os beneficios da resignação e do juizo.

Maria não chorou, nem com rogos fez mais feia e menospresada sua deshonra.

Tirou do punhal, quando não tinha já que tirar do peito, exhauridas as criminações.

Sorriu-se do feito o amante, e ella, affrontada da mofa, apontou-lhe o ferro ao seio, e descarregou o golpe.

Não lhe valeu a elle o rebatel-o com o braço. Entrara funda a lamina, e as pernas do ferido oscillaram como se o golpe o fulminasse.

Maria seguiu imperterrita o caminho de sua casa. Entrou ao seu quarto despresentida, e confessa que lavara com suas lagrimas as nódoas de sangue do punhal.

Ao outro dia contava-se o successo. O ferido estava-o gravemente; mas dava a esperar salvar-se. Quem o ferira, ninguem sabia, nem elle. Corria que um vulto, ao perpassar por elle, lhe correra uma facada.

Foi lento o convalescimento; e, no entanto, Maria emmagrecia, insulava-se de todos, fallava em morrer, e orava a intervallos com pouca fé, e consolação nenhuma.

Restaurou-se o ferido, e desappareceu da terra. Esporeara-o a vergonha ou o medo? Sabe-o elle; e elle, se quizer, que o diga, quando voltar da America.

A mais se condensaram as trevas no animo do

morgado do R***, vendo ameaçada de morte a filha, a mais amada, a primeira que lhe sorrira, e por quem mataria um homem, possuidor do pão negado á fome d'ella.

Suspeitou um enredo de infelizes amores, e instou com ella a contar-lh'os, jurando vingal-a.

Maria, sorrindo, dizia:

— Eu me vingaria, meu pàe...

Andava o suspeitoso pae inquirindo da visinhança se alguma vez suspeitaram de sua filha em namoros ou conversações a deshoras. Ninguem o esclarecia; nem um rasto de luz, que elle pudesse cobrir de sangue!

Perguntou a facultativos se sua filha podia assim morrer, sem paixão d'alma. Diziam-lhe uns que a alma não tem que ver com a morte do corpo; outros concordavam com elle na conjectura de algum grande desgosto.

O morgado do R*** abafava de colera sem fito onde apontar a clavina, respiradouro unico de suas ancias.

N'este comênos chegou, vindo do Brazil, um sujeito a Entre-ambos-os-rios.

Voltara moço de mais para ser rico. Sobejavam-lhe, ainda assim, os recursos que andara mealhando com muito lavor, e esperança de os desfructar na patria.

De pequeno fôra o brazileiro muito da casa do morgado, como usam ser os meninos pobres da som-

bra hospitaleira dos proprietarios ricos. Quem elle procurou primeiro, depois de sua familia, foi o morgado, que affectuosamente o recebeu, e apiedou com sua pobreza.

O moço valeu-lhe n'aquella hora, e em muitas. A sociedade queria endurecer-lhe o coração contra o dissipador; elle, porém, que o estava sempre vendo na prosperidade em que o deixara, vinte annos antes, esquecia-se das penosas fadigas do Brazil para se despender em beneficio das duas familias.

Uma e outra já elle conhecia, porque o morgado lhe dera a distincção de fallar com a sua estremecida filha, e divertil-a dos pensamentos tristes.

O brazileiro amou Maria. Nunca outra mulher lograra roubar-lhe instantes á canceira de seu viver. Outra alguma não vira, cuja imagem lhe agitasse as insomnias, ou dourasse os sonhos.

Devera dizer-lh'o no primeiro dia, que seria todo coração nas vozes; mas não podia, nem sabia, nem pensara no destino que o forçava á sua confissão.

De o verem frequentar a miudo a casa, diziam os visinhos que o morgado mercadejava os unicos dominios que tinha; e iam ao mesmo tempo dizer ao morgado que vigiasse a honra de sua filha.

— Tomara eu que ella vivesse — dizia o pae — que ella se vigiará, quando eu a não vigiar.

Resaltou espontaneo dos labios o amor, que trazia as azas entralhadas nos embaraços do pejo. Fallou o brazileiro, e Maria ouviu-o com pudor, o segundo pu-

dor, que enrubesce mais a pelle que o da innocencia, o pudor da paixão que se vê requerida e chamada, sem desar, do coração recondito.

A morte já não tinha que fazer alli. Maria recobrou o viçor fenecido. Esqueceu-se. Transfigurou-se-lhe o mundo. Aqueceu-á o antigo sol. Relembraram-lhe as cantilenas da infancia. Reconheceu as amigas dos brinquedos e das folias. Já os prados lhe davam *malmequeres* para consultar; e a noite de S. João agouros, nas sortes abertas n'agua: e nas fórmas das congelações, no vidro enchido á meia noite na encantada fonte.

O morgado alegrou-se do effeito; mas converteu em rancor a causa. O brazileiro achava-o outro e mal-assombrado quando o surprendia a sós com Maria. Humildou-se o amante, e perguntou-lhe porque o via com maus olhos. O morgado respondeu brutalmente que não pagava suas dividas com a filha. Envilecida alma que pôde responder assim! Mais baixeza ha n'isto, que ferocidade nos homicidios de sua passada vida!

Foi Maria reprehendida e ameaçada; mas a submissão filial, na moça, não podia ser exemplar, quando havia n'ella instinctos varonis, e arrojos que não tropeçavam no sangue.

Respondeu que amava o brazileiro, e tinha gloria n'isso.

Redarguiu o pae, que se ella tinha gloria, tambem elle tinha uma clavina.

Maria pediu ao amante que a deixasse, e calou os

receios. Obrigada a justificar-se, confessou que temia expol-o ao odio do pae.

O pobre moço entendeu a mal-querença do morgado, como de razão era que a entendesse. Pediu-lh'a para esposa, cuidando ser acolhido com estremoso abraço. O pae quedou-se carrancudo, e disse:

— A filha do morgado do R*** não casa com um homem, que vinha á minha porta pedir o pão.

Desde este dia o brazileiro não voltou a casa de Maria; mas contou á mãe d'ella a resposta do morgado.

Soube a moça o desfecho da sua illusão d'um anno, e avergou ligeiramente ao quebranto. Estava emancipada para todos os direitos de ser infeliz, e nenhuma força de conselho ou razão lhe impecia os planos. Foi ella procurar o homem, que mais a merecera pela injustiça da injuria, e disse-lhe:

— Leva-me para onde quizeres.

Para esposa é que elle a queria, e Maria respondeu-lhe:

— Não posso ser tua esposa: serei tua amante.

E contou-lhe a breve historia da sua deshonra.

A revelação espontanea, feita sem lagrimas, valeu no coração do amante como rehabilitação de pureza, e nova corôa de virgem para a fronte d'ella.

— Não importa — disse elle — serás minha mulher.

— Nunca! — redarguiu a mulher, que seria absurda, se isto fosse um romance, se eu não tivesse nos

ouvidos as palavras d'ella. — Se me queres em tua companhia, aqui estou; se me não queres como sou, e devo ser para ti, adeus, e esquece-me; mas, se me acceitas, fujamos d'esta terra, que meu pae mata-te, ou tu matas meu pae.

Maria não voltou a casa de sua mãe. O brazileiro cuidava em vender as propriedades, que recentemente comprara, para se afastar com a mulher que elle, mais tarde, esperava reduzir á honestidade de esposa.

No entanto o morgado do R*** espiava os passos do supposto raptador da filha. Aconselhavam-o a dar querela contra elle, e o morgado respondia que a acção da justiça era muito demorada.

O brazileiro sahia uma tarde de casa d'um lavrador, onde legalisara a venda dos bens, e encarou fito a fito no morgado. Proferiu algumas palavras pacificas, tartamudeando-as ante a clavina que o temeroso inimigo atravessara nas mãos. Animou-se a achegar-se d'elle para lhe explicar o procedimento desculpavel. O morgado fez pé atraz, metteu-lhe ao peito a arma, e traspassou-o com os zagalotes. O brazileiro cahiu subitamente cadaver.

O homicida fugiu, galgando sebes das cortinhas proximas; mas os homens, que presenciaram a morte, correram de póz elle, cortaram-lhe as evasivas, e prenderam-o. Foi encarcerado na cadêa da comarca; porém as authoridades, receosas da fuga em prisão mal segura, removeram-o para a Relação do Porto, em agosto de 1861, alguns dias depois do assassinio.

Annunciou-se a entrada d'um fidalgo, cuja fama viera adiante contando e desfigurando os crimes. Assisti á entrega do preso, e descri da nomeada, que o seu bom rosto contradizia. Trajava jaqueta de panno, e chapeo baixo. Accendia uns cigarros na ponta dos outros, e pedia licenças repetidas para mandar buscar genebra, que bebia copo sobre copo.

— Quer aturdir-se para o suicidio! — disse eu comigo.

Recolheu-se ao quarto que lhe deram: era uma furna de cantaria sem janella, nem mais luz, que a sombra das abobadas eminentes. Azado sepulcro!

Ao amanhecer do dia seguinte perguntei por elle ao varredor dos quartos de Malta. Disse-me que estava na cama, e pedira um cirurgião, se havia um cirurgião que lhe fizesse uma visita por caridade.

Fui ao antro do morgado do R***, ouvi-lhe a consulta dos seus padecimentos, e mediquei-o tão acertadamente, que o enfermo, ao outro dia, estava no uso da sua genebra e aguardente.

Algum tempo depois o senhor S*** remunerou-me a visita e o remedio com uma boceta de morcellas d'Arouca.

E Maria?

Maria é o mais indescriptivel e infernal episodio d'esta longa chronica de desgraças, de nojos, de infamias, e de ferocidade e degradação humana!

Maria seguiu as pisadas do pae para o Porto. Chegou ao Porto, e allugou uma casa terrea, fronteira ao

quartel militar de S. Bento, onde o pae podia vel-a. Depois mandou dizer ao pae que estava alli. O pae foi ás grades eminentes á casa terrea, e viu a filha sentada no degrau da porta. Maria fincou os cotovellos nos joelhos, e a barba nas palmas das duas mãos, e contemplou seu pae. Em seguida passava um grupo de soldados, e pararam defronte d'ella. E o pae via tudo com a cabeça entre os varões de ferro. E Maria ergueu-se do limiar da sua porta, e entrou com o soldado n'uma taverna visinha. E depois sahiu da taverna, e entrou com o soldado em sua casa.

E o pae viu tudo com a cabeça entre os varões de ferro.

E depois....

Na lista da prostituição foi inscripto o nome de M*** E*** S***, que disse ser filha do morgado do R***.

Digam lá a um romancista que desfibre com o seu escalpello o coração d'esta mulher!

Foi um destino?

Foi uma vingança?

Foi um suicidio?

Foi uma demencia?

Não sei. Está alli uma mulher com as faculdades d'alma assignadas nos livros de metaphysica.

Se ella fôr dissecada n'um hospital, hão de encontrar-lhe coração, baço, figado, cerebro, systema sanguineo, e um qualquer logar onde a alma esteve por hypothese.

Se submetterem as entranhas de M*** S*** á analyse d'um physiologista, ha de elle dizer-lhe que viu n'ellas todos os symptomas de terem funccionado regularmente.

É uma mulher, sem questão, aquella machina que alli está.

Remontemós. Aqui está a Biblia, o Genesis, o livro da creação.

E leio:

« Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo « da terra, e assoprou sobre o seu rosto um assopro « de vida; e recebeu o homem alma e vida. »

Não sei mais nada.

XXIII.

Os officiaes de juizo — nome bem soante que destôa de beleguim, alguazil e quadrilheiro — levaram, um dia, á Relação uma mulher doida, e apresentaram ao carcereiro o mandado de captura, que a culpava de desordeira.

Desceram a mulher á enxovia, e ferrolharam sobre ella o alçapão. A doida olhou para o firmamento escuro do calabouço, e perguntou que porta era aquella que se fechava no tecto. Riram as presas; e a juiza perguntou á recem-chegada se ella sabia que tinha de pagar doze vintens. A doida riu-se, a seu turno, dos direitos consuetudinarios da juiza, e pediu de jantar. Ora como as locatarias da enxovia se demorassem em estender a toalha hospitaleira á hospeda, a presa manifestou o seu desgosto, distribuindo algumas bofetadas sem distincção de pessoa, e sacudindo pelas grenhas a cabeça inviolavel da juiza.

Gritaram as presas, e o carcereiro interino fez baldear a doida pelo alçapão, e reteve-a na « sala livre »

em quanto não chegavam ordens da authoridade fiscal da cadêa. Se a authoridade recebesse exactas informações da demencia da presa, officiaria ao juiz que a fez capturar, allegando que a cadêa não é hospital de doidos. O juiz, o administrador, o governador civil, ou quem quer que deva ser, officiaria á mesa da Santa Casa da Misericordia, e esta mandaria dar baixa nas suas enfermarias á doida.

O senhor procurador regio, mal informado, mandou fechar a presa n'um quarto.

Fôra ella capturada de manhan, a hora em que provavelmente não tinha ainda comido; passara o dia sem alimento, porque á distribuição do caldo e do pão não estava ainda inscripta, nem tinha tigela. Á noite arrastaram-na ao quarto, e fecharam-a.

Para enganar a fome, dormindo, á cama que a presa encontrou foi uma rima de ferragens, como ferrolhos, barras, varões, refugo das obras novas que se haviam feito nas enxovias.

Desde que entrou até ao romper do dia seguinte, a presa distrahiu a sua fome, jogando a barra contra a porta e a janella. Durou a noite toda este estrepito, acompanhado de clamores, ora raivosos, ora supplicantes.

De manhan viu a doida a luz quando lhe abriram a porta, e pediu que a deixassem ir ver seus filhos. O carcereiro reprehendeu-a do estrondo, e ameaçou-a com as algemas. Rebramiu a doida, atirando-se furiosa aos guardas. O carcereiro mandou-a segurar pe-

los braços, e lançou-lhe algemas. Algemas, meu sensivel e christão leitor do seculo da humanidade, são uns anneis de ferro que roxeam as carnes e as mordem e deslassam até aos ossos.

A doida sacudiu as algemas, e irrompeu em gritos de dôr e desespero. Meia hora de impotente esforço, em mulher quebrantada de fome e insomnia, bastou a tirar-lhe o accôrdo. Ergueram-na desmaiada, e mudaram-na para a enfermaria das mulheres. Os presos, denominados *varredores*, que a transportavam como canastra de lixo, deixavam-na cahir e deleitavam-se segundo o som da pancada que o corpo fazia na pedra da escadaria.

Atiraram-na ao catre da enfermaria.

A doida, recuperando os sentidos, saltou da cama, e investiu contra a enfermeira. Foi o carcereiro chamado, e mandou amarral-a de pernas e braços com cordas que lhe sangravam a carne ao repucharem-nas. A enfermeira e as outras presas doentes, quando assim a viram segura, entraram a espancal-a á competencia, e a rirem das imprecações que a desgraçada vociferava, contorcendo-se nas roscas inflexiveis da corda.

N'esse dia foi á cadêa o senhor D. Pedro V. Quando o rei apeou, o carcereiro mandou abafar a doida de modo que ella não pudesse gritar, quando Sua Magestade visitasse a enfermaria.

O rei não visitou a enfermaria das mulheres, e por isso foi pouco duradoura a agonia da presa. Não lhe tinham atado mordaça; mas apertaram-lhe a voz na

garganta com um resto de sparto. Foram uns meros ensaios de estrangulação, que seria executiva se o senhor D. Pedro V visitasse a enfermaria.

N'este dia escrevi ao senhor Lemos, juiz do crime substituto, pedindo-lhe que fizesse remover a doida que sua senhoria inadvertidamente mandara para a Relação. O digno magistrado respondeu-me, confessando a sua ignorancia da demencia da presa, e promettendo-me removel-a d'alli para o hospital.

Foi o carcereiro avisado para lhe dar soltura; mas reagiu ao alvará, dizendo que sem ordem da Santa Casa a não soltava. Averiguei a intenção d'esta malvadez estupida, e pude saber que o abjecto gaiato, authorisado ou não authorisado, queria reter a mulher na enfermaria, para flagellar uma senhora que vivia n'um quarto, paredes meias com as presas enfermas. Procurei o carcereiro, e mostrei-lhe com quanta facilidade eu partia uma cabeça dura nas grades do portão. Este argumento, verdadeira logica de ferro, incutiu juizo no mariola, e a doida sahiu. Estes grandes miseraveis são d'uma covardia ascosa, que os salva de trazerem o corpo negro como a alma.

O senhor procurador regio, quando na imprensa denominou *empregado honrado* aquelle homem, enganou-se sem duvida, e mais tarde emendou o juizo precipitado demittindo-o virtualmente por ladrão. Chamava-se elle *José Francisco Guimarães*. Este nome anda nas secretarias solicitando empregos: honrem-no os poderes publicos; deem-lhe o pão do estado, e dei-

xem perecer de mingua os requerentes que o serviram. A demencia d'aquella mulher tem uma historia breve e triste.

Era filha de lavradores abastados de Avintes. Vinha semanalmente ao Porto, e captivou-se dos affectos de um official de officio, com quem casou contra vontade de seus paes. Abandonada d'estes, azedou a pobreza do marido, e cahiu depressa no seu desagrado e odio. Era amiudadas vezes espancada, e muitas vezes sahiu com dois filhos a pedir esmola ás suas amigas de infancia, que vinham ao Porto.

Quando estava em convalescença de seu terceiro parto, o marido, raivoso de se ver pae d'um terceiro filho, quando dois cahiam de fome, injuriou ferozmente a mulher, e fez mais sensivel a injuria com as bordoadas. A enferma teve um accesso febril, e enlouqueceu.

Poucos dias além, o pae dos tres meninos foi para o Brazil e deixou-os a pedir pão á doida, que umas vezes os afagava chorando, outras os sacudia de si a repellões vertiginosos.

O lavrador de Avintes levou para si a filha e os netos. Estes lá se criaram, e por lá vivem fartos, se não estimados. A mãe, essa nunca mais volveu á razão, nem se demorou um dia na casa paterna.

É comica a razão por que a prenderam. As saias-balões das senhoras eram objecto odioso á doida, mormente se as portadoras de taes adornos se lhe affiguravam senhoras postiças, armadas d'aquelles pannos lar-

gos, que enganam de longe. Uma d'estas se ia toda peneirando e seceando na Praça Nova, quando a doida, encostada á grade, aquecia o peito nú ao sol. Ao perpassar por ella a inflada dama, sentiu-se agarrada pelos pandos encontros, e logo despojada do merinaque, que a doida, a empuxões, lhe fez cahir aos pés.

A senhorita era d'uma estôfa, que fez rir as turbas; mas os cabos de policia, que a viram apanhando em ancias as entortadas aduelas do balão, prenderam a inconoclasta doida, que derrubara o idolo de sua peanha, e a conduziram ao Carmo, e d'ahi á administração, e d'ahi ao tribunal do crime.

É o que sei da pobresinha que sahiu da cadêa com os pulsos em carne viva, e duas vezes doida, para assim o dizermos, pela mortificação das dores.

Que destino de esposa, de mãe e de mulher!

Estas scenas passam-se debaixo do ceo, onde está o Senhor!

Gloria a Deus nas alturas!

E as bençãos da paz e do ouro ao esposo e ao pae, que foi para o Brazil!

XXIV.

Eu tive ha onze annos, no Porto, um alfaiate, que chamava para minha casa, quando precisava d'alguma obra de engenho e imaginação: por exemplo, a miscellanea de tres capotes n'um, um casaco de dez algibeiras, umas botas de briche, ou coisas assim, que só podiam ser gizadas na presença do genio que as concebia.

D'uma feita chamei o senhor Joaquim — penso que era Joaquim — para me fazer umas polainas, e deilhe a fazenda e o salario, para elle as costurar em casa. O senhor Joaquim por lá consumiu as polainas, que eu nunca mais o vi, nem ellas me viram.

Acaso soube que o artista estava na cadêa expiando gentilezas mais credoras de tal destino, que o esquecimento de me restituir a obra.

O mestre alfaiate era casado, quando foi preso.

Ao mesmo tempo entrou na cadêa a senhora Quiteria de Avintes, a mais bella mulher que ainda viram as enxovias da Relação.

Era tambem casada a senhora Quiteria.

Viu-a o alfaiate, e a padeira viu tambem que era contemplada.

Contemplavam-na todos os presos; mas nenhuns olhos lhe disseram o que ella leu nos olhos do meu alfaiate dos capotes mixtos!

Amaram-se como aves de longes climas, que se encontram na mesma gaiola, saudosas das suas florestas e ribeiras.

Mas barreira de vida e morte os separava! Elle tinha mulher que lhe trazia o caldo; ella tinha marido que lhe trazia a regueifa.

Viam-se ao menos e conversavam momentos em dias santificados, quando lhes era permittida a fusão nos corredores, fusão de corações em infusão de vinho, que bebiam todos até resvalarem ás enxovias respectivas.

Bons tempos aquelles! Dizem os presos d'agora, coevos das folias domingueiras, que podia estar-se preso por prazer n'aquelle tempo! Eu alcancei ainda os bellos paroxismos da idade d'ouro. Aos domingos franquiava-se a sahida das enxovias e das prisões superiores. Sahia tudo a um recinto, ladeado de fructeiras, de doceiras, de belfurinheiros. Os amigos, conhecidos das encruzilhadas, abraçavam-se e jubilavam como em vespera d'uma assaltada auspiciosa. Os assassinos contavam ufanamente as proezas que a justiça sublimara ás alturas da forca. As mulheres dos condemnados riam com elles, como esquecidas das galés.

A onda do vinho banhava, como a onda do Lethes, todas aquellas memorias. Alguma vez estrugia na cara d'um o sôco promettido, ou provocado no momento; mas o alarido era tamanho, e o socado odiava tanto os processos criminaes, que se calava com o mimo, e fazia as pazes mediante a meia canada conciliadora. Ahi era então o armarem-se paixões entre o preso e a presa, que a um recanto murmuravam seus colloquios, como se, á sombra do salgueiro, remirando-se nas aguas, se estivessem á compita de finezas.

Ahi foi, pois, que Joaquim e Quiteria se identificaram n'uma só aspiração ao impossivel de se ajuntarem decorosamente sobre a terra.

A consorte do mestre mordia-se de raiva, quando os surprendia a trocar olhares enternecidos; o marido de Quiteria, mais racional que cioso, ia saber do carcereiro se sua mulher estaria segura na enxovia. Basta philosophia tinha elle para resignar ao coração da gentil esposa: o que elle queria era a incorruptibilidade d'aquillo que o Evangelho lhe dizia que era seu: — « a carne da sua carne, e o osso do seu osso. » — Mestre Joaquim estava condemnado a dois annos de prisão, e a senhora Quiteria a quatro. A liberdade lá lhes sorria ao longe; mas a liberdade de se amarem, quem lh'a daria?

Deu-lh'a um estupendo acaso. A mulher do mestre morreu de fome, e o marido de Quiteria morreu de indigestão. Em menos de seis mezes, anciosos de infecunda ternura, os dois amantes estavam livres.

Decorridos alguns dias de irrequieto desejo, honesto desejo de se matrimoniarem, legalisaram canonicamente os seus papeis, e receberam-se no altar da enfermaria, onde as testemunhas disseram que nunca ajoelhara noiva de mais chibança!

D'esta doce união nasceram dois meninos em dois annos, ao fim dos quaes o alfaiate cumpriu sentença, e sahiu livre. Quiteria ficou a cumprir a sua, cheia de saudades, que o marido refrigerava com amiudadas visitas, em quanto as authoridades não prohibiram a communicação de maridos, que tivessem sido presos, com as mulheres ainda encarceradas.

Penetrou de morte o coração de Quiteria esta punhalada do mal comprehendido arbitrio da authoridade. Requereu ella com a eloquencia da paixão, pedindo as consolações do esposo; mas a regra estabelecida não podia ser quebrantada.

Foi um pasmar a rapidez com que desmedrou o sadio semblante de Quiteria! Envelheceu em seis mezes. O fel da saudade empeçonhou-lhe a indole, que era dada e bem-fazeja. Como juiza que era da enxovia, tornou-se selvagem, feroz e intoleravel. Para maior supplicio, devoravam-na ciumes do marido, a ponto de lhe arremessar pucaros e garrafas da grade, quando elle parava na rua a fital-a com lagrimosos olhos. Logo que um acaso lhe deu ansa a confirmar suspeitas, rebentou a bomba em estilhaços que mal feriram a reputação da filha d'um guarda. Requereu querella contra o marido, e contra a supposta rival. A queixa era

tão absurda, ou tão sem esperanças de ganancia, que nenhum procurador a tomou a seu cargo. O leal esposo dava-lhe sobejas explicações de sua innocencia; mas Quiteria exasperava-se e batia com a testa nas grades, quando estendia por ellas os braços enganados pelo desejo de colher ás mãos o pescoço do marido.

Aquella mocetona, cujas carnes roeram os vermes do ciume, deixou de erguer-se um dia, e foi transferida para a enfermaria.

Foi permittido ao marido visital-a, e com brandu-ras e caricias cuidou remoçar a creatura, que amava ainda na nublosa imagem do passado, tão perto d'elles. Dava-lhe para os braços as crianças, que ella afastava com rude gesto. Cuidava em distrahil-a da tenebrosa tristeza com as descripções da vida livre, que já vinha perto. Não se abria um riso nos labios da moça, porque nenhum lampejo de esperança a chamava aos seus anhelados prazeres da liberdade.

Ha poucos dias que eu entrei na Relação a esclarecer pontos duvidosos nas minhas recordações, e passou por mim, na escada, o esquife da Misericordia, que levava Quiteria a descançar n'uma cova d'Agramonte.

Perguntei pelo marido, e responderam-me que estava a expirar, espumando, como ella, o pulmão a pedaços.

XXV.

— Ó Margarida! minha irmanzinha! onde eu te vim topar!

Clamava uma mulher da rua para a janella da enfermaria.

A sentinella approximou-se da mulher, e disse-lhe:

— É prohibido fallar para as grades.

— Mas vejo alli minha irman, que não vi ha tres annos! — disse ella com as mãos fechadas em postura implorante.

— Não quero saber de contos: retire-se.

Minutos depois subiu a mulher ao escriptorio da Relação, e pediu licença para fallar com sua irman.

Foi-lhe concedida. E eu esperei.

Desceu da enfermaria Margarida, e recebeu impassivel os braços e clamorosas exclamações da irman.

As perguntas que esta lhe fazia eram-me ininteligiveis por serem em segredo. O que Margarida respondia serenamente fazia benzer a irman.

Separaram-se, uma debulhada em lagrimas, a outra serena como descera.

No dia immediato sahia eu da cadêa, e vi no pateo a mulher.

Acerquei-me d'ella, e perguntei-lhe por que chorava. Levantou-se, e perguntou-me se eu era desembargador. Folguei de me ver assim conceituado pela gravidade do meu aspecto; mas tive de me despir do prestigio aos olhos da creatura.

— Vi-a hontem — disse-lhe eu — a conversar com sua irman Margarida. Porque está ella presa?

— Oh senhor! — exclamou ella — aquillo é fado!

— Mas, se lhe não custa, diga-me como é que vocemecê ignorava que sua irman estava aqui.

— Pois eu podia lá cuidar que a nossa Margarida estava nos ferros d'el-rei!...

— Naturalmente fugiu de casa? — adiantei eu para encarreirar a historia.

— Foi o peccado, senhor! Minha mãe, Deus lhe perdôe, morreu estarrecida, e meu pae não vai longe, e morre de pasmo em sabendo que ella aqui está.

— Ora diga-me: como foi que ella fugiu? Talvez seduzida por algum malvado que a deixou!...

— Não foi isso; antes fosse isso, que em fim, como o outro que diz, umas vezes se cáe, outras se ergue a gente.

— Então foi talvez com medo de algum castigo... Conte sem medo o que foi, porque o crime por que sua irman está condemnada sei-o eu.

— Sabe?!

— Sei: é um anno de cadêa que ella ha de cumprir, por ter furtado um annel de ouro ao patrão.

A mulher sentou-se de golpe, escondeu no regaço o rosto, e deteve-se em arquejos e soluços.

Quando a vi mais desafogada, instei:

— Descance, e diga-me o que souber, que ha de ficar mais alliviada em desabafando.

A lavradeira encarou-me com muita attenção, e disse-me:

— Olhe, senhor, esta minha irman, desde muito menina, pilhava quanto podia em casa, e dava tudo por coisas de nada, que não valiam um chavo gallego. Depois, deu lá com uma visinha, que a aconselhou a roubar os lençoes, as toalhas, a carne dos cevados e os franguinhos. Meu pae dava-lhe a bom dar; mas era o mesmo que nada. Assim que visse dinheiro, ou tesoura, ou lenço, era uma limpeza em tudo. Meu pae arranjou a ser presa a visinha, e lá a teve na cadêa de Ponte do Lima até que a levou a bréca. N'este entrementes, a nossa Margarida já não roubava, porque não tinha a quem dar as coisas. A gente estava sempre a dar graças ao Senhor por lhe tirar aquella ruim inclinação... Nós, graças a Deus, temos muito, e eramos só tres; eu, ella e um meu irmãosinho, que quiz embarcar para o Brazil, e eu vim despedir, e mais o meu tio do Eirô. Vai senão quando, como eu disse, a rapariga estava outra, que era mesmo um louvar ao Senhor e a sua Mãe Santissima, que nos fez o milagre, e

até á conta d'isso eu fui á Senhora dos Remedios levar-lhe uma vela de cêra, grossa como um fueiro, e minha mãe, Deus lhe falle n'alma, tambem foi de romaria ao Bom-Jesus do Monte. Alli pelo tempo das castanhas, a minha Margarida foi passar uma temporada até á matança dos cevados, com licença de vocemecê, á Portella do meio, onde está casada uma minha tia com meu tio João do Ribeirinho, que tambem já lá está. Logo adiante uns dias, veio onde a nós o tio João, e disse a minha mãe que andava em afflicções, porque lhe tinham roubado uma caixa de prata, que um homem de Ponte lá tinha empenhada, e mais um dobrão de cinco moedas d'ouro, que lá estava tambem de penhor. Assim que isto ouvimos, deu-me um toque cá dentro, que mesmo parece que me cahiu a espinhela, salvo tal logar. Minha mãe fez-se vermelha como uma laranja, e meu pae entrou a tremer, a tremer, a tremer como canas verdes. E vai ao depois, minha mãe pega a chorar, e tirar do interior uns ais que era mesmo um clamor. « Tu que tens, Maria? — disse o tio João — Parece que estás atrigada! Ó mulher, não chores, que eu, graças a Deus, ainda lá tenho uns bezerros, que venda para pagar a caixa a mais o dobrão. Tantos diabos levem quem os levou, como de reaes valiam os penhores. — « Credo! credo! — disse minha mãe a caminhar d'aqui prá li, e a dar uns arrancos, e meu pae com as mãos agarradas á cabeça que era mesmo a fim do mundo. E vai ao depois, minha mãe poz-se em giôlhos, e disse á milagrosa imagem do Bom-Jesus: —

« Meu senhor Jesus do Monte, levai para vós aquell desgraçadinha, tirai-a d'este mundo pelas vossas cinc chagas. » Meu tio João estava assim a modo de apar valhado sem saber o que vinha a ser aquillo, eis senã quando, meu pae chegou-se a elle, e disse-lhe: João. quem te roubou foi a nossa Margarida; quem te ha de pagar sou eu; mas manda-m'a ámanhan para casa. » Então é que meu tio ficou amarello como cidra, e benzeu-se com ambas as mãos. Foi-se embora, e voltou ao outro dia com a nossa Margarida. Meu pae fechou-se com ella na casa da eira, e deu, deu, deu até não poder mais. A minha desgraçada irman confessou que tinha roubado a caixa e o dobrão; mas que tinha tudo enterrado no vão d'um pinheiro manso que está mesmo na picota do montado do Manoel da Egreja. Foi lá meu pae, a mais ella, e deu com tudo mettido na terra, e coberto de calháos. Ficou assim muito tempo a rapariga sem roubar nada. A gente andava sempre a esconder tudo d'ella, que era mesmo uma vergonha para os visinhos, que sabiam tudo. Ai, senhor, o que é fado ha de cumprir-se; como o outro que diz, mais por aqui, mais por alli, quem tem de correr o seu fadario, lá vai bater. Lá na nossa terra ha um senhor padre, chamado Amaro, que vai ás vezes para Braga, e deixa ficar a chave da casa a meu pae, e leva comsigo a moça, que, pelos modos,... sim...

— Entendo: faz favor de continuar. — O padre Amaro deixava a chave a seu pae...

— É como diz; e vai, uma vez elle foi, e a chave ficou no prégo da casa da tulha. Ninguem deu fé d'ella faltar; mas o senhor padre, quando veio, mal tinha entrado, pega a barregar que estava roubado. A gente correu lá, e vimos o senhor padre Amaro com as mãos agarradas á cabeça, a clamar que lhe tinham roubado dez peças de oito mil reis em ouro, que elle tinha na gaveta da escrivaninha que estava arrombada. Meu pae salta a correr a casa em cata de Margarida, e não a topa. Vai pelos campos fóra e pelo caminho a perguntar por ella; mas ninguem a vira. Andou por lá toda a santa noite, e de Margarida nem rasto. Voltou para casa, e vendeu a egua e uma vitela para pagar as dez peças. Botou editaes na porta da egreja a dizer quem soubesse da sua filha lhe désse parte. Foi o mesmo que nada. Ficamos todos em acreditar que ella se botara a afogar; e minha mãe, tal paixão se lhe metteu no interior, que nunca mais endireitou, até morrer passadinha.

Suspendeu a narrativa, embargada pelos soluços, e continuou depois a mulher:

— Nunca mais soubemos d'ella; eu até botei lucto, e meu pae, quando fez testamento, já lá poz que tinha só uma filha e um filho. E vai agora, quando eu andava a ver a cadêa por fóra, em quanto meu tio do Eirô ia comprar uma melancia, dou com a minha Margarida na janella!

Rompeu novamente o pranto a torrentes, e os meus olhos não estavam enxutos.

— Sua irman — disse-lhe eu — tem a sua sentença quasi cumprida. Póde ser que os trabalhos a tenham emendado, e que ella ainda volte a ser uma sua boa irman, e filha arrependida, digna do perdão de seu pae.

— Oxalá! mas isso bom é de dizer!... Aquillo é fado, senhor. Se vocemecê ouvisse o que ella hontem me dizia, quando eu estava a chorar...

— Que lhe dizia sua irman?

— Que não tornava mais para casa, e que havia de roubar em quanto achasse quê.

— E ella disse-lhe por onde passara estes tres annos? Um sei eu que o passou na cadêa; mas os outros dois?

— Olhe, senhor, disse-me que andara por ahi em quanto lhe duraram as dez peças do senhor padre Amaro; depois... contou-me umas vergonhas tamanhas, que eu não tenho cara de as dizer...

— Perdeu-se? Fez-se má mulher?

— Ora ahi está! Olhe vocemecê para que uma mãe cria uma filha ao seu peito!...

Nova e mais anciada explosão de lagrimás!

— Depois — prosegui eu — foi obrigada a servir para ter que comer?

— Acho que sim.

— E furtou ao patrão o annel, e o patrão entregou-a á justiça.

— Ah! vocemecê sabe isso?

— Supponho que foi isso.

— Pois é tal e qual.

— Boa creatura, peça muito a Deus que dê a sua irman uma nova alma, porque a justiça do mundo o que faz é matar a possibilidade da emenda.

A mulher não me entendeu.

N'este comenos chegou o tio do Eirô, e subiu com ella as escadas da cadêa para irem fallar a Margarida.

Á noite cogitei de vagar e com tristeza n'aquella incorrigivel criminosa, no seu temperamento, na palavra *crime*, na palavra *castigo*, no livre arbitrio, no direito de castigar aleijões de organisação, e lembrou-me de ter visto na *Reforma das Cadêas* do senhor doutor Ayres de Gouvêa, uma pagina, que então reli, e reza d'este theor:

« Se fordes a Windsor Castle e vos metterdes de « gorra com os guardas que mostram o castello, ouvi- « reis que um dos filhos da rainha tem uma irresisti- « vel tendencia para a rapina: é uma pêga humana. »

Mais abaixo:

« O mesmo que se dava com o filho da soberana in- « gleza, dá-se tambem, segundo é voz publica, com o « de um illustre personagem francez. »

E segue:

« Aqui apparece uma criança com inclinação para « o furto, alli uma com ella para briga sanguinosa com « seus irmãos ou domesticos, acolá outro com propen- « são para mentiras prejudiciaes, além ainda outro « com ella para maltratar os animaes. Do *nosso rei* « D. Miguel » (o *nosso* é coisa particular do senhor doutor: é pronome possessivo no plural como usam os

escriptores de certo tomo. O entre-parenthesis é que é meu) « se conta que, já mancebo sahido da puericia, « se entretinha a maltratar animaes, chegando um dia « a ser encontrado arrancando as tripas a uma gallinha « viva com um saca-rolhas. »

D'estes e d'outros factos infere o senhor doutor Ayres que a maneira rasoavel de castigar os erros da organisação, estranhos á vontade do delinquente, não é matarem-no, é penitenciarem-no. Quer dizer que lhe não cortem a cabeça; mas que lhe mutilem na vida os orgãos todos, todas as liberdades, que lh'a possam fazer agradavel e supportavel: a liberdade de mover-se, de fallar, de crer, de amar, de repousar, de trabalhar, segundo sua vocação, a liberdade mesmo de esperar sua rehabilitação.

— De vagar! — exclama o professor — O criminoso rehabilita-se!

Não lhe vejo geito, depois que o senhor doutor nos disse:

« O crime não nasce nunca de vontade direitamen-
« te esclarecida; não póde nascer. Dimana exclusiva-
« mente e inclusivamente da particular natureza com-
« plexa do criminoso, da desharmonia congenita ou ad-
« quirida d'ella. *O delicto é uma necessidade*; *o delin-*
« *quente é um enfermo.*

« Completemos o nosso pensamento: o crime para
« o criminoso é como a virtude para o virtuoso, a feri-
« dade para o tigre, o veneno para a vibora, a poesia
« para o poeta, resultado da sua natureza, &c. »

Se isto tem siso commum — o que não é de todo o ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se desempeçonha a vibora, nem se moralisa o criminoso.

N'outro ponto d'este livro me soccorrerei ainda dos dictames do senhor doutor Ayres em relanços que careçam de avocar a sybilla á tripode.

Voltando a Margarida, eu creio que hão de matal-a a pedaços nas enxovias, sem lhe incutirem a ferro em braza uma nova alma. Não me afoito á absurdez de reprovar o castigo, que o mesmo seria pregoar a impunidade do latrocinio. Ignoro mesmo se Deus deixou remedio para os defeitos das suas obras: confesso só que é um blasphemo atrevimento querer-lh'as corrigir.

Buscar o remedio no systema das cadêas consistiria em reclusão penitenciaria, segundo aventa a moderna eschola.

Penitenciaria!

Se os crimes são involuntarios, como se ha de penitenciar o delinquente? Com que direito racional se lhe escalpella, fibra a fibra, a vida? Como hei de eu considerar social, humana e justa a lei que demarcar um tumulo entre as quatro paredes d'um cubiculo, a Margarida, que é ladra pela mesma razão que o tigre é feroz, e peçonhenta a vibora, e poeta o poeta?

Abundo nas ideias d'um philosopho que disse:

« O Creador conserva o homem e a mulher e o mundo, como elles são, por honra da firma. »

XVI.

Este nosso Portugal é um paiz em que nem póde ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam á craveira dos ladrões dos outros paizes! Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam a extraordinarios destinos. A Calabria é um desprezado retalho do mundo; mas tem dado salteadores de renome. Toda aquella Italia, tão rica, tão fertil de pintores, sculptores, maestros, cantores, bailarinas, até em produzir quadrilhas de ladrões a bafejou o seu bom genio! Ahi corre um grosso livro intitulado: *Salteadores celebres de Italia.* É ver como debaixo d'aquelle ceo está abalisada em alto ponto a graduação das vocações. Tudo grande, tudo magnifico, tudo fadado a viver com os vindouros, e a prelibar os deleites de sua immortalidade. Schiller, Victor Hugo, Charles Nodier, se fada má lhes malfadasse o berço em Portugal, teriam de inventar bandoleiros illustres, a não quererem ir descrevel-os ao natural nos pinaculos

da republica. Apenas um salteador noviço vinga destramente os primeiros ensaios n'uma escalada, sahe a campo o administrador com os cabos, o alferes com o destacamento, o jornalismo com as suas lamurias em defeza da propriedade, e a vocação do salteador gora-se nas mãos da justiça. Faltava o fio electrico para tolher que vinguem os genios espicaçados pelo amor ao dinheiro amuado nas arcas dos proprietarios, inimigos de emprezas industriaes, e da circulação monetaria, arteria de primeira ordem na prosperidade d'um paiz. Faltava o telegrapho para matar á nascença as iniciativas auspiciosas. Apenas lá das povoações serranas desce á villa ou cidade a nova d'um roubo, o arame palpita de horror, e a cara do ladrão é para logo lithographada na phantasia de todos os esbirros sertanejos. A civilisação é a raza da egualdade: desadora as distincções; é forçoso que os bandoleiros tenham todos os mesmos tamanhos, e roubem civilisadamente, urbanamente. Ladrão de encruzilhada, que traz o peito á bala e o bacamarte apontado ao inimigo, esse ha de ser o bode expiatorio dos seus confrades, mais allumiados e aquecidos do sol benefico da civilisação. Roubar industriosamente é engenho; saquear a ferro e fogo é roubo. Os d'aquella eschola tropeçam nas honras, nos titulos, nos joelhos dos servis, que lhes rojam em venal humilhação; os outros, quando escorregam, acham-se encravados nos artigos 343, 349, 87, 433, 351, e mais cento e setenta artigos do Codigo Penal.

Diz algum tanto como exemplo d'esta lastimavel

anomalia a historia de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador d'este seculo.

Vulto de romance não o tem, porque n'este paiz nem se completam ladrões para o romance. Disse-me uma dama franceza de eminente espirito, que em Portugal era a natureza, o ceo e o ar que faziam os romances. Nem isso, minha senhora. Aqui anda sempre o gume do prozaismo a podar os rebentões da natureza, mal elles infloram. Fructos de servir para a novella, levantada da comesinha chaneza d'um conto á lareira, nem mesmo os deixam amadurar na fama e nas façanhas de um salteador.

Se não, vejam:

José do Telhado nasceu em 1816, na aldeia de Castellões, comarca de Penafiel. Seu pae era o famigerado Joaquim do Telhado, capitão de ladrões, valente como as armas, e raio devastador em francezes que elle matava, porque eram francezes, e porque eram ladrões, posto que, na qualidade de membro da nação espoliada, o senhor Joaquim chamasse sómente a si o que era fazenda nacional. Um tio-avô de José Teixeira, chamado elle o *Sodiano*, já tinha sido salteador de porte, e infestara o Marão durante muitos annos. Se arripiassemos carreira na linhagem do senhor José do Telhado, iriamos encontrar-lhe um avoengo em Roma, com uma sabina roubada no colo. —

A infancia de José Teixeira correu desassignalada d'algum facto que presagiasse as porvindouras maldades. O pae escondia dos filhos o roubo e a arma homi-

cida. Voltando das excursões demoradas explicava licitamente a ausencia, e regalava a familia de farta mesa e exquisitas prendas do estrangeiro, cujos direitos elle não pagava de certo, nem as tomadias lhe eram encarregadas pelo fisco.

Tinha José Teixeira uma tia, irman de sua mãe, casada em Lousada com um francez, habil no lucrativo mester de castrador.

Este francez tinha uma filha, de toda a bizarria e gentileza, muito estimada, e educada com certos ares de senhora. O primo já de criança a preferia a todas, e dos quatorze annos em diante sentiu que o magoava a ausencia. Saudoso d'ella, pediu ao tio que lhe ensinasse o officio, e o tivesse comsigo algum tempo de aprendizagem. O francez annuiu á proposta, e a moça, que adivinhara o segredo, não cabia na pelle de contente.

Esteve José Teixeira cinco annos na companhia de sua prima, e d'esses annos fallava elle com lagrimas, quando me contava pueris incidentes, entalhados em sua memoria com o buril da paixão. Era a caça o seu emprego nas horas desoccupadas; mas, as mais das vezes, o caçador assomava n'um outeiro, d'onde avistava a varanda, em que sua prima costurava, e ahi estava contemplativo n'ella até que as sombras da noite, baixando da serra, lhe escondiam o lenço branco da prima, que o chamava a repetidos acenos.

Que era isto senão doce poesia, como ella abrolha nas mais bem formadas almas?

Onde estava o instincto do salteador n'aquelle tempo?

Quando elle, ao descer a ultima quebrada da serra, colhia flores silvestres para toucar os cabellos da prima, que bom coração de Gessner, que effluvios do meigo Florian lhe recendiam no ambiente da vida!

Forçado já pelo amor e pela honra, José Teixeira, aos dezenove annos, pediu sua prima ao pae. Negou-lh'a o francez, dizendo que estivera muitos annos a ganhar dote a sua filha para casal-a com lavrador abastado. O moço, amante e honrado, revelou ao tio a culpa, cujo remedio estava no casamento. O francez recebeu a confissão como insulto, e repelliu de si a violentos empurrões o sobrinho. José Teixeira escassamente pôde dizer a sua prima que lhe fosse leal, e o esperasse até ao dia em que elle pudesse desprezar o patrimonio.

Foi o moço para Lisboa, e jurou bandeiras no segundo regimento de lanceiros, denominado o da Rainha.

A esbelta figura de José Teixeira era o encanto dos officiaes. Nenhum camarada cahia tão airoso na sella, nem meneava mais garboso a lança. O cavallo entendia-lhe o mais ligeiro tremor de pernas, e enfeitava-se orgulhoso do possante e galhardo moço, que lhe imbridava os impetos, para realçar-lhe as soberbas graças.

Na conhecida revolta dos marechaes, em 1837, sahiu José Teixeira na comitiva do duque de Saldanha, e mostrou quem era nos combates do Chão da Feira e Ruivães.

« Lá ouvi — me dizia elle — a cantiga das primeiras balas, e algumas me queimaram o cabello, e vinham dizer-me ao ouvido que estivesse socegado. O barão de Setubal disse-me uma vez que choviam balas; e eu mostrei-lhe a lança, e disse: cá está o guarda chuva, meu general: deixe chover! »

Não esqueceu o valente Schwalback o afoito gracejo, quando a derrota lhe desordenava as filas. Como, em remate da lucta, tivesse de emigrar para Hespanha, o barão de Setubal levou comsigo, como sua ordenança, José do Telhado.

Fez-se a convenção de Chaves, a tempo que o lanceiro recebia carta de sua prima, chamando-o a toda a pressa para se casarem com o consentimento do pae. Requereu o soldado a baixa, e obteve-a do barão de Villar de Turpim, commandante da terceira divisão militar. Recebeu-o o francez em braços paternaes, e dotou a filha com abundantes bens para mediania aldean.

Ditosos derivaram os primeiros annos d'este suspirado enlace. José do Telhado era querido dos seus visinhos, porque aos ricos nada pedia, e aos pobres dava os sobejos da sua renda e do seu trabalho de castrador. O seu primeiro filho era o complemento d'aquella conjugal felicidade; e os outros que depois vieram a mais a augmentavam, porque sobrava o pão e o agasalho para todos.

Quem não invejaria José do Telhado ha dezoito annos? Quantos, bem-quistos hoje do mundo e afortuna-

dos, olhariam então cobiçosos para o tecto do ditoso casal de Cahide?

José do Telhado, em 1845, levado de sua generosa intrepidez, defendeu, na feira de Penafiel, um visinho perseguido por muitos. Foi lucta grandemente desegual, d'onde elle sahiu moribundo, arrancado d'entre os muitos que cahiram em roda d'elle. Venceu a morte, ladeado dos carinhos da esposa, que, com suas proprias mãos, lhe curava os ferimentos, e robustecia o espirito quebrantado pelo desaire.

Seguiu-se a revolução popular de 1846.

A populaça carecia de um chefe, e rejeitava os illustres caudilhos, que sahiram de suas casas nobres á especular com o braço do povo. Conclamaram á uma José Teixeira, e quasi o forçaram a commandal-os.

O chefe, conhecendo-se obscuro de mais para acceitar a responsabilidade e prestigio de cabecilha guerrilheiro, convenceu os seus amigos da precisão de se ajuntarem, sob outro chefe, ás legiões populares que confluiam para a cidade heroica.

Entrou José do Telhado ao serviço da Junta na arma de cavallaria. Comprou cavallo, e fardou-se á sua custa a todo o primor. Repartia do seu dinheiro com os camaradas carecidos, e recebia as migalhas do cofre da Junta para valer aos que de sua casa nada tinham.

José Teixeira empenhou-se grandemente para satisfazer o que em parte era capricho, e em parte largueza d'alma.

Acompanhou a expedição a Val-Passos, e foi dado

como ordenança ao senhor visconde de Sá da Bandeira. As proezas commettidas n'essa temerosa e mal sortida batalha, estão escriptas na condecoração da Torre-e-Espada, que o general por sua propria mão lhe aprezilhou na farda. Fôra o caso que do cômoro d'uma ribanceira alguns soldados do regimento traidor apontavam as armas ao general, conturbado pela fumaça das descargas. José Teixeira arranca do cavallo a toda a brida, toma as redeas do cavallo do general, e obriga-o a saltar um valado. Mal deram o salto, passaram as balas poucas pollegadas acima da cabeça de ambos. A este tempo tres soldados de cavallaria avançavam desapoderados sobre o visconde de Sá. José Teixeira embarga-lhes a arremettida, e desarma o primeiro de um golpe, fere mortalmente o segundo, e persegue o terceiro, que fugia, até lhe arrancar a vida pelas costas. Quando voltou da facção já o general tinha suspensa a medalha, que o valente recebeu com mais delicadeza que enthusiasmo de honras.

Feito o convenio de Gramido, José Teixeira arrancou as divisas de sargento e foi para casa, onde o esperava a saudosa e atribulada mulher com os seus cinco filhos.

Como se disse, a casa estava onerada de dividas, os credores perseguiam-no, e as authoridades, avêssas á sua politica, esquadrinhavam disfarces para o affligirem.

Joaquim do Telhado, irmão de José, mantinha n'essa epoca as tradições de familia, sahindo á estrada,

com um séquito de populares foragidos á perseguição politica.

Mal pude estudar o espirito de José Teixeira na penosa passagem de vida honrada para a malta de seu irmão. Averiguei artificiosamente aquella phase de sua alma; mas elle teimava n'esta resposta:

—Eu via-me quasi pobre, e perseguido pelos credores e pelas authoridades. Pedi ás pessoas importantes, que me sacrificaram, o patrocinio necessario para arranjar uma qualquer occupação fóra da minha terra; mas ninguem me attendeu. Contentar-me-ia com um logar de guarda do contracto; e, se m'o dessem, teria feito muitos serviços, e seria ainda hoje um homem util e honrado, e teria educado os meus pobres meninos.

José Teixeira nunca proferiu as palavras os *meus pobres meninos*, que se lhe não vidrassem os olhos.

A hoste de Joaquim do Telhado, quando viu a adhesão do valente José, nomeou-o chefe, e o irmão submetteu-se.

Estreou-se José Teixeira na noite de 12 de dezembro de 1849, salteando de surpreza uma casa na freguezia de Macieira, que tinha nomeada de rica em dinheiro velho. O proprietario, Maciel da Costa, foi ferido, e arrastado para confessar onde tinha a sacca das peças, ao mesmo tempo que o criado, seu unico domestico, gemia amarrado de mãos para as costas, pedindo a Deus que terminasse de pressa o inventario dos haveres de seu amo.

Era valioso o thesouro do lavrador, e a repartição foi equitativa.

Poucos dias depois, tirada a devassa, José Teixeira foi pronunciado com seu irmão, se bem que Joaquim já o estava nos celebres roubos de Canellas do Douro, Margaride e Bayão.

A mulher de José Teixeira, quando soube que seu marido estava culpado n'um crime, que a infeliz nem sequer sonhara, tentou suicidar-se, e matar com ella os filhos. Contiveram-na elles, de todo desamparados pelo pae, que resolveu ir para o Brazil depois da pronuncia.

De feito, embarcou o fugitivo com passaporte na barca « Oliveira » em fins de 1849. Apresentou-se no Rio de Janeiro ao consul geral, dando-se a profissão de carpinteiro. Passou á provincia do Rio Grande do Sul. Tirou em Porto Alegre passaporte para Santa Catharina. Visou-o em S. José, com destino a Sorocaba em março de 1851, e já em novembro d'esse mesmo anno assaltava em Portugal a casa do doutor Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de Santa Marinha do Zezere.

O « *Commercio do Porto* » bosquejando uma biographia de José do Telhado, até á data da sua prisão em 1859, escreve que elle « voltou do Brazil, segundo se diz, por ter feito um grande roubo n'aquelle imperio. »

Perguntei ao preso que razão teve para sahir do Brazil.

— Saudades de minha mulher e dos meus meninos — respondeu.

— Mas é fama que o senhor fizera lá um grande roubo.

— É mentira. Eu andei por lá dezenove mezes tão afflicto do coração, que não parava em parte nenhuma. Cuidei de morrer de saudades, e por isso vim, sem já se me dar de ser preso e enforcado. O que eu queria era estar perto dos meus meninos, e morrer onde minha mulher me apparecesse á hora da morte.

Agora vão em fileira os crimes de José do Telhado, indicados no libello geral de accusação, depois de sua volta a Portugal.

O assalto de Zezere, já mencionado, foi infructuoso por a desesperada tenacidade com que os sitiados se defenderam.

Seguiu-se o vulgarisado assalto de Carrapatelo, á casa de D. Anna Victoria de Abreu e Vasconcellos. Esta senhora estava com visitas, que tinham ido desanojal-a da morte de seu pae, fallecido poucos dias antes. Era de noite. Os cães, reclusos em casa, latiam impacientes. Um criado abriu-lhes a porta, e pela abertura recebeu na cabeça um golpe de machado. Penetrou a horda na cozinha, e um dos invasores, para aquietar os gritos do criado, cortou-lhe a voz na garganta com uma bala de pistola. Entraram á salêta onde estavam as espavoridas senhoras, e trouxeram-as processionalmente á beira do cadaver, observando-lhes

que teriam egual destino se fizessem motim, e não entregassem o dinheiro que estava em casa. Entregou a senhora sem hesitação o dinheiro e valores que tinha, excepto um annel, que José do Telhado urbanamente lhe devolveu, tirando-o da mão d'um subordinado. O facto seria galante, se o chefe não dissesse, no mesmo ponto, que José Joaquim d'Abreu, o recemmorto pae da senhora, tinha trinta mil cruzados em moeda. A dama ignorava que tal dinheiro houvesse em sua casa, e respondeu que só sabia do que entregara. Foram, em seguimento a tal resposta, novamente conduzidas as senhoras ao espectaculo do cadaver, e ajoelharam para receberem a morte.

N'este lance, lembrou-se uma criada que o dinheiro poderia estar no quarto não aberto ainda, desde que o defuncto sahira para a cova, e proferiu, em voz alta, a sua conjectura. Ficaram tres sentinellas ás damas, e José do Telhado entrou ao quarto, arrombou as gavetas, e senhoreou-se das saccas do dinheiro. Voltando á cozinha, mandou erguer as moribundas senhoras, conduziu-as á salêta, onde as tinha encontrado, recommendou-lhes que estivessem caladinhas, que eram bonitas, fechou-as por fóra, e retirou-se a passo mesurado.

Eram sete os quinhões a repartir do espolio, reputado em quarenta mil cruzados; mas, passados tres mezes, encontramos a mesma malta no logar de Paradella, em Celorico de Basto, saqueando a casa de Domingos Gonçalves Camêllo. Vê-se que tinham ambi-

ções arremessadas! Abundava ahi dinheiro de remota herança, que a senhora Maria Francisca, amante da vida, denunciou á quarta ou quinta cronhada, que lhe deram, em egualdade com o marido.

Na noite de 22 de maio deu José do Telhado batalha campal á tropa, no local denominado « Eira dos Mouros. » O destacamento de infanteria 2 conseguira capturar dois salteadores, e descera com elles a uma estalagem, para descançar. Ahi o surprendeu a horda com o chefe montado em fogosa egoa. Chegou elle ao terreiro da estalagem, e exclamou: « Carregai com quartos, rapazes, que está aqui José do Telhado.

Sahiu fóra a tropa, e empenhou-se um tiroteio, que rematou pela retirada do destacamento. O chefe sustentou sempre a vanguarda da avançada, fazendo fogo de pistola e clavina.

Estavam os dois salteadores prisioneiros na cavalhariça da estalagem: um fugira logo que rompeu o fogo, o outro ficara na impossibilidade de erguer-se sobre as pernas cortadas de balas.

— Vem! — disse o capitão ao salteador ferido.

— Não posso: matem-me, que estou sem pernas.

— Faz o acto de contrição — retrucou o chefe.

O ferido resmuneou o acto de contrição, e a estalajadeira verteu lagrimas piedosas.

José do Telhado estirou-a com uma bofetada, e desfechou contra o peito do camarada, dizendo:

— Acabaram-se-te os teus trabalhos, e os meus

estão em começo. Adeus! — O cadaver não podia responder a este saudoso *vale* do seu chefe:

O libello accusatorio diz que José do Telhado furtara uma junta de bois em 1853. Dizia-me o salteador que era esta accusação a maior affronta que podiam fazer-lhe «Eu! furtar uns bois! — exclamava enraivecido — Eu, que tantas juntas de bois por alli dei de esmola a caseiros pobres! »

Estavam cortadas todas as avenidas da povoação de José Teixeira pela policia; sem embargo, rarissima era a noite que elle faltava em casa. Quando mais não fosse, beijava os filhos mais novos, tranquillisava a mulher, e ia pernoitar nas lapas conhecidas na serra, ou a casa de dedicados amigos, uns de maxima valia, que o temiam, outros de baixa condição, que lhe exploravam as liberalidades.

N'uma d'essas noitadas cercou a policia de Mancellos a casa onde elle dormia. José do Telhado aquietou os terrores do seu hospedeiro amigo, vestiu-se vagarosamente, abriu uma porta, e assomou no patamar da escada. O regedor gritou ao vel-o, e chamou áquelle ponto as dezenas dos cabos. O salteador voltou-lhes as costas, e sahiu por outra porta, que elles tinham desguarnecido; mas, mal contente com a pirraça, voltou á chusma dos sitiantes, e mimoseou-os com dois tiros, um dos quaes entrou nas costas do regedor. Depois subiu á serra, e esperou por lá o arraiar da aurora.

N'outra noite, cercou-lhe a tropa a casa, estando elle no primeiro somno. Despertou-o a mulher, e aju-

dou-o a vestir muito de seu vagar. Caminhou para uma porta transversal, e retrocedeu a ir buscar o relogio esquecido, e a dar ordens ao criado para lhe conduzir de madrugada o cavallo a designado sitio. Abriu uma janella, e disse para os soldados:

— Que tal está a noite, rapazes?

Retirou da janella, e abriu a pequena porta, que defrontava com uma cortinha, para a qual relevava saltar por cima d'um quinchoso. Ahi estavam postados tres soldados. José Teixeira aperrou a clavina de dois canos, e disse:

— Agachem-se, que quero saltar. Os dois primeiros que se moverem, passo por cima d'elles mortos.

Os soldados agacharam-se, e elle saltou. Já de dentro da cortinha, atirou dois pintos aos soldados, e disse-lhes:

— Tomai lá para matar o bicho á saude de José do Telhado.

E foi seu caminho pacifica e detidamente como se andasse espreitando a toupeira no seu meloal. Teria elle tempo de palmilhar um oitavo de legoa, quando lhe deram uma descarga.

Ousara o salteador a audacia de entrar em Villa-Mean n'um dia de feira, e deter-se a provar d'um vinho que lhe offereceram. De repente vem para elle um redemoinho de povo armado. José Teixeira sáe do terreiro a passo rapido, encontra fóra da feira um lavrador bem montado em travada egoa, apeia o lavrador, que obedece pasmado e algum tanto apertado pela mão

de ferro, cavalga a egoa, e diz um adeus de chapeo aos centenares de homens, que o corriam e apupavam. A meia legua encontrou um passageiro; apeou-se, entregou-lhe a egoa, e disse-lhe: « Pergunte na feira pelo dono d'esta burra, entregue-lh'a, e diga-lhe, que se José do Telhado lhe fôr prestavel, não tem mais que mandar. »

Estas investidas assustavam mediocremente o contumaz bandido.

Em 24 de fevereiro de 1859 foi elle visitar com os seus sequazes a senhora D. Anna Ricardina Ferreira Pinto de Carvalho, á sua casa de Senra, no concelho de Felgueiras. Como lá encontrasse uns homens, contra a sua expectativa, enfeixou-os n'uma corda, e mandou-os estar quietos, como uma gabella de achas. A senhora D. Anna soffreu alguns empurrões, até declarar onde tinha o dinheiro e coisas valiosas, com as quaes se despediram, encarregando a dama de desapertar por caridade os jornaleiros que estavam emmólhados.

José Teixeira folgava de entremetter incidentes comicos nas suas assaltadas. A uma dama de Carrapatelo dera elle um beijo na despedida, e á mulher do senhor Camello perguntara de que lhe servia o dinheiro, se não podia comprar uma cara mais nova e menos feia.

O senhor Bernardo José Machado, muito conhecido commerciante no Porto, ia um dia para Cerva, sua terra natal, e alcançara, a distancia curta do Torrão, um cavalleiro bem posto no seu corpulento cavallo, e

acamaradou-se com elle na jornada. Fallavam varios assumptos, e cahiu a proposito os perigos de jornadear por taes sitios, infestados pelo terrivel José do Telhado. O cavalleiro mostrou-se tambem horrorisado pela hypothese de o encontrarem, e ouviu da boca do senhor Machado a historia dos flagicios do celebre bandoleiro. Apearam n'uma estalagem, e jantaram o mais lautamente que podia ser. O cavalleiro mudara de estrada, e despediu-se do senhor Machado, que lhe offereceu o seu prestimo. Pediu o commerciante a conta á estalajadeira, e soube que o outro sujeito pagara a despeza. Perguntou o viandante quem era aquelle cavalheiro, e a mulher respondeu que era o José do Telhado.

É bem de ver que o senhor Machado, em vista do panegyrico com que o brindara, não foi muito a seguro de o topar adiante com outra cara, occasionando-lhe um facto novo para realçar a historia.

Em março do mesmo anno estava o senhor padre Albino José Teixeira esmoendo a copiosa ceia, brandamente refestellado no frouxel da sua poltrona, quando ouviu um grito agudo, vociferado por sua sobrinha Narciza. Correu á cozinha, e viu um grupo de homens com a menina filada pela gorja. Gritou o padre, e um salteador desfechou com elle; porém, como a escorva resistisse, o ladrão arrancou d'um punhal, e correu sobre elle. José Teixeira sosteve o impeto do covarde, e sacudiu-o a um lado com aspecto ameaçador. Continuou a gritar o padre, e acudiram visinhos, que re-

tiraram aleijados de ferimentos. No entanto as caixas e gavetas do padre ficaram disputando o vacuo com a cabeça theologica de seu dono. Consta que fôra medrado o saque.

O libello cerra a meda dos crimes de José do Telhado com a tentativa de evasão para reino estrangeiro sem passaporte.

A morte de José denominado o *pequeno*, por antiphrase, não vem incluida na accusação.

José Pequeno era agigantado de estatura, e o mais cruel da malta, commandada por José do Telhado.

Custava muito ao chefe refrear-lhe o instincto sanguinario; mas com melindre o fazia, porque o parceiro era o unico de quem se elle receava em lucta de braço a braço.

Andava José Pequeno cogitando no expediente mais azado a livrar-se de perseguições, e tentou-o o demonio a atraiçoar os companheiros. Foi a malta surprendida, estando ausente o denunciante. Commandava a força o destemido Adriano José de Carvalho e Mello, administrador do Marco de Canavezes. Carregou tão brava a policia sobre a chusma dos ladrões, que lhes foi remedio a fuga. Ahi recebeu José Teixeira uma bala nas costas, a qual, segundo elle diz, o fizera saltar dez passos ávante contra sua vontade. A bala produziu-lhe na columna vertebral um choque electrico meramente.

Ao outro dia José Teixeira teve de evidencia que o seu companheiro o denunciara. Ao anoitecer foi á

Lixa, onde pernoitava o traidor, entrou-lhe em casa, e disse-lhe:

— Não te quero matar á traição; previne-te como quizeres, que um de nós ha de morrer aqui.

— Ou ambos! — disse José Pequeno, lançando mão da faca.

— Ou isso! — redarguiu José do Telhado, sacando d'uma tesoura — E accrescentou: — Hei de cortar-te com ella a lingua.

A primeira arremettida que se fizeram, apagaram a luz da vela, e arcaram peito a peito. Revolveram-se na escuridade um quarto de hora, rugindo alternadamente injurias e pragas ferozes. José Teixeira já tinha um braço rasgado; mas José Pequeno expedira o ultimo rugido pela fenda que a tesoura lhe abriu na garganta. O chefe ergueu o joelho de sobre o peito do cadaver, quando os dous gumes da tesoura se encontraram ao travez da lingua que o denunciara.

O homicida appareceu na Lixa ao outro dia, e disse á multidão parada á porta do morto:

— Se não sabem quem matou este traidor aqui o tem.

E passou adiante, obrigando o cavallo a garbosas upas.

Coisa é digna de reparo, que o ministerio publico não désse querella contra o assassino. Bem pensada a irregularidade, dá de si que à moral publica, representada pela policia criminal e administrativa, propôz um

voto de gratidão ao matador do formidavel scelerado da Lixa.

José Teixeira deixou com vida muitos traidores, deliberando a final fugir para o Rio de Janeiro. Dois de seus socios o denunciaram quando elle veio aforrado ao Porto, e se acantoou na dispensa da mesma barca em que tinha ido para o Brazil, onze annos antes.

Não valeu ao mais cumplice dos delatores salvo conducto da denuncia. Foi elle o morgado de ***, que eu vi preso na cadêa de Penafiel, moço de vinte e cinco annos donosamente apessoado com bellas barbas negras e vestido com jaleca de alamares. Já então estava condemnado a degredo por dez annos com trabalhos publicos; e José Teixeira, alguns mezes depois, passando para o Marco de Canavezes, onde foi julgado, pernoitou na mesma prisão! Nenhum d'elles se deitou. Velaram a noite inteira, espiando-se, e esperando cada qual o ataque do outro.

José Teixeira já n'esse tempo amolgado pela desgraça, affeito ás injurias e aos despresos, teria escassamente coragem para a defeza.

Disseram-me que o morgado de *** morrera na cadêa em agosto do anno passado.

O pavoroso caudilho de salteadores, encontrado de cócaras sobre tres quintaes de bolacha, no escondrijo da barca « Oliveira », foi entregue a dois soldados da Municipal, que o conduziram pacificamente ao Carmo.

Ahi amarraram-lhe as mãos, e mandaram-no entre trinta bayonetas para a cadêa, ladeadas de cavallaria.

Ridiculissimo apparato de força para o homem inerme, que se deixara guiar por dois soldados! Não seria maravilha se José Teixeira os tomasse debaixo dos braços, e fugisse com elles.

Nos primeiros mezes concorriam os curiosos a conhecerem o bandido. O escriptorio da cadêa era o tablado do espectaculo, em que o carcereiro exhibia o preso, sem lhe avaliar a dôr d'aquelle mais ignominioso lance da sua vida.

José Teixeira entrou para a Relação com seiscentos mil reis. Deu largas ao seu antigo prazer de esmolar necessitados, e em volta d'elle todos o eram. Alimentou e vestiu o parricida Mendes, seu secretario, advogado e particular amigo. Ás levas de degredados distribuia grandes esmolas; e presos indigentes d'outras repartições da Relação acharam sempre n'elle a ardente caridade que seria a gloria e o ceo d'um justo. Algumas vezes o visitou a mulher no carcere, e rogava-lhe de mãos erguidas que dispendesse menos para ella poder com os rendimentos da mesquinha casa alimentar os filhos. O pae chorava com ella; mas parecia ter adoptado filhos todos os presos famintos e nús.

A final empobreceu. Algum tempo ainda lhe mandou a mulher uma pequena mesada; mas a justiça sequestrara-lhe da casa o bastante para pagamento de custas. Adoeceu a golpeada mãe, quando seus quatro filhos lhe pediram inutilmente pão. O mais velho esta-

va já no Brazil, enviado pelo pae, e prosperamente occupado no commercio. Este, porém, nascido n'aquelle feliz tempo, n'aquelle ambiente da familia honrada, nem respondia ás cartas do pae, nem queria ouvir proferir-lhe o nome. José Teixeira dizia que o filho ingrato estava sendo o seu primeiro carrasco.

Cessaram as mesadas e o preso sentiu a fome. Os favorecidos viram n'elle um preso da sua condição, logo que o sentiram pobre. Pediu ao parricida seis moedas, que lhe emprestara, e o devedor, que lh'as não podia pagar, vingou-se denunciando-o como cumplice n'uma tentativa de fuga.

As authoridades removeram-no para um quarto de Malta, incommunicavel e sem luz.

Bramia urros medonhos o infeliz n'aquella injusta e barbara flagellação. Deram-lhe ao segundo dia a liberdade de ver a luz. Fallei-lhe d'uma grade proxima, animei-o, e desde aquelle dia fiz quanto pude para quebrar os espinhos da sua expiação, que não era a da lei, nem a da caridade.

Chegou a vespera de ser levado ao tribunal do Marco de Canavezes, e não tinha dinheiro para suas despezas de jornada, nem vinte e cinco moedas para pagar a defeza ao doutor Marcellino de Mattos, com quem no principio se ajustara por cincoenta. Escreveu-lhe esta carta, cujo autographo conservo, porque ha n'elle vestigios de lagrimas:

« Dou parte a vossa senhoria, que até agora nada « pude arranjar. Mandei empenhar a minha roupa. Se

« alguma coisa arranjar, participarei; se não, mande-
« me vossa senhoria os papeis para eu os entregar ao
« defensor, que o fôr por caridade. *Etc.* »

Marcellino de Mattos defendeu gratuitamente o seu cliente. Querer dar-lhe a liberdade era um paradoxo; querer salval-o da pena capital era um arrojo. E salvou-o! Não foi o sophisma que embaiu os jurados; foi a sincera e commovida eloquencia, que os pungiu a lagrimas. Muitas deviam ser necessarias para lavar tanta nódoa de sangue accusador! Acaso iria o patrono, ladeando os abysmos d'aquelle facinora, até o encontrar sentado á beira do berço de seu primeiro filho, refflectindo aos labios da esposa amada o sorriso da criancinha dormente? Vêl-o-ia no viso do outeiro, onde elle ia aos dezoito annos, com immaculada alma, colher as flores para os cabellos negros d'aquella menina, que alli estava enferma e decrepita nas escadas do tribunal, com a face encostada ao rosto descarnado de seus filhos famintos? Relancearam-lhe no espirito os feitos illustres d'aquelle réo nos momentos em que, ao relampago dos pelouros, elle cuidava ver o caminho da gloria e da honra dos valentes?

Marcellino de Mattos venceu muito; fez que José do Telhado fosse julgado como réo de uma unica morte sem premeditação, e como calumniado na maioria dos roubos arguidos. Fez muito alli, onde estavam as testemunhas, os roubados, os feridos, a multidão que o vira, ou só o vira pelos olhos do seu terror!

José Teixeira foi condemnado a degredo perpetuo com trabalhos publicos.

A meio caminho, quando voltava ao antecipado inferno da reclusão incommunicavel, encontrou sua mulher, que lhe sahiu a despedir-se... para sempre!

Lembrariam elles os annos de sua infancia? As alegrias dos primeiros dias em que se amaram? O jubilo doido com que ella lhe escreveu a chamal-o de Chaves para se casarem? A paz, a probidade, e a fartura de oito annos com os seus cinco meninos aceados, nutridos, e quinhoeiros dos contentamentos de seus paes?

Se as lagrimas d'aquella mulher coaram ao coração do marido, será absurdo dizer que lá geraram remorsos, e os remorsos iriam a Deus n'uma oração de agonias, oração que, piedosamente cremos, Deus não engeita?

O condemnado soffreu ainda alguns dias a soledade no carcere. Depois a crueza fatigou-se de esmagar a desgraça, o onagro compadeceu-se do leão moribundo, e recolheu as ferraduras contundentes. Foi concedido a José do Thelhado passear nos corredores, com privação de entrar nos quartos dos presos. Entrava no meu, tremendo do castigo comminativo. Eu aquietava-lhe o susto com acceitar a responsabilidade da transgressão, e o pobre homem já não tinha senão lagrimas para conversar, e um desejo sincero de morrer.

Um dia, quando eu já era livre, foi-lhe intimada imprevista ordem de embarcar para Lisboa. José Teixeira entroixou a sua pequenina bagagem, desceu a

entrar na escolta, estendeu os pulsos ás cordas, e pediu a um preso circumstante um vintem de esmola para cigarros. E recebeu a esmola mais alegre do que tinha recebido, em Val-Passos, uma condecoração por ter salvado a vida ao *Bayard* portuguez (1).

(1) Os jornaes teem contado façanhas de José Teixeira do Telhado contra a negraria. O commercio d'Africa deve-lhe muito, e espera muito mais d'aquelle braço de ferro, e sede de sangue. Os pretos é que pagam os aggravos, que os brancos lhe fizeram cá. Se José Teixeira fôr esperto, póde morrer, pelo menos, rei d'aquelles sitios.

(*Nota da segunda edição*).

XXVII.

Eu tive, ha nove annos, um barbeiro na Foz, que era mesmo um D. João de Maranna, na alma sómente, que no corpo dava a lembrar o fabulista da Phyrgia, que as mulheres amaram muito.

O senhor Thomé, sobre ser expansivo, era jactancioso de suas conquistas, que fatuamente me contava. Uma vez me revelou, meio orgulhoso, meio compadecido, tal qual o faria um elegante de primeira plana, que uma criada de servir fôra despedida por causa d'elle, e outra espancada pela ama por ter deixado esturrar a calda do arroz — tudo no mesmo dia!

Não pensem, porém, que o senhor Thomé fosse sempre ditoso n'aquelle seu viver de rosas. As muitas rosas afogam, ás vezes, os seus sybaritas, como aconteceu no festim de Heliogabalo.

Quando elle tinha vinte annos, trinta e quatro antes da época em que o conheci, casou com uma treda, que lhe fugiu com um cabo de esquadra. Soffreu muito por espaço de uma semana o senhor Thomé, e de-

pois fez-se cynico. Nunca vi nada mais parecido com os grandes heroes dos grandes romances, desculpados em sua devassidão pelas injurias que receberam quando creram e amaram. A historia do senhor Thomé é a de Byron, é a de Werner, é a de Fausto, é a de Alfred de Musset, é a de Espronceda, e a de muita gente obscura, que não conta as suas maldades.

Contava já os seus cincoenta e quatro o senhor Thomé, e tinha ainda na alma basto fel que cuspir á face da sociedade. O demonio sabe que satanico jubilo foi o do energumeno, sabendo que a cozinheira apanhara por deixar esturrar a calda do arroz, á conta d'elle! Para maiores represalias estava sedento aquelle coração de victimas, o coração do senhor Thomé, que era um receptaculo de viboras, uma forja de frechas, onde um sujo cupido, gerado no orco, se aninhara para opprobrio e desgraça das criadas de servir.

— Senhor Thomé! — dizia-lhe eu ha nove annos — Vocemecê não ha de ter bom fim! Perdoe ao mundo a affronta que lhe fez uma mulher, e deixe as outras em paz com a sua innocencia, e as cozinheiras com as suas obrigações. N'esse andar, vocemecê, qualquer hora, perde o aprumo do seu lombo, se não fôr de todo deslombado. Agradeça á fortuna selvagem e estupida dos felizes chegar a essa idade com a sua cabeça normal; agora perdoe e descance. A geração nova o irá vingando, se tem sêde de vingança.

O senhor Thomé, ao dia seguinte d'estas e d'outras que taes admonendas, vinha contar-me que endoide-

cera uma fructeira, e trazia debaixo d'olho uma vendedeira de pasteis de Santa Clara e manjar branco. Quinze dias passados a fructeira arrepellava a dos pasteis, e está era despedida do serviço das freiras por ter deixado esborrachar alguns manjares no calor da lucta.

Era fatal o senhor Thomé! N'outro paiz, e com algum dinheiro, andaria já em romances, como o Saphy e o Vautrin. Em Portugal, e entalado na esphera de sua arte, morrerá barbeiro obscuro, e terá simplesmente a gloria de entrar no inferno com grande cortejo d'almas precipitadas lá por elle.

Poucas horas depois que entrei na cadêa recebi um bilhete, que dizia: « Thomé, o barbeiro que o serviu na Foz, pede humildemente a graça de o escanhoar na cadêa. »

— Que venha — disse eu ao portador, cuidando que elle morava d'alli perto.

Veio, e disse-me:

— Ainda me conhece?

— Está muito acabado, mestre!

— Se lhe parece!... Tres annos de ferros!

— De ferros! pois vocemecê está preso?

— Aqui me trouxeram os meus trabalhos... A final acabou-se a sorte!

— Pois que foi, mestre? Algum desafio por causa da rapariga dos pasteis?

— Não senhor. Eu estou aqui innocente, em minha consciencia.

— Coisas d'amor, não é verdade?

— Ora! isso é de ver.

— Conte, senhor Thomé, conte, que vocemecê tem direito a ser ouvido perante a posteridade.

— Estava eu na rua da Rainha como official d'um barbeiro que tinha uma filha de treze para quatorze annos, bonita como um cravo, e bem feita como uma imagem. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e a pequena não andava muito fóra da razão. Fui indo, indo, e quando mal me precatei estava apaixonado. Se eu fosse solteiro, palavra de honra que a pedia ao pae; mas um homem casado, quando adrega de apaixonar-se, ou mar, ou terra, como diz o ditado. A paixão é cega. Quando o coração póde mais que a cabeça, meu amiguinho, faz-se muita somma de asneira. Tanto faz dar-lhe, como não: um homem ha de ir com a cara p'ra diante, e mostrar que é homem. Um dia tentou-me o demonio, e eu dei um beijo no rostinho da pequena, e ella pegou a gritar pelo pae, e a dizer que eu lhe déra um abraço. O pae rompe contra mim, dizendo que eu lhe tinha inviolado a sua filha. Prenderam-me, e tiveram-me aqui oito mezes sem me julgarem; e julgaram-me depois para me condemnarem a tres annos de prisão. Aqui tem a minha triste historia!... Esta só a mim acontece! Ainda hontem no *Braz Tisana* li uns versos em que o author pede um beijo a uma menina, e não me consta que o pae da menina querelasse do poeta. Por um beijo tres annos e sete mezes de cadêa. Veja o senhor com que consciencia os jurados me provaram o crime do beijo.

— Mestre! — exclamei — A providencia não é mentira. Vocemecê foi castigado por crimes que ainda clamam justica, e o beijo foi o pretexto de que lançou mão o occulto juiz das consciencias. Lembre-se da moça que deixou esturrar a calda do arroz; lembre-se d'aquelles manjares brancos esborrachados; lembre-se da fructeira que esmagou o melhor melão do gigo. Curve a cabeça penitente, e offereça as suas dores em desconto d'outras maiores que o esperavam nas trevas inferiores, onde ha o ranger dos dentes, mas de certo não ha navalhas tão asperas como as suas.

Thomé afiou a navalha na palma da mão, e disse:

— Deixe-me sahir da cadêa, que eu me desforrarei. Então é que ella ha de ser fallada!

Das conversações que tive, no decurso d'um anno, com o senhor Thomé, conclui que nenhuma cozinheira está livre de ser immolada á sua vingança. A injustiça que lhe fizeram foi uma nova enchente de peçonha que ha de fôrçosamente sahir em seducções, raptos, adulterios, violações e impudicicias de todo o tamanho.

O senhor Thomé sahiu da cadêa em novembro do anno passado. Não sei que estragos tem feito, nem quantas victimas giram penadas em volta d'aquelle astro fatal!

XXVIII.

Paula, rapariga de dezeseis annos, pallida, triste, como a imagem da desgraça, e indifferente ás torturas, como as santas, que não sentiam o martyrio, entrou um dia no escriptorio da cadêa entre dois soldados, deu o seu nome e occupação, e desceu serenamente á enxovia. Vinha arguida de infanticidio. Dezeseis annos! formosa! mãe! e infanticida!

— Saiba-me a historia d'essa rapariga — disse eu a um guarda.

Voltou o guarda, passados dias, e disse-me:

— A rapariga não conta nada. Está sentada a um canto da enxovia, com a cara entre os joelhos, e não chora nem falla.

Á segunda semana de presa foi levada á enfermaria, onde morreu quinze dias depois.

Á cabeceira d'ella chegara algumas vezes uma voz compassiva, que lhe pedira o segredo da sua morte. Paula não tinha mais que dar em paga dos bens que recebera senão a sua historia, que se cifra n'isto:

Viera da Villa da Feira servir para uma casa do Porto quando tinha treze annos. Seus amos eram marido e mulher casados recentemente. Tratavam-na menos como serva e muito como amiga. A senhora enfeitava-a de suas roupas usadas. O patrão, a occultas da esposa, anediava-lhe os cabellos, e gostava de a fazer purpurear com os beijos. Paula era innocente como os anjos, antes que os anjos pleitearam egualdade com Deus.

Da innocencia dos beijos passou insensivelmente á innocencia da deshonra, e da deshonra á immerecida punição da maternidade.

Não sabia a pobresinha ainda chorar a sua queda; se soubesse, bastariam as lagrimas a denuncial-a.

Foi o tempo que a descobriu diante da esposa. Caridade para taes ultrajes, perdão para taes innocencias, ha de ainda nascer dos anjos a mulher sublimada a taes virtudes.

A esposa interrogou-a. Paula contou uma historia tão simples, que azedou em dobro a ama. Era assim: Estava uma noite costurando, e esperando os senhores, que tinham ido ao theatro. Ás dez horas entrou o dono da casa sósinho. Sentou-se á beira d'ella, beijou-a, fallou-lhe uma linguagem nova, e ella ficou em silencio. Acabe agora o periodo o padre Manoel Bernardes, apostolico varão, que me ha de forrar da pecha de indiscreto: *E ainda que este mesmo silencio era sufficiente resposta para se entender que o empenho n'este caso não era seguro, todavia cegou-se a razão: e*

a mesma razão dicta que tomemos aqui a emprestimo o silencio, de quem occasionou a ruina (1).

Interrogou a dama seu marido. Este respondeu confessando a culpa, fazendo um acto de contrição, com grande penitencia de carinhos.

A criada foi expulsa na mesma hora, e a bonança voltou com o esquecimento.

Paula foi procurar a casa de sua mãe; achou-a fechada. Sentou-se no degrau, e esperou.

— Que fazes ahi, Paula? — perguntou uma mulher que passava.

— Espero minha mãe.

— A boas horas, menina! Ha oito dias que se deu á terra. Vem para minha casa; não chores.

Paula seguiu a amiga de sua mãe, e no dia seguinte foi procurar o abrigo de uma irman casada n'um logar distante.

A irman encarou n'ella d'alto a baixo, e disse-lhe:

— Vieste aqui envergonhar-me!? Ainda bem que nossa mãe morreu antes de te ver assim. Filhos bastam-me os meus. Arranja-te lá onde puderes.

Paula voltou sobre seus passos, e pediu n'uma casa rica de sua terra que a tomassem para criada.

A illustre dama olhou-a com reparo, perguntou-lhe quantos annos tinha, fez um tregeito de enojo, e disse:

— Não me serves: vai-te embora, e tem juizo, se quizeres ter pão.

(1) *Floresta*, lenda da mulher marinha, liv. 1.º, pag. 403.

Tornou Paula ao Porto, e passou n'uma rua onde estavam mulheres alegres e bem trajadas sentadas em cadeiras, ou debruçadas nas janellas. Uma chamou-a, e disse-lhe palavras de horrivel significação. Paula seguiu seu caminho, e gastou os ultimos vintens, porque tinha fome.

Perguntou, na taverna onde comera, se alguem a tomaria por criada.

Mandaram-na a casa d'uma inculcadeira, que lhe respondeu:

— Passado algum tempo volte, que eu tenho incumbencia d'uma ama de leite; e se quer cá estar eu a irei sustentando por pouco.

Paula ficou, e começou a vender a sua roupa.

Acaso vira um bom velho da sua terra; chamou-o, e contou-lhe a sua vida. O velho foi para a aldeia, e convenceu a má irman a dar casa e um caldo a Paula. Foi a moça para casa de sua irman, onde a esperavam os despresos e insultos do cunhado. Sahiu humilde e grata á irman, e foi á casa onde sua mãe morrera, e pediu ao velho que lhe emprestasse o aluguer do cardenho.

Fechou-se dias e noites sem pão nem luz; mas ás vezes o caridoso ancião mandava-lhe o jantar, que ella repartia em tres.

Uma noite sentiu-se atribulada; estava só; corria d'um a outro canto da casinha, impellida pelas guinadas das dores.

Ouviu-a a visinhança de madrugada, arrombaram

a porta, e viram uma criança morta no pavimento terreo, e a um lado, sobre uma enxerga, Paula sem sentidos.

Ergueram o menino, e mostraram umas ás outras as moleirinhas do craneo esmagadas.

— Matou o filho a desalmada! — disseram todas.

Chegou a nova ao regedor, e entraram facultativos a examinar a criança, e decidiram que tinha signaes de morte violenta.

Paula ignorava tudo, oü o idiotismo e a febre a deslembrara de tudo.

Saltou da enxerga para a rua n'um accesso. Era de noite, e andou leguas até ao dia. De madrugada encontraram-na sem alentos uns lavradores, e deram-lhe casa, cama, alimentos e soccorros da medicina.

Convalesceu Paula, e fez caminho para o Porto. Procurou uma casa onde servir, e encontrou-a. Estava no fim da primeira semana, quando a prenderam como infanticida.

Já sabem o restante.

E devem tambem imaginar que o cavalheiro, marido da dama que expulsou Paula, é um moço feliz, que estava hontem no theatro lyrico de binoculo posto para um camarote, em que sua mulher lhe mostrava um vestido de senhora muito mais rico e adornado que o seu.

Gloria a Deus nas alturas.

XXIX.

Estava na Relação um sujeito conhecido pelo *homem elastico*.

Principiara a vida commercial no Porto, e promettia boa sahida, porque era mui azougado para o negocio, agil, videiro, e propenso a ardis que, mal definidos, giram com o nome de velhacarias.

Este moço, para tirar proveito de tudo, e assim gratificar á providencia os dons que recebera, fez o melhor uso que podia da sua extrema magreza introduzindo-se nos armazens da alfandega por não sei que orificio, incapaz de dar passagem a uma ratasana das grandes.

Não sei se á sahida ou á entrada foi prezo o moço; o certo é que foi julgado e sentenciado ás galés.

Era de esperar que o elasterio, aproveitado para entrar na alfandega, lhe continuasse a servir para fugir da cadêa. Da primeira sortida sahiu-se prosperamente nas difficuldades apparentemente insuperaveis;

quando porém o julgariam livre todos, cahiu nas mãos das sentinellas. Na segunda tentativa venceu impossiveis, escoando-se por grades onde mal entra a cabeça de um homem. Era intenção sua descer ao saguão da cadêa, e evadir-se ao abrirem-se de manhan as portas de communicação para o pateo.

A façanha só póde espantar quem conhecer a altura dos quartos de Malta ao saguão central, e o nenhum ponto de apoio que sirva de passagem d'uns andares para outros. O ardente desejo da liberdade não dá garras de ferro ao fugitivo para suspender-se das cornijas, e cahir a prumo sobre outras, que apenas formam relevo nas paredes lizas! Pois resvalou d'umas ás outras, até poder fazer o salto ao coberto do altar. N'esse salto, porém, tão desamparada foi a queda, que o preso desistiu da fuga, atalhado pelas dores. De madrugada foi encontrado no oratorio, e reconduzido á enfermaria. Em breves dias removeram-o para Lisboa; mas tão ferido e canceroso da perna, que lh'a cortaram logo.

N'este estado moveu o moço á compaixão as authoridades fiscaes do Limoeiro, e obteve que a sentença de degredo lhe fosse commutada em prisão na cadêa do Porto.

O infeliz impressionara vivamente o Senhor D. Pedro V, na sua segunda visita aos presos. Dobrara elle o joelho unico ao rei, pedindo-lhe a liberdade. Sua Magestade mandou tomar nota do nome e da especie do crime. O perdão não chegou; mas a esperança em

quanto lhe não morreu com o rei, deu-lhe dias de alegria, que o fortificaram para resistir ao desengano.

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e ás soltas na face da terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manoel Caetano, a proposito d'uma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aquelles inoffensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram á porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas ingremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manoel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu tambem. Os visinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do millionario, correram atraz d'elles, e, auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-os. São o queixoso e sua criada convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os visinhos, que os perseguiram, e asseveram a identidade das pessoas.

Aqui está a historia contada pelos presos, unicos, a meu ver, que a podem contar como ella foi.

Mais haverá de oito mezes que elles estão esperando que os julguem. Tomou cargo da defeza Marcellino de Mattos.

Se o jury provar a innocencia d'estes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe ao ministerio publico o sacratissimo dever de os indemnisar?

Devo crer que a mais pungente impressão, que recebi no carcere, foi o senhor Almeida que m'a deu.

Vivia elle n'um quarto escuro, onde a custo penetravam os olhos de quem passava. Um dia chegara-lhe a noticia de estar moribunda sua mulher. Trouxera-lh'a uma loira filhinha de oito annos. Almeida estava chorando com a menina sobre os joelhos; e ella com as pontas do seu lenço alimpava-lhe as lagrimas, consoante lhe escorregavam na face.

Encostei-me á parede d'onde não podia ser visto d'elle, e ouvi-lhe dizer á filha:

— Que será de mim e de teus irmãos se a mãe te morre?

Passados minutos a menina entrou ao meu quarto, e beijou-me as mãos, com os labios ainda quentes das lagrimas agradecidas do pae.

Perguntei-lhe que doença tinha a mãe. A menina relanceou os olhos em redor, como receando que o pae a ouvisse, e respondeu-me:

— É fome.

Se Marcellino de Mattos lesse esta pagina, e a tomasse como texto para a sua eloquencia de caridade e de lagrimas, bem póde ser que o jury dissesse: « Ainda na supposição de que este pae de familias, n'uma hora de impaciente fome, tentasse pedir com illegal soberania ao millionario algumas migalhas para mulher e fi-

lhos, basta-lhe á expiação o sentar-se todas as manhans d'um anno de carcere na sua enxerga, e perguntar a Deus quem lhe daria o pão do almoço a si e sua familia! »

Havia n'aquelle tempo alli um preso, que cumpria sentença por não sei que culpas. Era o meu alfaiate, e optimo alfaiate, que tinha seus officiaes, locatarios da enxovia. Era um pasmar a pontualidade com que os retalhos da fazenda me eram restituidos! Duvido que ella fosse maior n'um mosteiro de monges benedictinos quando os monges exercitavam os officios necessarios á ordem.

O quarto dos saráos era o do engenhoso artista, que tinha baralhos e dominó para os presos, e na taboa da mesa entalhados a esmero os nomes dos mais egregios parceiros. Alli era tambem o local dos festins, quando algum novo preso entrava. É lá costume acceitar o recem-chegado das mãos do mais graduado um barril, conhecido por nome de *Joanninha*. Este barril ha de vir tantas vezes cheio da taverna, quantas elle fôr vasio ás mãos do preso. São alguns presos exceptuados d'esta iniciação; mas não aconselho aos exceptuados que acceitem a distincção, podendo remil-a a dinheiro, para se dispensar da formalidade de tomar o pipote. É bom captivar a estima d'aquelles visinhos, que de pouco se prendem. Os mais humildes são os maiores desgraçados, quando as consciencias calibadas se não pejam de descer até ao abysmo d'elles.

Agradecem-vos a consideração e não abusam d'ella. Cuidam que os julgaes susceptiveis de se rehabilitarem para a honra, e n'esse pensar já a indole lhes vai melhorada, e perde a pouco e pouco a sua fereza.

Eu descobri uma porção incorrupta em cada uma das almas que deixei bosquejadas. Abstenho-me de dizer que seria possivel restituil-as sanadas á humanidade, porque desadoro utopias, e sinto-me convictamente materialista na perversão de certos individuos. Direi todavia que o descaridoso gravame que flagella o preso, se uma justiça misericordiosa o não alliviar, a cadêa continuará a ser um como fogo a que se aquilata a extrema maldade do criminoso. Assim é matar-lhe a alma, se os legisladores crêem na alma. É roubar a Deus o que é de Deus, na hypothese de que o Creador ha de chamar a si o que deu de sua imagem ao homem. quer este se chame santo, quer demonio.

XXX.

Nos quatro ultimos mezes que precederam a minha apresentação na cadêa, experimentei o que é esterilidade, paralysia e ceguidão intellectual. Baldaram-se as obstinadas diligencias que fiz, em differentes logares onde estanciei, acolhido por amigos ou parentes. Solicitara de mim a versão de um drama italiano a senhora Emilia das Neves, artista, cujo merecimento obriga todo o escriptor que póde aquinhoar das suas glorias. Traduzi a primeira scena em Briteiros, na quinta de Francisco Martins. Para mais de tres mezes andou aquelle *thesouro litterario* no meu saco-de-noite. Instou a estremada actriz pelo traslado do seu mimoso drama. Arremetti denodado á obra, e verti a segunda scena. Andava eu cobrando hardimento para a terceira, quando o senhor commissario regio dos theatros me fez saber que a traducção fôra commettida ao senhor José da Silva Mendes Leal. Nunca as boas letras ganharam tanto com a inercia d'um escriptor, empedrado pelo infortunio!

Já n'outro relanço disse que os meus primeiros trabalhos na cadêa foram a traducção do *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, de José Droz, e artigos de politica, politica innocentissima, politica de estylo para o *Nacional*.

Ao terceiro mez de prisão senti-me revigorisado para o trabalho, e com bastante socego para prender o espirito ás transformações da phantasia. Ensaiei-me, como quem começa, pelas leituras aturadas de livros portuguezes. Quando a alma fugia das ideias alheias para se infernar nas suas, lá ia a paciente razão arrancal-a, e de lá a vinha chamando com a luz da esperança que parece alimentar-se do mesmo oleo santo, que flammeja e arde na lampada da religião.

Da leitura passei á escripta. Tracei alguns capitulos do romance *Annos de prosa*, para a *Revolução de Setembro*, e traduzi uma novella, muito aprazivel e consolativa, para o *Commercio do Porto*. Convidado pelo editor Gomes da Fonseca, puz em linguagem a *Fanny* — romance exquisito que só tem os meritos de sua maliciosa voga, popularidade sobre modo significativa do derrancado paladar dos francezes e das francezas. Fez-me triste impressão saber eu que o senhor Fonseca publicava deslealmente o meu trabalho n'um *jornal de annuncios*, com não sei que fito gananciosо. Abaixo d'aquillo não sei onde está o paradeiro d'um escriptor decahido! Ri primeiro de mim, como quem se é de si proprio espectador nas farças de sua vida; depois ri da bem-querença d'um jornalista, que fizera

do jornal de annuncios a rasa campa da minha reputação, com o romance vertido, por epitaphio.

Escrevi *Revistas do Porto* nos jornaes de Lisboa, e parece-me que tambem escrevi *Revistas de Lisboa* nos jornaes do Porto. Era de mais para quem não via nada! Formei parte d'uma redacção programmatica para o *Nacional*, que esteve por um cabello a hombrear com o *Times* em tamanho corporeo e intellectual. Sahiram-lhe os fados esquerdos, e apenas se manteve em egualdade com o seu cofre de pagadoria.

Tomei parte na redacção do *1.º de Dezembro*, jornal anti-iberico, o qual valeria um Nuno Alvares e um Pinto Ribeiro se o iberismo não fosse um phantasma, e os apostolos da nacionalidade uns terroristas, que já escassamente se aturam, de enfadonhos que são no palco. O jornal calou-se, ha dias, deixando acamadas algumas resmas de mau papel e maus artigos, como pyramide monumental de seu patriotismo. De crer é que não tenham outro padrão os preclaros heroes de 1640.

Escrevi tambem um epitaphio a pedido d'um veneravel sacerdote, que me julgou em maré cheia de inspirações funebres. Descreveu-me as virtudes do morto em duas horas, pedindo-me que as mencionasse todas, incluindo nas virtudes ter sido grande grammatico o defuncto. Engenhei uma oitava, que era uma biographia completa. No dia seguinte veio o padre buscar sua encommenda, e chorou a jorros, principalmente no verso em que eu dizia que o defuncto teria inven-

tado a grammatica, se ella não existisse antes d'elle. Encareceu-me o poemeto, comparando-o ás melhores inspirações de Nicolau Tolentino, e isto era estreme e lizo de intenção epigrammatica.

Depois d'outras duas horas de glossas ás virtudes aconsoantadas na oitava, o panegyrista metteu a mão á algibeira, e estendeu-me o braço na postura desempenada de quem tira do bolso do collete um imperio.

— Aqui tem para almoçar! — exclamou.

Abriu a palma da mão, que parecia abater debaixo do peso de cinco tostões, e accrescentou:

— O que é bom paga-se bem!

Ora eu, que sempre fui enthusiasta admirador d'um quadro em que Hippocrates rejeita os thesouros de Artaxerxes com magnifico gesto de repulsão, remedei exactamente o velho de Cós na attitude esculptural.

— Padre! guarde os seus thesouros! — clamei com emphase — Os genios, quando se abrem, são gratuitos, como as nuvens que chovem a abundancia do ceo, e tambem fazem a lama na terra.

Respeitou o padre a independencia da poesia, e foi-se nas boas horas.

Fui egualmente honrado com as remessas de albuns, cujos donos acharam bonito possuirem uma pagina datada da cadêa. Poderei apenas nomear um dos cavalheiros que me enviaram o seu album, onde eu escrevi algumas linhas que fallavam da amargura de minha alma. Se o leitor as lesse contristava-se, e, sendo-me inimigo, indultava-me de seu odio. Pois o cava-

lheiro, cujo capricho delicadamente eu servira, aconteceu depois ser um dos sessenta jurados que deviam julgar-me, e um dos doze que me haviam de condemnar, se eu o não recusasse, apenas lhe ouvi o nome: tão manifesta fizera elle a sua ruim tenção, apregoando-a nos corredores do tribunal. Creio que era ourives, e appellidava-se Santa Anna o sujeito que eu denominei cavalheiro, por achar que lhe concerta o epitheto. Ahi fica uma revelação que ha de acarear-lhe amigos, e satisfação de sua dignidade e lavada consciencia, por ventura de quilate egual ao do seu ouro.

Do livro publicado com o titulo *Doze casamentos felizes* escrevi seis ou sete na cadêa. Senti prazer n'aquellas ficções, e orgulhei-me de ter n'ellas imaginado a vida como ella podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lodo dos corações. Dediquei o livro ao senhor Antonio Rodrigues Sampaio, que exercita a virtude da amizade, como se esta de per si abarcasse todos os dictames do Evangelho.

Coordenei em seguida os apontamentos, que me havia dado o fallecido Antonio José Coutinho, na novella intitulada: *Romance d'um homem rico*. É o livro a que eu mais quero, e a meu juizo, o mais toleravel de quantos fiz. Estava ao meu lado um coração que eu ia desenhando n'aquella *Leonor*, da mão da qual eu me deixaria cahir no abysmo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abysmos. Aquelle padre, como todos os bons padres dos meus romances, — e creio que os fiz sempre bons para andar sempre ao

invez da verdade — copiei-o d'uma excepção, como outras excepções, que o leitor conhece. É um padre Antonio, que vive obscurissimo n'uma aldeia chamada Samardan, em Traz-os-Montes, aldeia que Francisco Manoel do Nascimento, lá de Paris, mettia a riso, quando queria dar terra a um selvagem, ou a um brazileiro. Para que me não tomem de esguelha o asserto, dou-lhe o exemplo em nota (1).

N'esta Samardan passei eu os descuidos e as alegrias da infancia, na companhia de minha irman, que alli casou, e d'aquelle padre Antonio d'Azevedo, alma de Deus, missionario fervoroso, que me podia ensinar

(1) CONTO.

Sahiu da Samardam certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida e fóssa, e sûa, arranca á terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico á Samardan; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixella compra fôfo;
Brocados veste, vai-se nos domingos
Espanejar á Egreja (*), acompanhado
De lacaios esbeltos; vem o cura
Saudal-o co'a agua benta.... etc.

O brazileiro vai viajar a Paris e

volta enfadado
A' sua Samardan....

exclamando:

Gabam tal gente
De polida? Oh! mal haja quem tal disse!
Corri casas, palacios, corri ruas,
Não vi um só, nem grande, nem plebeo,
Que, ao passar, me corteje co'o chapeo.

(*) Na Samardan não ha vinhas, nem egreja, nem cura. Aqui está como são os poetas!

tanto latim, tanta virtude, e só me ensinou principios de canto-chão, os quaes me serviram de muito para as acertadas apreciações que eu fiz depois das primas-donas. Bem se via que eu tinha a prenda. Aquelle santo homem ignora que eu escrevo novellas, nem cuida que a humanidade gaste o seu dinheiro e tempo a ler historias estranhas á salvação. As raras cartas, que me envia, são todas a desandar-me d'este caminho errado para o do sacerdocio, em que elle me promette cruzes e alegrias, penitencias e bem-aventuranças. Lá irei quando a sensibilidade, marasmada para as dôres de hoje, carecer de mais afiado gume das dôres futuras.

O romance escripto em seguimento d'aquelle, foi o *Amor de perdição*. Desde menino eu ouvia contar a triste historia de meu tio paterno, Simão Antonio Botelho. Minha tia, irman d'elle, solicitada por minha curiosidade romanesca, estava sempre prompta a repetir o facto, alligado á sua mocidade.

Lembrou-me naturalmente, na cadêa, muitas vezes meu tio, que alli devera estar inscripto no livro das entradas, e no das sahidas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a noticia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memoria, como recompensa das suas tragicas e affrontosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em casa de minha irman estavam acantoados uns massos de papeis antigos, tendentes a esclarecer a nubelosa historia de meu tio. Pedi aos contemporaneos que o conheceram noticias

e miudezas, a fim de entrar de consciencia n'aquelle trabalho.

Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorisada tenho d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saiu talhiço incorrigivel da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com elle. De mim lhe juro que...

Agora me ia fugindo a alma com a penna para uma necedade, que seria pueril e perdoavel se esta curva, que faço sobre a mesa, me não estivesse admoestando a retomar o prumo vertical em frente da desgraça.

Escrevi na cadeia outro romancinho, motivado por uma historia que duas senhoras me haviam, de muito, pedido que pozesse em livro. Era muito para isso a historia; mas, falleciam ao bom desempenho d'ella as intenções, que só as masmorras podiam dar-me, sendo que a maior parte do entrecho decorrera n'aquella cadêa.

Folheei de novo os livros dos assentamentos, e achei o nome da senhora, que era a alma golpeada da tragedia, que as suas amigas me disseram.

Aqui é, pois, onde vem apropositado o romance, que releva ser lido, como se algumas sepulturas se abrissem ante o leitor, e os mortos lhe contassem, uns as flagellações, outros os remorsos, com que lá desceram.

Entrem de coração na seguinte pagina.

XXXI.

MARTYRIOS OBSCUROS.

Passaram quarenta annos. Memoria da martyr nenhuma ha ahi. Ninguem lhe conhece a sepultura em Santa Marinha de Gaia.

Os algozes passaram tambem. Póde a indignação ou a piedade fallar d'elles sem temor de criar inimigos — terriveis inimigos os amigos dos scelerados poderosos!

E o ceo arqueia-se azulado e esplendido sobre nossas cabeças. A nossos pés tapizam-se verduras de mil esmaltes. Rimos a tudo, quando pequenas contrariedades nos não enfadam.

Onde estão os martyres?

Quem é que soffre?

A nós, se o ha, que nos importa o martyrio?!

Hontem, hoje e sempre corremos essas ruas, e de nenhuma casa coou um gemido que nos chamasse o animo embebecido nos sublimes calculos de accrescentar uma cifra ao valor que a sociedade nos dá. Os nossos amigos recebem-nos alegres no gremio de suas

familias risonhas e preoccupadas no theatro de hontem, e no baile de ámanhan.

Homens que eu já vi protegidos á sombra escura do seu plebeismo, perpassaram por mim, ha pouco, levantados em coxins de phaetontes, tirados por urcos fumegantes. Outros, os indigentes, que sujavam o formoso quadro da universal alegria, deliu-os da face da terra a esponja da morte. Se ha miseraveis, eu não os vejo.

A vida é linda!

Onde estão os martyres?

Era consul hespanhol no Porto, em 1816, D. Francisco de la Cueva. Acceitem da discrição do author este appellido, que não é o verdadeiro, mas é o conveniente.

Casara D. Francisco em Villa Nova de Gaia com uma senhora de familia commerciante, e por paixão casara, como em vulgar se diz, se o casamento é o resultado final d'um namoro de seis mezes, durante os quaes os namorados se conversam seis vezes, e se escrevem todas as semanas, de modo que, na ultima carta, já mal sabem como variar as phrases da primeira.

Isto se chama casamento de paixão.

Chamava-se Adelaide a senhora que tão despatrioticamente se dedicara ao castelhano, devotando-se do coração a um iberismo, o mais fatal de quantos ha, se damas portuguezas seguissem o exemplo d'aquella.

Castigado foi o estrangeirado coração de Adelaide.

Era o consul moço, gentil, dado a amar com escandalo creaturas isemptas de escrupulos.

A esposa fôra ciosa das rivaes imaginarias, quando as não tinha. Convencida, porém, da deslealdade do marido, excedeu o exemplo das mais intolerantes esposas. Já no primeiro anno de casada fugiu á casa marital, e recolheu-se á dos paes. Decorridos mezes conciliou-se com o marido, e voltou a casa, mais bravia que nunca, amargurando, já por habito, a vida do hespanhol, sem mesmo justificar as demasias do seu ciume.

Eram ambos desditosos, como se tivessem casado por odio, como se o contracto nupcial fosse o despedaçarem-se mutuamente.

Repetiu-se a fuga, e logo depois a reconciliação. Pessoas valiosas tomaram a peito congrassar as duas almas devoradas de impaciencia, esperando aquietal-as com o tempo, que a pouco e pouco vai esfriando os ardores do ciume, e o das deslealdades simultaneamente.

Terceira fuga ainda, por simplissima causa. Recovaram a Adelaide que seu marido brindara uma dansarina hespanhola com um par de castanhetas laçadas de fitas, onde se lia bordado a ouro o seu nome. Era calumnia. De crer é que D. Francisco de la Cueva admirasse os boleros de sua patricia; mas, que eu saiba, castanhetas não lhe déra nenhumas.

O resultado da intriga foi Adelaide fugir, e atirar-se ao seio maternal, contando entre soluços o hor-

ror das castanhetas, que tão graciosas já foram aos olhos d'um pontifice!

D'esta feita anojou-se D. Francisco, a ponto de pedir licença ao seu governo, e retirar-se temporariamente para Madrid. Deu vasto brejo á calumnia para espojar-se semelhante passo. A sociedade, conhecedora do facto, deu razão á esposa, confirmando os amores com a dansarina sobre o acaso d'ella sahir do theatro, cumprida sua escriptura, e seguir a Madrid, onde tinha os paes.

Finda a licença voltou o consul para o Porto, e viu que o recebiam de má sombra as familias suas conhecidas e de sua mulher, sendo que algumas pessoas de alto porte o ameaçavam da perda do consulado. Forçado pelo medo solicitou pazes com Adelaide, e acceitou as forcas caudinas de ir elle mesmo requestar-lhe a condescendencia á casa paterna.

Voltou Adelaide.

A sociedade, exquisita em seus juizos, começou a rir da comedia; e o hespanhol continuou a rir dos deveres conjugaes; e a esposa trahida relembrou as costumadas invectivas com que se ia mal pagando da perfidia.

Acontecera orphanar-se uma menina pobre, bem educada, prima de Adelaide. Os parentes, cuidando que a solidão de Adelaide lhe era causa a scismar no seu mal recompensado amor de esposa, lembravam-se de aconselhal-a a acceitar em casa a prima pobre, que lhe seria excellente companheira, e doce contentamento de acção caridosa.

Annuiu Adelaide; e o consul, na esperança de amaciar assim as asperezas da consorte, condescendeu sem resistencia.

Tinha uns dezenove annos formosissimos Delfina. Se olhos e cabellos negrejassem menos tomal-a-ieis por fina belleza de Inglaterra: tão de setim era a pelle e o melindre das feições. Contra o engano de quem lhe inglezasse a belleza, protestava a correcção de todas as fórmas, realçando a primor a dos pés e mãos, porções essenciaes da mulher que só attinge o bello, quando vem amoldada nas fórmas perpetuadas por Milo ou Raphael.

N'este composto de beldades faltava o ar, o movimento, o clarão da alegria. Era melancolica Delfina como alma contínuo alanceada por presagio acerbo. Dava a pensar que o anjo de seu destino lhe estava sempre segredando fatalidades decretadas no ceo.

Diziam que eram saudades de pae e mãe as lagrimas d'ella. Delfina já se escondia para chorar, temerosa do balsamo que vem agro como fel, quando a chaga é outra.

Já Adelaide dizia que a convivencia da prima, em vez de adoçar, lhe exasperava as amarguras. Ora D. Francisco sympathisava com a tristeza de Delfina; mas escassamente a confortava, receoso do escrutar dos olhos da mulher. O que elle podia fazer, sem incutir suspeitas, era lisongeal-a com quantos indirectos cuidados o coração lhe suggeria.

O coração?!

Era o coração; espantem-se; mas creiam. O hespanhol amava-a, porque era linda, porque era meiga, porque era pobre, porque era humilde, porque era virtuosa, porque ajuntava á formosura a desgraça, a desgraça á pureza, e a pureza ás lagrimas.

Amava-a ainda mais, porque não dizia, porque nunca pudera dizer-lhe que a amava.

Algumas vezes a prevenida esposa o surprendeu, contemplando a prima. E o marido, conturbado pelos olhares da mulher, que eram flechas, mais se denunciava. O homem que ama é um tolo sublime.

Só de animo frio a gente sabe furtar-se a olhos de mulher ciosa. É o amor uma criança, que nos faz crianças em todas as idades. Uma sexagenaria apaixonada arripia a carreira atravéz de quarenta primaveras, e volve aos seus vinte annos, e chega a purpurear-se como rosa, quando lhe tocam, de proposito ou de acaso, a fibra sensivel remoçada. Homem de quarenta annos, devastado, encanecido, laureado por cem conquistas ou cem tolices — que diz o mesmo — se acerta de amar devéras, e inflammar-se, como lampeja a luz em finaes clarões, torna-se menino, tem os sobresaltos d'um galan, as ridiculezas da mocidade, e tudo o mais que vem em prova de que o amor, salvas as legitimas consequencias do matrimonio, nunca póde ser acto serio, por mais serio que se nos elle incampe no romance e na tragedia.

Logo que Adelaide desconfiou das deferencias do marido a sua prima, não havia que esperar milagres de

prudencia d'aquella afogueada alma. Sahiram logo em baldão as indelicadezas, grosserias, e desprezos contra a orphan.

Soffria paciente Delfina os maus gestos da bemfeitora, não sabendo a que attribuil-os. Presumia que eram azedumes com o marido, e precisão de desabafar.

Um dia disse Adelaide á sua hospeda:

— Meu marido tem-te dito algumas palavras, que eu não saiba?

— Não, prima! — respondeu a orphan — Que me ha de elle ter dito que tu não ouvisses?

— Eu sei!... Meu marido é um doido, e tu és galantinha, Delfina... Que mais é necessario?

— Não entendo, prima... Que tem que eu seja bonita?

— Ora! não te faças criança! — replicou Adelaide risonha — Tens vinte annos, e estás farta de saber que meu marido gosta de ti, como todo o homem que tem olhos.

— E tu queres que teu marido não seja meu amigo? O que eu continuamente peço a Deus é que elle e tu sejam meus amigos para se não enfadarem de me ter em sua companhia, e me darem o abrigo que meus paes me não deixaram. O primo D. Francisco nunca me disse senão o que tu tens ouvido, prima! Umas vezes pergunta-me a causa de minha tristeza; outras diz-me que vá comtigo ao theatro, e passar as noites a casa de nossos parentes e relações. Bem sabes as minhas respostas. Vivo triste, porque é este o meu ge-

nio, e não por sentir o pêzo da dependencia que o teu bom coração me faz suave. Deixo de ir ao theatro e ás visitas por ver que a minha companhia te não é precisa. Se o fosse, iria, Adelaide; mas se me deixas ficar no meu quarto a trabalhar, ou ler, dás-me os raros prazeres que o meu triste genio me concede.

— Mas — atalhou Adelaide — o D. Francisco nunca te fallou ás escondidas de mim?

— Nunca.

— E uma noite que elle veio do theatro a casa ficando eu lá...

— Nem o vi. Perguntei á criada quem tocara a campainha, e ella disse-me que o primo viera ao escriptorio buscar uns papeis.

— Acredito-te, que já a criada me disse o mesmo.

— E é necessario que a criada t'o dissesse para me acreditares, prima?

— Não... isto é um modo de fallar — disse Adelaide, sem perturbar-se com a censura humilde á sua desconfiança, e proseguiu sempre aferroada pelo seu demonio do ciume: — Se elle alguma vez te disser alguma coisa, contas-m'a?

— Contarei, prima.

— E se te escrever?

— Se me escrever!? Para que ha de elle escrever-me?!

— A dizer-te que te ama... Olha que innocencia.

— Estás doida, Adelaide!

— Não estou, não; já te disse que D. Francisco

é um perdido com mulheres, e tu mesma, sem querer, és capaz de lhe enlouquecer a cabeça.

Delfina meditou alguns momentos, e disse:

— Nunca pensei em tal, prima... Parece-me sonho o que me estás dizendo! Bem sabes que eu pouco sei do mundo. Vivi na aldeia desde que meu pae morreu. Passei oito annos a conversar com minha mãe, que só me fallava da falta de meu pae, e do triste futuro que me esperava, se algum parente me não acudisse com recursos para eu entrar n'um convento. Principio a abrir os olhos agora para ver que são possiveis coisas horrorosas que minha boa mãe me não disse, porque talvez as não soubesse. Disseste que me não fingisse criança, porque já tenho vinte annos. Tens razão... É preciso adivinhar tudo aos vinte annos. Agora sei que posso ser amada por teu marido, e posso ter a má condição de vir causar-te maiores desgostos, em paga dos beneficios que me tens feito.

— Não disse tal... — atalhou Adelaide — Conheço meu marido, e adivinho-lhe os pensamentos. Creio que serás sempre digna da minha confiança e amizade; e por isso te peço me digas o que eu não puder adivinhar. A minha ideia, priminha, é salvar-te de alguma grande desgraça, e poupar-me a um desgosto, que me havia de matar, se eu soubesse que tu, por innocencia ou por amor, lhe alimentavas a paixão. Não vás tu cuidar que são infundadas as minhas suspeitas. Já agora hei de justificar-me. Um d'estes dias meu marido disse ao criado que lhe fosse lançar a correspon-

dencia ao correio. O criado pegou das cartas e pouzou-as sobre aquella mesa em quanto acabava de sacudir os tapetes. Reparei no sobrescripto de todas, e vi uma dirigida a um hespanhol, amigo intimo d'elle, que já o tem cá vindo visitar. Não sei porque, tive o presentimento de que n'aquella carta se fallava de ti, porque, demais a mais, sabia eu que D. Francisco não tinha segredos para o tal sujeito. Guardei a carta sem o criado dar fé! Abri-a,... e não me enganei... Espera um pouco, que eu vou buscal-a.

Em quanto Adelaide foi, Delfina amparou a face entre as mãos, e reteve a custo as lagrimas.

— Eil-a aqui! — disse Adelaide — eu leio-t'a, que está escripta em hespanhol.

E leu:

« Não te fallei ainda d'um anjo do ceo que allumia « a escuridade da minha vida intima. É uma prima de « Adelaide, orphan, que se acolheu a minha casa, guia- « da pela providencia, que se compadece de mim... « Tu nunca viste mais formosa mulher em Sevilha, em « Granada, no Aranjuez, na Porta-del-Sol! Os olhos « lhe bastariam para a fazerem rainha do universo pela « belleza; mas são tantos os encantos, que difficil é « designar qual d'elles lhe dá a soberania! Ajunta a « esta excellencia de fórmas a mais bella alma que « possa imaginar um santo; a humildade, que a divi- « nisa; a melancolia, que a faz parecer anjo desterrado « a esperar o chamamento de Deus!... Vê se pódes « conceber agora com que paixão adoro esta singular

« creatura! A voz me treme se lhe fallo; mas ella é « pura; nunca seus olhos viram n'outros a paixão; « nunca seus ouvidos ouviram expressões de amor, « nem sabe quando o tremulo da voz e o silencio do « respeito significam amor que emmudece, e que mui- « tas vezes (e esta será uma d'ellas!) depressa vai da « mudez do respeito á mudez da campa!... Delfina é « o nome da fada da minha existencia!... Porque vi « eu esta mulher? Que tremendo instrumento de ex- « piação me é ella nas mãos de Deus? Que significa « esta tortura diante do infernal IMPOSSIVEL da nossa « situação? Impossivel de certo, ó meu amigo! Que te « direi eu ámanhan de mim? Não sei. Ante meus « olhos ha tormentos nublosos, cuja duração não sei « antever. A desgraça é inevitavel, qualquer que seja « a sahida d'esta funesta paixão. Aconselhares-me? « para que! seria inutil. O coração perde-me: não sei « o que é salvar-se honra e dever n'esta infernal lucta. « Fugir-lhe? Não posso, meu amigo... A morte que « venha decidir do meu destino! »

— Aqui tens, prima, a carta de meu marido — continuou Adelaide, dobrando vagarosamente o papel. — Tu me dirás agora se é desproposito perguntar-te eu se meu marido teve comtigo alguma conversação de que a tua innocencia não suspeitou o que eu saberia esclarecer-te...

— Já te disse que eu nunca fallei com o senhor D. Francisco na tua ausencia. Eu não tenho a menor culpa d'essa carta.

— Tambem assim o penso; mas noto que a ouviste serenamente, prima! Parece-me que semelhante carta devia affligir-te!

— Eu só me afflijo com as desgraças irremediaveis. Só a minha situação, o meu desgraçado futuro me arrancam lagrimas. O que a ti te desgosta não póde ser-me agradavel, prima; mas, razões para me affligir nunca Deus m'as dê maiores. O meu dever, Adelaide, é remediar desgostos maiores que por minha causa possam sobrevir. Desde que fiquei sem mãe o meu pensamento foi entrar n'um convento, a não poder entrar na sepultura d'ella. Desgraçadamente o espolio de meus paes era insufficiente para as despezas. Pedi aos meus parentes ricos uma mesada de esmola, e só consegui que a tua caridade me abrisse os braços, que muito foi. Cuidaste que fazias uma boa acção, e sahiu-te d'ella um desgosto. Não te afflijas, minha prima: a carta de teu marido nada importa. A minha ausencia vai sarar o mal, que bom remedio tem. Lugar de criada não ha de faltar n'um convento do Porto ou da provincia. Tu podes com as tuas amizades obter-me este refugio. Consegue-o sem dizer nada aos nossos parentes. Não vamos envergonhar pessoas ricas, que me deixariam morrer de fome, com tanto que se não soubesse que eu sou sua parenta...

Chorava Delfina em tanto aperto, que não pôde continuar; e como ouvisse os passos de D. Francisco foi de corrida para o seu quarto.

Conjecturou o hespanhol do rosto de sua mulher alguma scena extraordinaria.

— Não estava comtigo a prima? — disse elle.

— Estava. Queres que a chame? — respondeu com desabrimento ironico.

— Não, menina. Admirei que ella se retirasse á minha chegada!

— Quem te disse que ella se retirou?

— Ouvi-lhe eu os passos.

— Como trazes os ouvidos apontados aos passos d'ella!...

— Forte admiração! Não é preciso apontar os ouvidos para ouvir passos a pouca distancia dos meus.

— Será isso... será... — disse, soltando uma risada secca e aspera.

— Esse riso que quer dizer? — perguntou o consul mal encarado.

— Quer dizer que me estou rindo da tua innocencia.

— Fazes bem, que eu tambem me rio da tua parvoice.

— Isso é que não, meu amigo. Da minha parvoice é que nunca te rirás, apesar da tua muita velhacaria. Eu leio-te na alma.

— És esperta!

— A tua consciencia o diz... E tu, que não sabes enganar-me, que és? Tolo.

— Modera-te!

— Mais ainda!! Se soubesses que provas te estou dando da minha moderação!...

— Excellentes! Ninguem as daria mais tocantes! Á quinta vez que fugires de casa és canonisada por merecimento de tua angelica paciencia...

— Basta de ironias! Se zombas de mim temos que ver!

— É melhor não ver nada. Boas noites.

— Boas noites.

Que cordial palestra! Eram dois rolos gemebundos, que se tinham casado por paixão!

No dia seguinte, a horas de almoço, Delfina faltou á mesa, e Adelaide, como indifferente á falta, não mandou chamal-a.

— Tua prima não almoça? — disse o hespanhol.

— Não sei.

— Mas é um dever perguntar-lh'o.

— Já não ha deveres.

— O quê? já não ha deveres?!

— Não, desde que déste o exemplo despresador do mais sagrados.

— Não percebo.

— Percebo eu, e basta.

— Quero explicações! — tornou D. Francisco, levantando-se de golpe e deixando cahir a chavena da mão tremula.

— Modera-te. As explicações são peores que o silencio. Almoça. Aqui tens outra chavena. É a da prima Delfina. De certo não te repugna tomares chá por esta chicara.

O consul retirou-se da saleta, e esporeado pela colera, sahiu de casa.

Adelaide foi levar a sua prima o almoço, e encontrou-a costurando sobre um estofo, humido de lagrimas.

— Almoça, Delfina.

— Desculpa-me, prima, que eu não posso... Estás resolvida a fazer-me a esmola que eu te pedi? Arranjas-me lugar de criada n'um convento? Lembra-me as recolhidas de S. Lazaro. Não poderás tu obter que eu lá entre como mestra de primeiras letras e costura? Eu sei marcar e bordar. Sirvo pelo sustento, se me lá quizerem. Com pouco trabalho, livre das horas obrigadas, ganharei com que me vista.

— Pensaremos n'isso... Descança, que eu faço-te justiça.

— Bem sei; mas eu sou aqui muito infeliz, e tenho direito a implorar esta graça da tua bondade. Não espaces a tua boa resolução. Se puder ser ámanhan, poupas-me um dia de supplicio.

— Pois eu mortifico-te, prima?

— Muito. Em quanto eu aqui estiver não haverá instante de paz entre ti e teu marido. Desculpo-te, Adelaide. Eu seria o mesmo na tua posição, se tu estivesses na minha.

— Se assim queres, irás para um convento como senhora, e não como criada.

— Antes como criada. Se posso entrar sem incommodar parentes, deixa-me ir com a independencia

que póde dar-me o trabalho. Isto não é soberba, prima: Deus sabe que não é. Ser senhora ou ser criada bem sei que são coisas muito distinctas ao parecer do mundo; mas eu sou insensivel aos juizos do mundo. Tanto se me dá que me respeitem a posição de senhora, como ser humilhada por estar ao serviço alheio. Acho prazer em ganhar a minha vida. D'aqui a dias ninguem fallará de mim; os nossos proprios parentes, cada um em sua consciencia, me achará nobre de proceder, embora esta minha nobreza não sirva para elles alardearem. Isto é o que eu sei da sociedade e do coração humano, porque minha mãe m'o dizia, farta de o saber e experimentar em dez annos de infortunio, que seguiram a fallencia de meu pae. Se a gente é a mesma de ha dez annos, eu devo esperar que os meus parentes sejam os de minha mãe.

— De mim — interrompeu Adelaide — certamente não tens razão de queixa...

— Nenhuma, prima, e perdoa-me se te não exceptuei.

— A prova de que te sou sincera amiga é não poder eu consentir que vás ser criada n'um convento.

— Essa prova quizera eu acceital-a no valor que lhe dás: mas deixa-me ser, minha unica amiga, o que posso dignamente ser.

D. Francisco fôra sincero na carta ao amigo. Pensava elle que a sua primeira paixão era aquella. O que eu posso affirmar é que era a ultima na escala das datas. Agora, se nenhuma outra lhe desvariou tanto o

juizo, isso offerece duvidas. Estou em crer que a mais funesta paixão de sua vida foi a que lhe embaciou os olhos da razão até á catarata de não ver a indole de Adelaide. Em quanto a mim, o hespanhol inflammava-se por todas as mulheres amaveis; mas uma só respeitara, se respeito deva chamar-se o acanhamento que senhoreia o homem na presença da mulher que o endoidece.

As avançadas ciosas da esposa exasperaram grandemente aquelle sentir, que poderia conservar-se mais ou menos puro no silencio e na serenidade. Póde ser que o affecto peccaminoso deixado a si se legitimasse pela amizade sem nodoa, e pelos honestos desejos que por vezes subtilisam o amor até o sublimarem aos enlevos do amor divino. Muito haverá quem ria d'estas conjecturas, que muito ha quem supra com a mofa a mingoa de sentimentos delicados. Para o nosso caso nada monta o riso. O leitor zombe das minhas ingenuidades de menino velho, que eu, sejam quaes forem as desgraças provindouras n'este bosquejo d'um magnifico e sentimental romance, teimarei sempre em dizer, que as mais delirosas paixões desfecham em affectos brandos, se o excitamento das contrariedades as desempecem de florescer, e ficar sempre em flor e aromas que não offendem o olfacto da sociedade.

D. Francisco, se bem que nas veias lhe girasse sangue arabe, sangue que escalda e enfurece a grandes peccados — (dos quaes Deus toma contas á alma e não ao sangue) — parece-me que devia ser, pouco mais ou

menos, o que são todos os homens, aquelles mesmos que se me affiguram ter orchata, e não sangue, nas veias. Se Adelaide procedesse paciente, discreta e tolerante como a minha leitora certamente procederia, o resultado era estiar em ideal e silencioso arrobamento a paixão do marido. Delfina, conscia ou insciente do amor de seu primo, manteria sempre sua dignidade, ou o seu anjo da guarda lh'a manteria, com quanto eu não seja dos mais credulos em anjos da guarda, em razão de sua pouquissima vigilancia ou facilidade na derrota. A final o hespanhol viria a ser um mero e extremoso amigo de Delfina; e quem sabe mesmo se, por amor d'ella, se faria a conversão do homem n'aquelle mandamento, que sua mulher, por novo theor apostolico, lhe queria insinuar na alma depravada, á força de maus tractos e escandalosas fugidas!

Depravada e condemnada estava aquella alma de hespanhol a supplicios d'este social inferno, em que não fallaram as religiões, e a philosophia racional nos está mostrando a cada hora do dia e da noite em que paramos a contemplar o premio da virtude e o castigo do vicio.

A inquisição quizera queimar-te, ó Bocage, porque disseste:

É castigo do vicio o proprio vicio.

Teremos sermão com seus embrechados de heresia? Não se apavorem das longitudes das minhas divagações. Eu já sei onde está o defeito dos meus escri-

ptos. O leitor quer a historia desenfronhada de refolhudas glossas. Ha de tel-a.

Voltando o consul á hora de jantar, não viu Delfina. Sentou-se á mesa Adelaide, e esperou que o marido a servisse. D. Francisco de la Cueva cruzou os braços, e fitou os olhos na terrina, como quem se extasiava na paizagem sobre pó-de-pedra.

— Então?! — disse Adelaide.

— Que é?

— Come-se ou joga-se os sizudos?

— Coma, se quer; eu dispenso que teimem comigo em minha casa.

— Tambem eu — disse Adelaide, servindo-se de sopa, que deglutiu o mais desentaladamente que imaginar-se póde.

D. Francisco encarou na mulher, e disse:

— Onde está essa sua desgraçada prima?

— No seu quarto.

— Porque não vem jantar? porque não veio hontem ao chá, nem almoçou hoje?

— Não quiz.

— E tem comido no seu quarto?

— É natural: sem comer não se vive.

— Mas a razão de não vir qual é?

— Pergunte-lh'o.

— É o que vou fazer — disse o hespanhol, erguendo-se e caminhando em direitura ao quarto de Delfina.

Ergueu-se Adelaide impetuosamente, e segurou-o pelo braço, exclamando:

— Alto! no quarto d'uma senhora não entram homens!

— Largue-me, que eu vou mandal-a chamar á sala. Dispenso e despreso as suas lições de delicadeza... Estudei-a nos salões de Madrid, e não nos armazens de Villa Nova. Deixe-me!

— Diz-me isso em tom ameaçador! — replicou Adelaide, soltando-o e recuando.

— Não sei como lh'o digo... Preciso saber que mysteriosa intriga se passa em minha casa. Sua prima ha de dizer-me que offensas lhe fiz, que motivo lhe dei para que ella me fuja.

— Se tem muito interesse n'isso, eu lh'o direi, senhor!

— Diga-o já.

— Desça ao seu escriptorio, que eu lá vou ter.

Desceu D. Francisco, e a mulher seguiu-o.

Ficou elle em pé, com os braços cruzados, esperando que Adelaide fallasse; e, como ella se detivesse mais do que a sua impaciencia consentia, exclamou:

— Falla?

— Fallo! — bradou ella com subitanea colera — esta carta fallará por mim!

E, dizendo, tirou do seio a carta que o leitor conhece.

— Carta! — exclamou o castelhano.

— Sim! a carta em que o senhor confessa sua deslealdade, sua deshonra e seus malvados intentos!

— Deixe ver.... — bradou elle, lançando mão á carta, que Adelaide retrahiu — Deixe ver essa carta!

— Quer rasgal-a? quer tirar-me esta prova do seu crime? Não lh'a dou! não sou tola! D'esta vez tenho provas, que até hoje minha familia me pedia, e eu só pudera dar-lh'as em lagrimas. Veja-a de longe; reconheça-a; e envergonhe-se, se não tem remorsos de ultrajar-me assim, e calcar aos pés os sagrados deveres da hospitalidade.

D. Francisco, tremente de raiva, com os dedos ora recurvos, ora fechados em ameaça, cresceu sobre a mulher, que lhe fugia já enfiada de medo. Seguiu-a escada acima, e segurou-a pelas saias, tirando por ella com tamanho impeto, que a fez cahir desamparada no patamar do escriptorio. Depois quasi a rojo a levou para dentro, e fechou a porta á chave. Adelaide gritava quando o marido lhe apertava os pulsos, e d'entre os dedos roixos da pressão lhe arrancava a carta a pedaços.

— És mulher muito infame! — bradou elle — És a mais odiosa serpente que o inferno lançou a este mundo! A minha vingança era arrancar-te esse coração diabolico!

Adelaide redobrava a gritaria, e arquejava sobre um canapé, para onde a arremessaram os braços convulsivos do hespanhol.

Acudiu Delfina aos brados, batendo á porta do escriptorio, e chamando anciadamente a prima.

Cahira Adelaide em syncope. D. Francisco, por ventura arrependido do excesso de sua colera, contemplava o rosto contuso da esposa, e ouvia o fallario de pessoas que se agruparam á porta da rua, attrahidas pelos brados. Delfina, no entanto, chamava mais afflicta a prima, empuxando á porta com desesperado esforço. O consul abriu a porta, deu passagem a Delfina, e sahiu de casa.

Tomou a orphan sua prima nos braços, exclamando:

— Isto que foi, Adelaide?! Teu marido bateu-te? Falla, minha querida prima, pelo divino amor de Deus!

Adelaide estremeceu, fitou n'ella os olhos, repelliu-a desabridamente, e vociferou:

— Larga-me, demonio, que és a causa da minha desgraça!

— Eu!... — disse soluçante Delfina — Eu a causa da tua desgraça!... Que mal te fiz?!

— Deixa-me, que fui sovada aos pés do teu amante! Sou miseravel aos meus proprios olhos, e devo já valer muito pouco aos teus. O infame queria matar-me para te dar a ti o que eu hei de disputar até á ultima gotta do meu sangue. São os meus direitos! — continuou, saltando para o meio da casa, e ferindo o chão com o pé, e a escrivaninha a murros fechados — São os meus direitos que eu defendo, e nem á força do punhal hei de ceder-t'os a ti!

— A mim!? pois eu que te peço, prima? Que injusta tu és com esta desgraçada!... Torna á tua razão,

Adelaide! Lembra-te que ainda ha momentos tu me disseste que eu era innocente nos desgostos que te causo.

— Não sei o que és — bradou em crescente furia a dama, que de relance vira no espelho a cara macerada — Não sei o que és; sei que estou ferida, pisada, e ensanguentada por tua causa! Foi satanaz que te trouxe aqui!

— Pois Deus me levará; não te consumas; por caridade te rogo que me perdôes... que eu mesmo agora vou sahir de tua casa.

— Vaes procural-o?

— Procurar a quem?

— Ao teu amante... ao homem que me arrastou e calcou aos pés!

— Vou procurar o trabalho, a honra e o socego, minha prima, e quer Deus que eu leve a consciencia tranquilla da innocencia dos teus infortunios. Os meus nunca te causem remorsos, sejam elles quaes forem. Desculpo-te e perdôo-te, minha prima, porque me parece que é a desgraça que te faz injusta comigo.

— Aquelle patife! — bramia Adelaide, arrepellando-se e rasgando-se — aquelle vil gallego espancar-me por que a minha dignidade de senhora não tolera escandalos de portas a dentro! Eu me vingarei, malvado; eu me vingarei de ti e de todos!

E abrindo as janellas do escriptorio, pouco eminentes á rua, onde estavam discorrendo ácerca dos brados alguns individuos, disse em altos gritos:

— Sejam-me todos testemunhas de que meu ma-

rido me espancou por eu não consentir que elle seja amante de minha prima!

— Jesus! — exclamou Delfina — tende piedade de mim! Levai-me para vós, minha mãe!

As pessoas invocadas a testemunhar os vestigios das pancadas acercaram-se da janella em que Adelaide expunha a cabeça desgrenhada, e o seio despeitorado pelos repellões do phrenesi.

A compaixão, menos abelhuda que a curiosidade dos espectadores, animou a victima a proseguir no tom declamatorio.

Que asco de mulher! Que envilecimento! Que inutil vergonha, e que feissimo espectaculo!

É incalculavel o termo onde póde ir com sua raiva a mulher creada entre as regalias de esmerada educação! Nada vingam estas a enfreal-a. É quasi certo que havemos de vel-a emparelhada com a mulher feita entre as celhas do peixe, quando identica paixão as impulsa. O ciume eguala todas as condições. Uma duqueza de Portugal manda vasar fóra os olhos de bonita mulher que seu marido ama, e offerece-lh'os a elle como acepipe na mesa commum do jantar. A peixeira descalça o tamanco, e leva-o á cara da rival que lhe disputa o amante na taverna. Uma rainha portugueza teria dado menos ignominioso exemplo de indecoro, se por ciume movesse divorcio, que assoalha sua infima deshonra e a do marido. Maior vilipendio a instigava ainda: o amor incestuoso. Oh! que baixos mol-

des estes em que Deus enformou o barro da creatura, rainha dos seres creados, e feita para subir a anjo!

Delfina deixara a prima imprecando e trejeitando como possessa. Subiu ao seu quarto. Ajuntou no bahú os vestidos e insignificantes valores de prendas de sua mãe. Pediu ao criado da casa que chamasse um carreteiro, e sahiu.

Á descida entrou no escriptorio, onde sua prima andava apanhando alguns pedacinhos da carta incombinaveis, sem dar tino de si n'aquella insensata diligencia.

Entrara Delfina chorando. Adelaide encarou-a desabrida, e disse:

— Que mais queres?

— Dizer-te adeus, e agradecer-te a caridade de me receberes em tua casa. Não te fui ingrata; posso de cara descoberta dizer a ti e ao mundo que, se a paga dos beneficios é o reconhecimento, nenhuma mulher foi mais agradecida que eu. Bem sabes que a desventura nunca me irritou contra a mão bemfazeja. Vim humilde, e humilde vou onde a vontade de Deus quizer que eu vá. Disseste ás pessoas, que te ouviram, uma falsidade, minha prima. Teu marido não era meu amante. Bem sabes a verdade. Que precisão tinhas de me calumniar e perder na opinião d'essa gente? Posso dizer que vou mais pobre do que vim, porque vou desconceituada, e ámanhan toda a gente dirá que sou amante de teu marido. A uma mulher pobre é crueldade tirar-lhe o seu patrimonio, a boa opinião de sua

virtude; mesmo ás perdidas é uma caridade encobril-as, e deixar a Deus o castigal-as, se lhes não basta o opprobio d'este mundo. Isto não é accusar-te, Adelaide. Tudo te perdôo, porque has de ter uma hora de remorso; e, se eu fosse vingativa, bastar-me-ia a tua dôr d'essa hora. Adeus, prima. Oxalá que vão comigo os teus desgostos.

Adelaide soffria. A injustiça é de sua infernal natureza covarde, e tem uns desmaios, os quaes, nas almas de bons instinctos, ás vezes tornam em saudavel rehabilitação. Não assim no animo de Adelaide. Como se visse avergada sob a paciente doçura da orphan, avultou ao febril espirito a imagem do marido arrastando-a, e as contorsões dos pulsos. O mesmo foi restituil-a ao seu demonio, e abrazar-lhe o coração em sêdes de vingança.

— Deixa-me! — exclamou ella — Estou farta de te ouvir. Não engulo araras. Segue o teu destino, e deixa-me morrer no meu posto, que é este. Quando eu tiver morrido, então vem tomar conta d'esta casa; e guarda-te de ser expulsa por alguma orphan, que te peça um talher á tua mesa.

Delfina entalada de novo pelos soluços, respondeu ao novo insulto:

— Deus te perdôe, Adelaide!

E sahiu, escondendo o rosto na mantilha, para furtar-se aos olhares cobiçosos da visinhança, e da vadiagem, que ainda estanciava nas proximidades da casa.

Achou-se a infeliz na rua sem saber que destino

tomasse. Lembraram-lhe os parentes de Villa Nova, já não como almas caritativas que lhe dessem abrigo, mas como pessoas valiosas a lhe darem arrimo n'um mosteiro. Foi a Villa Nova, e contou os successos, menos as phrases insultantes da prima. Os parentes ouviram-a com pasmo e desconfiança de mau agouro. Ao pedido instante do convento responderam que escusava procural-os para tal diligencia, visto que para tão pouco era bastante o apresentar-se ella na portaria, ou incumbir semelhante negocio a uma inculcadeira de criadas.

No entanto, consentiram em que Delfina ficasse, até os parentes resolverem o mais acertado.

Horas depois chegou uma carta de Adelaide, contando os successos calumniosamente, e de modo que a culpa d'elles recahia sobre a orphan. O pae de Adelaide foi sem detença a casa de sua filha, e voltou a dizer á sobrinha que desalojasse quanto antes de sua casa.

Pediu de mãos erguidas a orphan que a não condemnassem sem a ouvirem. Balbuciou em gemidos sua justificação, invocando o testemunho de Deus. Baldaram-se lagrimas, se é que o Senhor justiceiro as não tomou para a balança do dia final.

Foi Delfina caminho de S. Christovão, aldeia visinha de Villa Nova. Morava ahi uma antiga criada de sua mãe. Pernoitou a orphan no pobre catre da tecedeira, e madrugou com a intenção de vender alguns poucos enfeites de oiro, que tinha de sua herança, alu-

gar um baixo no Porto, e trabalhar de costura, ou ensinar meninas, até que Deus lhe deparasse asylo no recolhimento. Assim o fez na parte que dependia de sua actividade. Alugou casinha na « Torre da Marca », trastejou-a pobremente, e escreveu uns annuncios de costureira e mestra de meninas, os quaes ella mesma grudou nas esquinas da cidade. Esperou oito, esperou quinze dias, e um mez, e nenhuma menina, nenhuma encommenda de costura lhe appareceu. Os pouquissimos recursos estavam quasi exhauridos. Foi ao mosteiro de S. Bento, e perguntou á porteira se alguma religiosa a tomaria como criada. Todas as religiosas estavam servidas. Em Santa Clara carecia-se de criada; mas não admittiam alguma sem fiança. Quem abonaria a desvalida menina, que ninguem conhecia?! Em Monchique foi rejeitada, por ser muito delicada de fórmas. No convento das dominicas de Villa Nova nenhuma freira a receberia como criada, tendo seus parentes alli, e sendo, de mais a mais, já notoria a ingratidão e deshonestidade com que a orphan respondera á caridade de sua prima, segundo o theor por que os parentes vulgavam o successo.

Desanimada, e sem inspiração que lhe suggerisse meios de vida, acolheu-se á sua casinha, e principiou a vender ao desbarato os melhores vestidos, o pouco bragal, e depois os objectos mais necessarios ao modesto amenho do seu abrigo e compostura.

Virá a providencia divina a tempo de a fome a não violentar á deshonra, ou ao suicidio?

Esperemos.

Entretanto D. Francisco de la Cueva abandonara a propria casa desde o dia em que entrara disposto a reconciliar-se com a esposa, e soube que Delfina fôra expulsa, ou obrigada a sahir por maus tractos.

Adelaide ao fim de tres dias fechou as portas, e foi para os paes. O hespanhol fez arrombar as portas, e senhoreou-se da casa.

Em quanto Adelaide instaurava acção de divorcio, motivada por espancamento, em que depunham os visinhos e os caminheiros, inimigos de Castella e do castelhano, este, prevalecendo-se da sua posição e da espionagem inherente aos consulados, indagava a residencia de Delfina. O conductor do bahú fôra o denunciante até ao ponto d'ella entrar em casa dos parentes de Villa Nova; outro denunciou a ida para S. Christovão. A velha que a hospedara uma noite, e a servira no trastejamento da casinha da Torre da Marca, dissera o resto.

Alcançara D. Francisco os ultimos esclarecimentos, quando Delfina já tinha fome. Chamou á sua confidencia a velha de S. Christovão, e fêl-a portadora de dinheiro para a orphan, induzindo-a a dizer que os seus parentes lh'o remettiam.

Acceitou Delfina, e ao cabo de tres mezes de soccorros abundantissimos julgou-se obrigada a ir agradecer a beneficencia aos seus tios.

Foi a Villa Nova, e não lhe consentiram entrada na casa. Disse ella ao escudeiro o fim a que ia, e este,

condoído da senhora, asseverou-lhe que a sua familia não lhe dava nem um ceitil, e que tomaram elles poder vêl-a na forca.

Delfina obrigou à criada a confessar de quem recebia os soccorros, sob pena de despedil-a do seu serviço, como traidor instrumento de alguma tentativa contra a sua honra, desprotegida pela pobreza.

A velha foi verdadeira, e Delfina commoveu-se á caridade do marido de sua prima, e achou nobre e virtuoso o procedimento d'elle.

A innocencia é assim.

As perfidas intenções só as aventam as falsas virtudes fartas de serem tentadas pela serpente, e com os dentes já gastos de morderem no pomo fatal.

Sabedor d'estas occorrencias, D. Francisco escreveu a Delfina uma carta como devera escrever-lh'a um irmão. Em duzentas linhas não se lia a palavra *amor*. Era como uma carta mystica dirigida por Fr. Antonio das Chagas ás suas irmans espirituaes.

A segunda carta, em réplica aos humildes votos de gratidão da orphan, era uma lamentação, em que o hespanhol, menos ditoso que Jeremias, não tinha sequer a quem mostrasse as suas lagrimas. *Amor*, porém, era palavra banida da segunda carta.

A terceira, em resposta á segunda, toda consolações e aspirações aos bens, que a providencia reserva aos seus eleitos de soffrimento, era volcanica de desespero, e tractava a questão do suicidio, segundo a nor-

ma deixada por Rousseau na carta de Saint-Preux a Heloisa.

Eis aqui um periodo:

« Eu abomino a minha alma, porque a desgraça « me conserva n'ella a reminiscencia para me exacer- « bar o supplicio. Se ha inferno, quero lá despenhar- « me com ella, se á porta do inferno ficam as esperan- « ças, e tambem ficam as saudades. Estou só, como o « maldito que a humanidade expulsou do seu seio. As- « sim morre-se a pedaços, e revive-se infernalmente. « Não me falle em Deus, prima. Dê essa palavra sem « ideia aos venturosos, a quem é indifferente o crime « e a virtude, e o premio e o castigo. Um desgraçado, « com o meu destino, não tem que ver com a religião, « cujo sacerdocio está confiado a homens. A minha « religião era o amor... »

Aqui temos a fatidica palavra, pela primeira vez nas cartas. Se Delfina córou ao lel-a, não affirmo. Como romancista era-me dever imaginal-a e descrevel-a córada ou pallida; como historiador, porém, o meu officio é dizer o que sei.

A correspondencia continuou, já por parte do castelhano, mais amoravel, menos eriçada de apostrophes á morte. N'uma das cartas tivera elle a sinceridade de confessar que queria viver, já se vê, na religião do amor, e morrer n'ella, como todos os milhares de heroes de Lope de Vega, e Calderon de la Barca.

As respostas da orphan denotavam inintelligencia das perguntas delicadas, que o consul fazia acobertada-

mente ao coração d'ella. Respondia pedindo a Deus que reformasse o genio de sua prima para restituir a felicidade ao marido extremoso, ao cavalheiro digno d'um anjo.

Presumo que estes votos eram medianamente uniformes com os do marido extremoso; pelo menos, o genio intractavel de Adelaide, e o desejo da reforma eram clausulas alheias ás cartas d'elle.

Recebeu, um dia, Delfina uma carta que lhe deu que pensar e soffrer. Pedia-lhe licença o hespanhol para a ver, não em casa d'ella, que seria dar ensejo á diffamação; mas n'um sitio retirado em algum dos arrabaldes do Porto. Respondeu com perplexidades, que significavam desejo e receio. É como a innocencia responde.

Instou o homem sinceramente apaixonado, simulando o contentamento na serenidade e bom juizo das palavras. Foi designado o ponto em Mattosinhos. Encontraram-se, e foram de passeio até ás praias de Lessa. Sentaram-se nas fragas, e conversaram das suas desventuras. Era poeta o hespanhol; e, se o não fôra, d'aquelle baptismo das aguas aspergidas da onda, sahiria poeta, como elle se estava sentindo. E então de natural se elevaram a meditações, que refinavam em espiritualismo. A palavra Deus entrava em todas, e ingenuamente acudia aos labios d'um e d'outro. Occorreu a these do amor. Tractaram mysticamente a questão que os ramancistas rebaixam a profanidades. Nem theologos, nem ideologistas profundaram com

mais subtileza o destino das almas, antes de chegarem a uma final conclusão. Querem elles que as almas desligadas n'este globo pela fatalidade se despenem com a morte, e se esposem em eternas nupcias, celebradas pelo sacerdocio dos anjos. Póde ser que isto seja assim. Coisas muito mais absurdas se tem dito e escripto, com acceitação dos concilios e dos santos padres. Á beira-mar é natural e possivel adivinhar os segredos da creação, porque a voz do Creador, n'aquelle bramir das aguas, e no estrondear que faz no reconcavo das penhas, parece que nos está ensinando a pensar. A *Cidade de Deus* de Santo Agostinho foi meditada á beira do mar d'Africa. Michelet escreveu um grande livro em presença do oceano, livro de sybilla, que só póde bem ler-se e entender-se á beira-mar. Ha maravilhas ditas e escriptas á vista do formidavel elemento; mas, sem desfazer nas outras, entendo que as mais gratas ao leitor, se lh'as eu pudesse repetir, seriam as que D. Francisco de la Cueva disse a Delfina, n'aquella tarde de Lessa da Palmeira.

A orphan passou a seguinte noite em intermittencias d'um dormir agitado por estranhos sonhos.

Acordava em palpitações do seio, como o susto as causa nas compleições nervosas. Ouvia a longinqua toada das ondas, e cuidava ouvir tambem o murmurio da voz maviosa do castelhano.

E porque vinha á imaginação da inquieta menina, não só a voz, tambem a imagem?

Porque recordou ella, quando as julgava esqueci-

das, as principaes phrases d'aquella carta, que Adelaide lhe lera?

E o repetil-as a si, no silencio da noite, que queria dizer, e d'onde lhe vinha a magia de semelhantes reminiscencias?

Ajude-me o leitor a deslindar estes segredos, e forme o seu juizo, que eu, seja elle qual fôr, acceito-o como bom.

É assim que a innocencia se despenha. —

Defrontando com os rochedos maritimos, em que D. Francisco e Delfina se haviam sentado, estava uma casinha baixa, construida de pouco, e formosa á vista de poetas e amantes. Um inglez aborrecido da vida e dos guinéos parara alli, quando viajava, e mandara edificar aquella casa para descançar dois mezes, e esmerilhar a antiguidade do Senhor de Mattosinhos. Passado o termo dos seus estudos foi pascer o seu tedio a outras regiões, e deixou a chave da casa ao consul hespanhol, unico homem da peninsula com quem fallara em Portugal, porque o seu patricio Byron infamara os portuguezes, e elogiara os hespanhoes nas peregrinações de *Child-Harold*.

Estivera a casa desoccupada um anno. Algumas vezes D. Francisco ahi passara horas, e d'uma assentada estivera os tres dias que andou fugitivo de casa em que sua mulher vivia.

Um mez depois dos successos do ultimo capitulo, viram os pescadores, n'um bello dia de sol de dezem-

bro, uma senhora encostada ao peitoril da janella mais alta do edificio, com os olhos postos no horisonte do mar.

Acercaram-se os mais curiosos ao longo do baixo muro que servia de sebe á casa, e disseram que ella tinha o rosto lavado em lagrimas.

Viram depois apear um cavalleiro a curta distancia, e entrar na casa, a tempo que a dama enxugava o pranto, e se voltava com um sorriso a receber o hospede.

Eu creio n'estas informações dos pescadores, porque os pescadores não fazem estylo.

O que elles não sabiam contar é que a senhora da casinha ingleza era Delfina.

« *Delfina!* »

Ó leitores, não se finjam espantados! Guardemos para os salões os nossos pontos de admiração sobreposse. Quando ninguem nos vê ler os escandalos que os livros nos contam, podemos ser naturaes e sinceros como Deus nos fez.

Era Delfina a dama lagrimosa da casa ingleza.

Era D. Francisco de la Cueva o cavalleiro que tinha direito a ser recebido com rosto sem lagrimas.

Perguntam-me se está, pois, perdida aquella boa rapariga?

Não sei se está perdida. Perdida sei eu que ella estava no conceito do mundo, quando Deus sabia que ella era pura, como tinha sido na sua divina mente a

ideia d'uma creatura, antes que Elle a denominasse mulher.

Era Delfina, a Delfina que quizera ser criada d'um convento, ou costureira, ou mestra de meninas.

A Delfina que nenhum convento quizera;

Que nenhuma obra obteve na sua indigencia;

Que nenhuma educanda procurou para lhe dar o pão da honra a troco do ensino.

Era a Delfina injuriada, calumniada, e perdida no conceito do mundo, quando lhe batia na cara a porta dos parentes a quem ella ia agradecer a supposta esmola.

Era Delfina, mais desgraçada que nunca, porque aquella formosa casa era o debruçar-se sobre um abysmo, abysmo de perdição e de agonias que hão de ter nome, quando o inferno nos fizer presente do seu vocabulario, que principia a ser adivinhado pelos legisladores, pelos moralistas, e pelos algozes togados e não togados d'este cahos de hypocrisia, crueza e devassidão.

Decorreram dois annos.

Adelaide proseguia no pleito do divorcio, que o marido não impugnava. Mais por capricho ferino, que por ambição, apressava ella o processo. O casal a dividir era pequeno, que tambem o era o dote d'ella, e difficil de liquidar o patrimonio do marido em Hespanha.

Caminhava o litigio, quando Adelaide soube que seu marido ia todos os dias a Lessa, e lá pernoitava

frequentemente. Pôz em campo a espionagem que seu pae lhe ministrou, e soube que Delfina era a locataria da casa ingleza, e seu marido a visita quotidiana da mulher theuda e mantheuda. Com a protecção de seu pae apresentou-se ao desembargador encarregado da policia, queixando-se de sua prima, que lhe roubara o marido, e vivia com elle escandalosamente em Lessa.

Como o demonio da raiva lhe espremia as glandulas lacrimaes, o magistrado condoeu-se das lagrimas da esposa trahida nos seus extremos pela mulher indigna, que misericordiosamente recolhera em sua casa. Condoer-se e passar ordem de captura, foram actos contínuos.

Apresentou-se á porta de Delfina, ao romper da manhan, um escrivão do crime e tres esbirros.

Apenas a criada abriu a porta assaltaram de subito a casa, perguntando pela moradora. Sahiu-lhes á saleta Delfina com uma criança de seis mezes nos braços, perguntando-lhe o que lhe queriam.

O escrivão Chrispim Caetano da Costa tirou lentamente do estojo de marroquim os oculos de prata, assoou-se antes de os montar no nariz, que parecia farejar os cantos da sala, sentou-se, desdobrou meia folha de papel, fitou Delfina por cima dos vidros, e disse:

— Chama-se a senhora * * * Delfina * * *? (1).

— Sim, senhor.

(1) Para não substituir o nome e appellido por outros suppostos, preferimos designal-os com os asteriscos.

— Sinto muito dizer-lhe que está a menina presa á ordem da intendencia geral da policia.

— Presa!... — exclamou ella — Presa porquê?

— A requerimento da senhora D. Adelaide * * *. Já a senhora sabe por que está presa. Faça favor de não demorar a diligencia, que temos pressa.

Delfina chamou a criada, e disse-lhe em voz baixa, que corresse ao Porto; e, voltada para os esbirros, continuou:

— Hão de esperar que eu mande esta noticia ao Porto.

— Ao Porto! — exclamou o escrivão, em quanto os alguazis riam ás gargalhadas — Para o Porto vai a senhora, e lá dará a noticia a quem quizer. Assim como assim á ida para a cadêa já ninguem lhe vale; e então não ganha nada em mandar avisar alguem. Não se demore.

— E o meu filho? — disse ella apertando ao seio a criança.

— O seu filho não tem ordem de prisão — respondeu ironico o escrivão — mas se o quizer levar, leve-o, e lá na intendencia lhe dirão o seu destino.

— O seu destino ha de ser o meu! — bradou Delfina.

— Pois será: nós cá não temos que ver com a criança. Arranje-se, se quizer, e arranje o pequeno.

Delfina sahiu da saleta, e o escrivão disse aos companheiros:

— Vão vossês dar um passeio em volta da casa, que isto de mulheres poem-nos muitas vezes o sal na

molleira, e esta creio que é velhaca pelas recommendações que me deram.

Vestiu Delfina o primeiro vestido que teve á mão, e agazalhou a criancinha, em cuja face cahiam, quatro a quatro, as lagrimas da mãe.

— Então? — dizia de instante a instante o chefe dos esbirros — vamos embora? Não é preciso ir vestida de velludo, menina!

Delfina já estava preparada; mas detivera-se a contemplár insignificantes coisas do seu quarto, memorias em que lhe ficava o coração. Depois ajustou a face á janella que olhava para o mar, e embaciava os vidros com o halito febril. D'alli volvia o rosto para o filhinho, que bracejava e chorava sobre o leito: aconchegava-o do seio para accommodal-o, e a criança chorava mais, como se lhe amargasse aquelle leite, que já levava em si a peçonha da morte.

Poucos passos pudera dar Delfina fóra de casa. O escrivão mandou alugar uma cavalgadura, estipulada a condição de pagal-a a presa. Depois, de combinação com os esbirros, ordenou que seguissem o caminho do areal, e não a estrada direita, para evitar encontros desagradaveis.

Facil é de ajuizar que o escrivão receava encontrar-se com o consul, ou levara já do Porto as instrucções para evitar o encontro.

Chegou a presa ao tribunal da intendencia, e foi asperamente injuriada pelo magistrado.

— Não tem vergonha de trazer essa criança nos braços? — bradou-lhe elle.

— Não tenho vergonha de trazer meu filho nos braços — respondeu ella serenamente.

— Seu filho! o filho adulterino! a prova viva do crime! Que desfaçatez! Vem confessar diante do mundo que é mãe d'esse filho do crime! Vamos! veja que destino lhe dá! A senhora vai para a Relação e seu filho não póde ir comsigo.

— Pelas cinco chagas de Christo não me tirem o meu filho! — exclamou ella ajoelhando.

— Ponha-se a pé: eu não quero comedias. Vá ajoelhar á sua boa e virtuosa prima, a quem a senhora pagou com infamia e com a desgraça o pão da caridade.

— Isso é falso, senhor! — balbuciou Delfina suffocada.

— Falso! Falso! — urrou furioso o intendente — Já viram maior pouca vergonha na negativa! Pois esse pequeno não é filho do consul hespanhol!

— É, sim, senhor.

— E o consul hespanhol não é marido de sua prima!?

— Sim, senhor.

— Então que atrevimento é o seu de desmentir sua prima, a opinião publica e a mim?

— Mas eu fui calumniada, senhor intendente! Eu perdi-me no bom conceito do mundo, quando minha prima me tinha já desacreditado e reduzido a uma po-

sição em que só a mão de Deus podia salvar-me da quéda.

— Cale-se ahi, impostora! Já lhe disse que isto não é theatro. A mim já me consta que a senhora lia novellas, e cuida que a vida se leva com novellas. Está enganada. A lei é que cura as manias e as doidices das novelleiras. Vamos a acabar com isto. A quem dá essa criança?

— Eu não a dou a ninguem, senhor. Este menino tem seis mezes; sou eu que o crio ao meu peito; a quem hei de eu dal-o?

— Dê-o a uma ama que o crie, ou mande-o para os engeitados.

— Para os engeitados! por piedade, senhor intendente! Eu pagarei a uma ama; mas não me lancem á roda meu filho!

E com tanta ternura e afflicção a pobre mãe comprimia ao coração a criancinha, que o desembargador voltou o rosto para resistir á piedade do espectaculo.

— Vá alguem á roda — disse o intendente — perguntar se lá está uma mulher que se queira encarregar de amamentar uma criança em quanto se procura uma ama.

Sahiu um esbirro, e Delfina foi mandada com a criança para outra sala.

Eu não sei dizer como foi aquella meia hora de Delfina com os olhos cravados no filhinho, de quem ia separar-se. A farta intuição que eu tenho das dôres alheias, modeladas pelas minhas, não alcança tão lon-

ge. Se consulto mulheres, que são mães, ácerca d'esta agonia, respondem-me a chorar. A chorar deve estar a mulher de maternaes entranhas, que me está lendo estas linhas, de que eu vou fugindo, porque a tortura não é dadiva que a leitora deva agradecer a um escriptor.

Veio com o alguazil uma mulher mal entrajada, que disse acceitar por quinze dias a criança, se lhe pagassem a tostão por dia, e lhe dessem os arranjos necessarios para o ter com limpeza.

Delfina chamou a mulher de parte, e disse-lhe:

— Pelo amor de Deus tracte-me bem o meu filho. Vá vocemecê com elle procurar o senhor consul hespanhol, que ha de receber d'elle tudo o que lhe fôr necessario, e uma boa gratificação. Vá logo que sahir d'aqui, sim?

— Vou, vou, senhora — disse a ama — Então o pequerrucho é filho do senhor consul hespanhol?

— É, sim, é.

— Então nada lhe ha de faltar, se Deus quizer. N'esse caso, se a senhora estiver contente, eu fico com o menino, e acabo de o criar.

— Pois falle com o pae, que tudo se ha de fazer; mas tracte-o com amor, sim? Elle é muito doentinho; agazalhe-o bem, que lhe não ha de faltar roupa.

— Eu vou lá de caminho. Dê cá o meu fidalguinho, que é lindo como os amores!

Delfina deu os ultimos beijos no filho, que se deba-

tia e chorava nos braços da ama. Já a estavam chamando á ordem do intendente. O escrivão teve a piedade de a tirar por um braço á contemplação do filho; mas, ao desapparecer a ama, a desgraçada senhora cahiu com uma vertigem nos braços d'alguns circumstantes, alli attrahidos pelos estridentes soluços d'ella.

Meia hora depois Delfina entrava nas cadêas da Relação do Porto. Aqui damos o traslado do assento de entrada copiado da pag. 155 do livro que comprehende nominalmente os presos de 1817 a 1819:

*Em 13 de novembro de 1818 veio presa * * * Delfina, que assim disse chamar-se, e ser solteira, e viver da sua agencia, natural de Villa Nova de Gaia, idade vinte e dois annos, filha de * * *, e de sua mulher * * *, já defunctos; estatura ordinaria, cara comprida, olhos castanhos* (1), *e cabello preto; vestida com um vestido de guingau amarello* (2), *a qual entregou o official Ribeiro por ordem do desembargador encarregado da policia, para ficar presa á ordem do illustrissimo intendente geral da policia; e mandei fazer este assento, que assignei. = Joaquim Teixeira de Lima.*

(1) Pessoas que conheceram Delfina, e a trataram intimamente nos ultimos mezes de sua vida, asseveram-me que eram negros os olhos d'ella, e de estatura alta, posto que magra. A' luz coada por ferros não admira que o carcereiro se enganasse na côr dos olhos da formosa encarcerada.

(2) N'aquelle tempo o guingau era estofo de preço não vulgar. Disse-me uma amiga de Delfina que ella sahira para a cadêa sem mudar de vestido; duvida, porém, que fosse amarello o guingau, affirmando que a sua desgraçada amiga vestira sempre de escuro.

Na margem direita d'este assento, lê-se:

Recommendada por ordem da intendencia geral da policia de 24 de outubro do corrente anno. = Escrivão, Chrispim.

A prisão destinada a Delfina denominava-se a « saleta. » É um quadrado de doze passos de parêde a parede, com uma janella gradeada, que defronta com a egreja de S. Bento. Por cima da abobada d'esta prisão era o oratorio dos condemnados; debaixo do pavimento estava o antro do carrasco.

Algumas presas occupavam o mesmo recinto. Eram mulheres que podiam dar maior percentagem ao carcereiro, e livravam-se assim dos horrores da enxovia. No pessoal das companheiras de Delfina predominavam as infanticidas, e duas d'ellas haviam matado com veneno seus maridos. O restante eram ladras, ou collarejas, que cumpriam sentença correccional, por levarem fóra do alcouce a impudencia da sua linguagem.

A chègada de uma presa, trajada limpamente, com geito de senhora, e um ar de pavor, que mais parecia nos olhos um supplicar de piedade, fez estranheza nas outras encarceradas, estranheza que passou ao riso e ao tregeitar de mofa.

— É de espavento! — dizia uma, arregalando os olhos, e alongando os beiços.

Outra, torcendo a boca em carêta, afeiada pela caria dos dentes, resmuneava:

— Olha que mãos tão brancas! Não ha de cá estar nuito tempo, que as ventas são bem boas!

— Ella está pasmada! Queres tu ver que não acha ponita a casa! — acudiu outra com seriedade de far-cista.

O carcereiro fallou pelas grades á juiza da prisão, e lisse:

— Ó Thomazia Pitôrra, tracta bem esta menina, que não é da vossa egualha, canalha bravia.

— Cá tracta-se bem quem pinga — disse a senhora Pitôrra, que deixara medrar a rataria em casa para mi-nistrar ao seu defuncto marido os pós, que bastariam a evastar as ratazanas do Mont-Faucon, em consequen-ia do qual descuido estava condemnada á pena capital, esperava em ferros, havia quinze annos, a commuta-ão da pena para degredo perpetuo. E encarando na resa com uns biocos de zombeteira compaixão, disse-ne:

— A menina não traz cama?! Olhe que isto cá são rimbas, e faz frio como na rua. Sempre mande vir ns lençoes e alguns cobertores, se não quer tocar cas-nhetas com os queixos.

Delfina sentou-se n'uma caixa de pinho, e rompeu n pranto desfeito.

As presas ora a contemplavam com ar de pena, ora olhavam umas ás outras, trocando sorrisos.

A mais nova, moça de dezeseis annos, quando mui-, e a menos criminosa de todas — que o seu delicto a teimar em residir n'uma rua de gente honesta,

sendo ella o reverso da honestidade — essa não se ria nem desfitara ainda os olhos compassivos da nova com panheira.

Como a visse em ancias e suffocações de gemidos chegou-se a ella, e pediu-lhe licença para desapertar lhe os colchetes do vestido. Tão meigamente lh'o dis se, que Delfina, relanceando-lhe os olhos, e vendo- lagrimosa, conheceu uns longes de consolação. Pouc basta a consolar na extrema desgraça.

— Quer que a desaperte? — repetiu a presa.

— Pois sim, faça-me esse favor — disse Delfina.

— Quer uma gotta de agua?

— Queria, se é possivel.

A presa, que a honestidade publica aferrolhara n carcere, foi buscar um pequeno copo d'agua, que che gou aos labios de Delfina. Depois accrescentou:

— A senhora deve estar em jejum, não está?

— Não me lembra isso...

— Eu vou mandar buscar café e biscoutos.

— Muito agradecida, menina, eu não posso comer

— Ha de comer, minha senhora — instou a moç — O melhor que a gente póde fazer n'estas casas é nã morrer. O seu crime não ha de ser grande; e, mai hoje, mais ámanhan, a senhora vai para a rua, e de pois o passado passado.

— É prognostica! — disse uma das infanticidas.

— Lérias sabe ella a dar c'um pau! — disse a outra

— A fazer-se senhora!... — murmurou uma da ladras.

— Lá palavriado tem ella, a melada de não sei que diga! — ajuntou a juiza.

A moça, que houvera alcunha de *Levandisca*, ouvira indifferentemente os remoques das presas, e sorrira a Delfina, quando esta mostrava soffrer com os ápartes das condemnadas.

— Deixal-as — murmurou a Levandisca — são umas desgraçadas, que nem coração tem, quanto mais vergonha!

E foi mandar buscar o café, dando á servente costumada um lenço de séda para ella o deixar em penhor ao botiquineiro.

D. Francisco dormia ainda, quando o despertaram para lhe darem aviso de ser procurado por duas mulheres. Era uma a criada de Delfina, e a outra a ama com o menino.

Ouviu o hespanhol a noticia da captura, saltou do leito, e vestiu-se. Ordenou á ama que ficasse na casa, e sahiu. Foi á cadêa, perguntou ao carcereiro se podia fallar com a presa recentemente capturada, e o carcereiro mostrou-lhe por escripto a ordem do intendente, que punha Delfina incommunicavel com pessoas suspeitas que a procurassem, e nomeadamente com o consul hespanhol D. Francisco de la Cueva.

Levantou o consul a voz, bradando contra as leis d'este paiz de barbaros, e ameaçando o carcereiro. Este, porém, medianamente disposto para resistir em pessoa ás aggressões do castelhano, disse que tinha a

seu arbitrio pedir força ao commandante da guarda da cadêa.

Sahiu raivando o consul, e foi ao intendente, que o recebeu com má sombra, e o ameaçou de o fazer prender e remetter ás justiças de Castella como adultero, ou pelo menos fazel-o exautorar do consulado, e submettel-o ás leis do reino, onde praticara o crime.

D. Francisco achou extrema seriedade n'este prospecto, e amolleceu-se mediante os emollientes da paciencia, que amollecem os mais rebeldes animos.

Á custa de maneiras mais compostas conseguiu o consul que a presa pudesse ao menos ver seu filho. O intendente, commovido á lembrança do conflicto, piedoso da separação que presenciara, consentiu que o menino fosse á cadêa todos os dias, e se demorasse lá uma hora.

Aqui está a ordem textual, que o consul apresentou ao carcereiro:

*Póde o carcereiro das cadêas da Relação consentir que a presa*** Delfina receba diariamente a visita d'uma criança, que diz ser seu filho, ficando fóra da prisão a ama que a conduzir: isto por uma hora sómente, guardadas rigorosamente as ordens dadas para todos os mais effeitos. Porto, intendencia da policia, 13 de novembro de 1818. — O desembargador, servindo de intendente.*

N'esse mesmo dia foi o menino á cadêa com a ama

á hora do jantar. Demorou-se uma hora, em que a pobre mãe o não tirou do peito, oppresso por dores causadas pelo regorgitamento dos seios.

Delfina pernoitou entre as presas aquella noite de cruelissimas vigilias. Ao amanhecer cahira em torpôr; mas logo espertou ao rangido dos ferrolhos e ao estrondo das pancadas dos alçapões. Não tem nome aquelle abrir d'olhos ás trevas da masmorra, cuja janella a mão do guarda não viera ainda abrir. Vinte e quatro horas antes ainda os primeiros raios do sol tinham dourado o pavilhão do seu leito, d'onde ella via pratear-se o mar, e enfunarem-se as velas dos pescadores. Tudo lhe lembrou, e mais que tudo o filho que, ao despertar-se, ella encontrava sempre adormecido sobre o seu braço esquerdo.

Sentou-se no enxergão que pousava sobre o pavimento, e desatou-se em pranto e gemidos, pedindo a Deus que lhe tirasse a vida. Humanaram-se as presas menos sensiveis, e rodearam-a dizendo cada uma suas palavras de consolação, que eram mais para exasperar a dor.

A *Levandisca*, quando as outras lhe deram lugar, approximou-se do leito, aqueceu entre as suas as mãos glaciaes de Delfina, e disse-lhe:

— Chore, chore, minha senhora, que o chorar é allivio. Eu tambem chorei muito quando me vi perdida e abandonada. Fez-me tão bem o chorar, que passados dias estava esquecida da minha desgraça.

Ás nove horas d'este dia recebeu ordem o carce-

reiro de remover a presa Delfina para um quarto separado no ultimo andar da cadêa, sendo permittido á presa escolher uma das encarceradas na saleta para acompanhal-a e servil-a.

Transmittida a ordem a Delfina, escolheu esta a *Levandisca*, e sahiu depois que, intimada pela juiza, pagou oito vintens de propinas áquella authoridade do carcere.

Estava já modestamente mobilado o quarto que lhe deram. Ahi respirou ella, porque tinha ar em abundancia, que lh'o dava uma janella gradeada sim, mas aberta sobre a praça da Cordoaria.

Faltava-lhe o filho para radiar de alegria aquelle recinto. Satisfez-lhe Deus esse desejo com a chegada da criancinha, e uma longa carta de D. Francisco, não animadora de esperanças de liberdade, mas affectuosa pela tribulação de animo que parecera dictal-a.

N'esse mesmo dia soube Adelaide que sua prima nem estava incommunicavel, nem na enxovia, nem a pão e agua no segredo. Enfureceu-se e disse mal da sua sorte, da inercia do seu procurador, e da corrupção dos magistrados. Como n'aquelles tempos a imprensa não era ainda um supplemento respiratorio aos pulmões dos afflictos, a esposa ciosa, para não abafar de todo, foi passear no largo da Cordoaria, a ver se entrevia a prima nas grades da janella para debaixo lhe fazer algumas caretas vingativas.

De feito, Delfina approximando-se das grades para olhar ao longe o horisonte do mar, viu a prima de-

baixo d'aquella arvore central, que alli foi plantada no dia em que os taverneiros foram enforcados á ordem do marquez de Pombal. Recuou a tremer, e inutilisou d'esta vez o desabafo de Adelaide.

Os solicitadores da querella empenharam-se com a intendencia para angustiarem a prisão de Delfina, allegando que o atormental-a seria o mais efficaz meio de dissuadil-a d'algumas criminosas esperanças. Ao mesmo tempo o consul, mediante os amigos fieis no infortunio, mallograva as influencias dos inimigos, e conseguia que se não alterassem as ordens.

Perguntem-me se ha palavras com que possa definir-se o estado moral de D. Francisco de la Cueva. Respondo que ha. D. Francisco de la Cueva tinha lição do seu Thyrso de Molina, e sympathisava com o caracter d'aquelle D. João Tenorio que o leitor leu traduzido em Molière, e degenerado em Byron, e refundido em Malefille, e de todo estragado n'uns Tenorios que por ahi enxameam nos botiquins e nas lojas das luveiras.

D. Francisco tinha imaginação vulcanica e nada mais. N'elle, o coração era o que a physiologia diz que elle é realmente: o orgão central do systema sanguineo, um aggregado de membranas fibrosas e valvulas, cuja contractilidade recebe e expelle o sangue, cujos elementos procedem do ar e do estomago.

Que elle amava Delfina, isso para mim é ponto de fé. Se digo que foi com o coração que elle a amou, ar-

risco-me a que me redarguam que o meu modo de ver o amor é uma questão physiologica, um phenomeno sanguineo. Tal não direi, porque sou d'uma eschola de idealistas que vai cahindo em desuso, e está a passar ao « ridiculo ».

Amou-a com a sua candente imaginação. Coloriu-a com côres do ceo; adornou-a com enfeites dos anjos. Acontece, porém, que as coisas do ceo, transplantadas ao nosso globo, descoram e desmaiam apenas este impestado clima as toca. E d'ahi vem que os amores, puxados da imaginação, mais hoje ou mais ámanhan começam a decompôr-se. O que é perfume vai para o ceo d'onde veio. O que é verdadeiro, sensivel e tangivel fica na terra, porque é barro, e não sahirá jámais do barro.

Barro, e grosseirissimo barro era o hespanhol, tanto mais quebradiço, quanto se elle estivera endurecendo ao fogo em que o padre Gabriel Telles formara aquelle mau sujeito que recebia convidados de pedra.

A isto convém ajuntar uma circumstancia que parece, á primeira vista, frivola: Delfina estivera dezeseis mezes na casinha pittoresca de Lessa, e fôra quasi quotidianamente visitada pelo arrobado amante, que, ao cabo d'alguns mezes, se retirava pasmado de achar a casinha fastidiosa, a moradora sempre com o mesmo riso, o mar já fastidioso com o seu eterno rugido, e os caminhos pessimos, particularmente de inverno.

Quer isto dizer que os anjos tinham levado para si o que a imaginação do poeta castelhano lhes pedira de

emprestimo. Como a casa de Lessa não mudava de architectura, nem Delfina de semblante, nem o mar de voz, nem as estradas alcançavam para si o exclusivo de um perpetuo estio, D. Francisco aborreceu-se, e tornou á conta de obrigação andar n'aquellas caminhadas, que o não indemnisavam da critica da sociedade.

A prisão de Delfina penalisou-o. Bem viram que elle foi á cadêa, e disse que as leis dos portuguezes eram barbaras. Está provada a sensibilidade do homem; mas o coração do amante não.

Pois que havia de fazer elle?

Parece-me que devia luctar para arrancal-a de lá. Inutilisada a lucta, devia tomar um quinhão da dôr e da ignominia d'ella. Depois, esgotado irmanmente o calix, morrerem ambos.

O que me falta é saber que o leitor se está rindo agora!

A mim pouco me faltou para chorar, quando ouvi dizer que D. Francisco, temendo que lhe tirassem o consulado, abandonou á compaixão dos magistrados a sorte de Delfina, e nunca mais solicitou a liberdade d'ella. Dava-lhe meios, dava-lhe dinheiro; mas que é dinheiro para a mulher que pede amor? É o vituperio mais grosseiro, quando a mulher, desprezada de todos, se concentra em si, e em seu pundonor se refugia.

Dinheiro á nobre alma, que só conhecia o valor da pureza de consciencia que perdera para mais realçar o quilate da paixão que dava e da paixão que lhe deviam!

Acostumou-se Delfina ao carcere, ou a porção mais sensivel do coração se desfizera em lagrimas.

Como tivesse comsigo uma hora o filho, cobrava alentos para contar minuto a minuto as vinte e tres horas de cada dia e noite de vigilias, ou dormitação sobresaltada por maus sonhos.

As cartas do hespanhol foram declinando da vehemencia da paixão para a frieza do raciocinio; e, como as maximas da razão são poucas, e o consul assim mesmo as não sabia todas, com o andar do tempo nem já raciocinios lhe mandava. Delfina queixou-se sem irritação. D. Francisco redarguiu com desculpas fundadas no melindre da sua posição, e no risco em que estava de perder o emprego por suggestões da mulher inexoravel, e na impossibilidade em que ficaria de sustental-a na cadêa, ou no convento em que os seus parentes queriam encerral-a.

Delfina não replicou a semelhantes razões; mas devolveu-lhe, no fim do seu quarto mez de prisão, a mesada que o hespanhol lhe mandava pela ama.

Remetteu-lh'a outra vez, com uma carta enternecida, o condoído amante; mas a presa, sem assomos de orgulho, nem sequer ironia, pediu ao pae de seu filho que revertesse em favor da criança os beneficios, que ella podia dispensar, visto que tinha comsigo objectos de valor, cuja conservação lhe era inutil.

E começou a vender para seu sustento algumas prendas e vestidos que ella não esperava usar mais.

N'este tempo morreu no Alto-Douro uma irman de

sua mãe, cujo espolio valeria quatro mil cruzados. Metade d'esta herança coube a Delfina, e foi-lhe logo entregue a instancias de Adelaide, que assim cuidou salvar o casal do encargo de sustental-a. A não ser este egoismo, a herdeira seria roubada pelos parentes, ou excommungada dos direitos de successão sob qualquer pretexto fundado no crime que pendia dos tribunaes. A miudo a lei é capa de ladrões sagazes, e de infelizes tolos que lhe pedem protecção.

Delfina devia ter um destino. Os parentes não a queriam sentenciada, porque não o podia ser sem que o co-réo fosse entregue á justiça de Hespanha. Cuidavam, portanto, em sentencial-a, condemnal-a e executal-a sem intervenção da lei.

O recolhimento das Orphans de S. Lazaro, n'aquelle tempo, era uma casa de supplicio. A cruz do Senhor estava alli arvorada a cada canto para significar que era alli o Golgotha. As meninas sem pae, que a Santa Casa da Misericordia mandava lá recolher, acceitavam alegres o pão da caridade; mas as reclusas por violencia morriam alli abafadas, ou recuperavam o ar vital por lances de desesperação, dos quaes eu sei de um exemplo que hei de contar brevemente, e já prometti contar na *Filha do Arcediago*.

Conseguida a licença para a reclusão de Delfina, sem préviamente a consultarem, e prevenida a regente do recolhimento com o odioso da verdade e o odioso da calumnia, foi a presa intimada para se preparar que ia sahir da cadêa.

Cuidou-se livre a pobre senhora, e exultou e festejou a nova que lhe ia restituir seu filho para todas as horas do dia e da noite.

— Deus queira — disse a *Levandisca* — que a senhora não tenha ainda saudades da cadêa! Ninguem vai para melhor, minha senhora. A gente quando começa a ser desgraçada vai sempre a peor.

— Pois eu não vou ser posta em liberdade?! — disse Delfina.

— Eu ouvi dizer que a senhora ia para um recolhimento onde talvez a não deixem ver o seu menino.

Delfina, atribulada pela horrivel suspeita da sua criada, desceu da prisão ao escriptorio onde a esperava o escrivão que a prendera, portador da ordem, e perguntou para onde ia.

— Vai para o recolhimento de S. Lazaro — disse o esbirro impassivel.

— E meu filho!

— Seu filho fica onde está.

— E não ha de lá ir?

— Eu sei cá! A senhora pergunta-me a mim se seu filho ha de ir ao recolhimento!? Isso é lá com a regente da casa.

— Pois eu não saio d'aqui sem a certeza de que meu filho póde entrar no recolhimento.

— Não tem remedio senão sahir — retorquiu o senhor Chrispim Caetano da Costa, amiudando as pitadas calmantes da sua colera.

— Veremos! Arrastem-me d'aqui! — exclamou

Delfina, sentando-se n'um d'aquelles dois bancos de castanho, que o author curioso pôde ver no salão da cadêa, mesmo porque os illustres padecentes de 1829 alli se assentaram com as suas tunicas brancas quando iam para a forca.

O escrivão encarou na presa pertinaz com olhos coruscantes de raiva, e disse:

— Olhe que eu chamo dois soldados que lhe peguem pelos braços e a mettam na cadeirinha! Não brinque comigo! O que a senhora D. Adelaide devia ter feito era fazel-a sentenciar, e mandal-a tomar ares em Angola. A senhora ha de ser sempre ingrata até ao fim! Dão-lhe por piedade um recolhimento onde estão meninas muito fidalgas, e a senhora ainda se faz de manto de seda!...

A mulher do carcereiro, que visitava e consolara Delfina algumas vezes, interveio com as suas lagrimas e razões, persuadindo a desgraçada a entrar no recolhimento, como meio de alcançar mais depressa o seu perdão, e poder ter ainda uma boa parte de vida feliz na companhia de seu filho. Por outro lado, agourou-lhe o ruim futuro que podia seguir-se á sua resistencia, sendo que Adelaide irritada daria querela contra o marido, obrigando-o a sahir de Portugal, e a expatriar-se de Hespanha para não ser preso e sentenciado como ella.

Delfina ouviu silenciosa as prudentes razões da mulher do carcereiro, e entrou, quasi em braços d'ella e do marido, na cadeirinha que a levou ao recolhimento de S. Lazaro.

Esteve Delfina encarcerada sete mezes e quatorze dias, como consta da seguinte nota, escripta á margem do assentamento da entrada:

Solta, e entregue ao escrivão Chrispim Caetano da Costa para a fazer recolher no recolhimento das Orphans de S. Lazaro, em 27 de Junho de 1819.

Saltou Delfina da cadeirinha impetuosamente no páteo do recolhimento, porque vira o filho nos braços da ama. Tirou-lh'o n'um como repellão de doida, e beijou-o com tal sofreguidão de abraços, que a criança parecia estranhal-a, e chorava espavorida. Não balbuciava sons articulados a pobre mãe: gemia e soluçava tão alto, que a regente e porteira já estavam á porta, não condoídas, mas espantadas do espectaculo indecoroso debaixo das abobadas sagradas.

O escrivão Chrispim, que tinha que fazer, interveio satanicamente no grupo miserando, dizendo a Delfina que não viesse para alli fazer lamurias, que estava a escandalisar as senhoras da casa, e tirar-lhe a elle o tempo.

Delfina fitou os olhos esgazeados no villão, passou o filhinho aos braços da ama, e pediu forças a Deus para o trance horrivel. Não quiz Deus ouvil-a, ou de mais a ouviu, porque lhe tirou o sentimento.

Foi Delfina levada em braços para dentro, e posta sobre um escabello de pau, sobre o qual estava a imagem de Jesus. Ninguem se sentou á beira d'ella, nin-

guem lhe amparou a cabeça desfallecida. Do lampadario que pendia aos pés do retabulo de Jesus cahia-lhe sobre o rosto um reflexo avermelhado; e as lagrimas, como crystallisadas no rosto da padecente, rebrilhavam aos reverberos d'aquelle lampadario.

Nem uma voz caridosa lhe fallou, nem houve mão de mulher que lhe corresse um lenço sobre as lagrimas!

E, comtudo, estavam alli algumas *santas*, a quem cá de fóra se pediam orações nas grandes calamidades do reino e das familias; e sobre a cabeça da desgraçada estava a imagem do Senhor das Misericordias, com quem aquellas *santas* tinham colloquios tão arrobados, que, no dizer da porteira, não era raro o Senhor fallar com ellas em portuguez chão, subirem-se ao ar em corpo e alma, e ficarem suspensas dois covados acima do pavimento!

Chamava-se a regente D. Anna Quiteria da Chaga do lado.

Chaga do lado! Que poesia tão mystica tem o epitheto! Que predestinação do ceo nos está encantando na piedosa suavidade d'aquelles appellidos nobilissimos na genealogia dos martyres! *A chaga do lado!*

A porteira, que escondera o rosto para se não escandalisarem seus olhos d'aquella scena de mãe beijando o filho do crime... oh!... como se chamaria a porteira?

Chamava-se a senhora Innocencia! *Innocencia!* não podia deixar de ser assim, a não poder chamar-se a senhora Pudicicia, ou a senhora Honestidade!

Voltando a si, Delfina viu as velhas e algumas pen sionistas, que a fitavam d'um modo differente das ve lhas.

— Venha para o seu quarto, senhora! — disse sec camente a devota da Chaga do lado.

— Eu não tenho forças, minha senhora — murmu rou Delfina. — Peço-lhe a esmola de me deixar esta aqui um bocadinho.

— É melhor ir descançar no seu quarto — replico a regente — e o mais acertado seria ir a senhora a coro rezar e pedir a Deus que a faça entrar na sua con sciencia, e acceitar o castigo na terra, para ter meno que penar no inferno.

Delfina abriu os olhos espavoridos, encarou com a austeras carantonhas da creatura da Chaga do lado, recahiu na syncope, exclamando:

— Ó meu pobre filho, que estás sem mãe!

— Cale-se, mulher! — exclamou a regente con vulsiva de piedosa furia! — não me venha cá dize diante d'estas meninas que tem filhos!

Delfina já a não ouvia.

A regente proseguiu voltada para as circumstantes

— Vão-se d'aqui, meninas! não quero que ouçan as blasphemias d'esta peccadora!

E as pensionistas retiraram lentamente e tristes excepto uma, que teimou em ficar.

— A menina não ouviu? — disse a regente.

— Ouvi sim senhora; mas não ha de ficar sósinh esta pobre creatura.

— E que lhe importa á menina a creatura?!

— Importa, porque tenho coração, e sou christan.

— Aqui sou eu que governo! Eu, que a mando sahir, é porque sei que essa mulher não está em graça de Deus.

— Pois por isso mesmo — replicou a pensionista — é que mais direito tem á nossa caridade e assistencia, a ver se assim conseguimos restituil-a á graça de Deus.

— Não me dê sentenças, senhora D. Maria Pacheco! — bradou a velha da Chaga do lado.

— Isto não são sentenças, são obrigações da nossa religião, senhora regente. Se n'esta casa se não professa a religião de Jesus Christo, abram-me a porta, que me quero ir embora.

— Que a menina se quer ir embora sei eu; mas ha de ir quando seu tio quizer. A sua religião bem sei eu qual ella é!... Estavamos aviadas se todas lessemos pela mesma cartilha...

— Pois olhe que a sua, senhora regente, não ha de levar muita gente ao ceo! Aqui faltam só as fogueiras da inquisição.

— Cale-se! — bradou a velha — Olhe que eu accuso-a ao senhor provedor da Misericordia!

— Que me importa a mim o senhor provedor da Misericordia, não me dirá? Cômo á minha custa, e não recebo favores nenhuns da Santa Casa! Eu é que lh'os faço em pagar um pessimo quarto e pessimos alimentos por bons cruzados novos.

Delfina, recuperado o alento, ouvira a ultima parte

d'aquelle edificante dialogo, tomado alli ao clarão da lampada do Senhor, na casa de caridade das meninas pobres, e da educação das meninas ricas.

Convem saber quem era esta D. Maria Pacheco, que tão altiva e desabusada contendia com a regente. Diga-se de corrida.

Era sobrinha d'um fidalgo portuense, e filha d'um rico abbade irmão d'aquelle fidalgo. Como se deixasse captivar dos galanteios d'um moço de baixo nascimento, a ponto de entender em matrimoniar-se, o tio, para resguardar o seu brasão d'alguma mascarra, convidou ardilosamente a sobrinha a dar um passeio de sege, e parou á porta do recolhimento, sob pretexto de cumprimentar a regente. A inexperta menina foi com o tio. Apenas se abriu a porta sentiu-se ella impellida de fóra, e puxada para dentro tão á pressa, que não lhe deram tempo de pensar na resistencia.

E lá ficou bem petrechada de adornos para o seu quarto, bem servida de criadas, e com abundantes meios. Isso, porém, não tirava que ella todos os dias verberasse de lingua a regente, a vice-regente, e a porteira, a senhora Innocencia, que, não sabemos se amestrada por ella, já dizia palavradas, que era um regalar-se o porco sujo de ouvil-as.

Esta menina, com alguns annos de reclusão, esqueceu o amador constante, e conseguiu ir a Caldas. Nas Caldas sentiu novas febres d'amor, e desforrou-se da repressão em que lhe tiveram os melhores annos da mocidade. Nem mais voltou ao recolhimento, nem

cuidou de saber que juizo formavam d'ella as fidalgas suas parentas. Ha poucos annos que ella vivia n'uma cidade do Minho, muito amada de seus filhos, e mal-vista na sociedade, que duvidava da legitimidade dos filhos. É porém coisa notavel, que esta mesma sociedade applaudiu o tio de Maria Pacheco, quando elle a inclausurou no recolhimento para ella não casar com um homem de quem poderia haver muito honradamente filhos legitimos.

A sociedade é respeitavel e adoravel em suas exquisitices!

— Eu dou-lhe o braço, minha senhora, e acompanho-a ao seu quarto — disse Maria Pacheco a Delfina.

A regente relanceou os olhos para o retabulo de Jesus, como se dissesse: « Perdoai-lhe, Senhor, que ella não sabe o que faz. »

Delfina apoiou-se no braço da pensionista, e entrou na sua cella.

Era esta um cubiculo escuro, que recebia a luz coada por uma fresta de grades, redobradas por outra grade de arames, aberta na parede em tamanha altura, que nem a dobrada altura de uma encorpada mulher bastaria a lá chegar.

Delfina aterrou-se e disse:

— Aqui falta-me o ar, meu Deus! Não vivo n'esta furna vinte e quatro horas!

— Tem aqui vivido muita gente — disse a regente — Aqui só não vive quem está abandonada da graça de Deus.

— Se o soffrimento e a expiação é a graça de Deus — replicou Delfina — eu tenho muito que esperar da misericordia divina, minha senhora.

— Primeiro ha de arrepender-se, e conformar-se com a divina vontade — redarguiu a senhora D. Anna Quiteria da Chaga do lado.

— Estou conformada com a divina vontade — balbuciou afogada por gemidos Delfina. — Aqui é morrer... e eu morrerei contente.

— Tenha resignação, menina — disse Maria Pacheco. — Aqui ha corações com humanidade. Olhe bem para mim, que tambem fui aqui arrastada pelos cabellos, e vivo, e quero viver, porque, se as lagrimas não apagam este inferno, a força de vontade, tarde ou cedo, nos deixa vencer o despotismo e a infamia dos algozes.

— Que linguagem é essa, senhora D. Maria Pacheco?! — clamou a regente.

— É a linguagem que a senhora me tem ouvido muitas vezes. Para que se está a fingir estranha? Posso fallar assim diante d'esta senhora, que não é nenhuma innocentinha que eu possa estragar, como a senhora diz que estrago as meninas.

— Prohibo-a de estar n'este quarto — retorquiu a regente tremula de raiva.

— Pois prohiba! mande chamar a mesa da Santa Casa. Grite ás armas, a ver se o general cá vem com a tropa! Bem me importam a mim as suas prohibições!

Se me cá não quer assim, abra-me a porta, que eu prometto não olhar para traz.

— Bem sei, bem sei...

— Pois se sabe, melhor.

Retirou-se a da Chaga do lado, e fez reunir em communidade as orphans para lhes prohibir que entrassem no quarto da pensionista Delfina, ou tivessem com ella conversações fóra do quarto, sob pena de castigar com o tronco as desobedientes.

O tronco era um tumulo de granito sem luz nem ar, com uma enxerga sobre uma taboa, e um alçapão no tecto, por onde as castigadas recebiam o pão e a agua.

N'este tronco penou alguns dias uma senhora, a quem devo a maxima parte do entrecho d'esta historia, porque um dia, compadecida de Delfina, collocou uma cadeira sobre uma commoda, e subiu á cadeira até poder, com uma tesoura, cortar uns arames de modo que a infeliz pudesse, pelo escasso orificio, ver o filho, que passava com a ama defronte do recolhimento, na pedreira que hoje se chama o jardim de S. Lazaro.

Deu-se este facto posteriormente á época, que vamos historiando, alguns mezes.

Estreitaram-se intimamente em amizade Delfina e Maria Pacheco. Nunca esta conseguiu, porém, desanuviar o semblante da infeliz, atormentada por saudades do filho.

A respeito de D. Francisco, nunca lhe ouviram palavra. Presumo que o não amava, porque não podia

amal-o. Lá tinha o amor de mãe para encher-lhe o coração, e coração bastante nobre para se deixar morrer aos golpes da ingratidão. Não me digam que outras mulheres são feitas de outro barro, porque eu, nem como romancista, admitto absurdos, e muito menos impostiuras. Cuida muita gente que as lagrimas da mulher abandonada são o soro do coração amante. É outra coisa: é a ferida da ingratidão que sangra; é o arrependimento da cega e ultrajada confiança, que chora. Ao fogo, que por fim requeima no seio estas lagrimas, ordinario é acendrarem-se as culpas, e sahir a contrição com grandes virtudes, virtudes que pendem de pouco: — basta o esquecimento da injuria recebida da mesma mão, que inflorara o abysmo da mulher, e o despenhara n'elle.

Cá vem as delongas aborrecidas! Ruim vêzo é este da velhice!

Entretanto, D. Francisco de la Cueva conseguira que algumas cartas suas chegassem astuciosamente á mão de Delfina. Em cada sabbado recebia ella uma bandeija com dois pires de geleia, enviada pelos seus parentes. A porteira, que era a innocencia em nome e pessoa, acreditava na legitima procedencia do presente, e mandava-o á pensionista sem exame. Debaixo de um dos pires ia a carta do hespanhol.

Poucas semanas logrou D. Francisco o seu ardil. Descoberta a velhacada nunca mais foi recebida a geleia, e Delfina soffreu duras reprehensões, que seriam

mais pungentes, se Maria Pacheco não sahisse sempre em defeza d'ella.

Algumas criadas do recolhimento foram despedidas por suspeitas de receberem dos seus parentes, comprados pelo hespanhol, cartas para Delfina. Uma d'estas criadas, quando foi despedida, disse á pensionista que escrevesse depressa uma carta, que ella iria pessoalmente entregal-a ao consul. Delfina entregou-lhe umas poucas, escriptas em successivos dias, versando todas sobre o filho. A ladina moça cingiu-as entre as meias e as pernas; mas a mais ladina regente fel-a despir as meias, e achando a papelada, mimoseou a criada com alguns bofetões, e lançou-a a empurrões á rua.

Foram lidas as cartas em consistorio, e decidiu a virtuosa da Chaga do lado, que á vista dos termos amorosos com que a peccadora ainda fallava ao pae do filho, o mundo não podia durar muito, e o reinado do antichristo estava a bater.

Delfina, baldados quantos esforços suggerira Maria Pacheco para ver o filho, ou ao menos ter cartas do pae, desanimou.

Se até alli, por vezes, o genio divertido de D. Maria Pacheco lhe tirava ao semblante um ar de graça e de resignação, depois as mesmas provocações ao riso a molestavam de modo que Delfina mal podia disfarçar o desgosto.

Com a tristeza sem desafogo vieram os primeiros symptomas de doença mal encarada. Ancias de coração, dores profundas, tosse a intervallos, e espectora-

ção ensanguentada, com grandes afflicções do apparelho respiratorio.

O doutor Alão, medico do recolhimento, foi logo chamado por Maria Pacheco; como quer, porém, que a regente o iniciasse primeiro nos precedentes da enferma, ouviu elle a exposição da molestia, meditou alguns segundos, e disse a Delfina:

— Tenha juizo, senhora, e terá saude. O seu mal é todo do espirito, e o seu espirito está desvairado. Juizo, juizo é o que ha de cural-a.

— Mas — disse Maria Pacheco — se o senhor doutor fizesse ver a conveniencia d'esta senhora ir a ares, talvez que ella se restabelecesse.

— Não são ares que ella precisa; juizo, juizo, já disse. Os ares acabavam de enlouquecêl-a. Não tenho mais que lhe diga.

— E se ella morrer!? — atalhou irritada a sobrinha do fidalgo portuense.

— Se morrer! — tornou com faceto espanto o medico — se morrer ha de resuscitar no dia do juizo, se as Escripturas Sagradas não mentem.

— As Escripturas Sagradas são uma grande mentira — redarguiu colerica a Pacheco — na bôca da regente, e na bôca dos medicos que por miseraveis migalhas tomam o partido do fraco contra o forte.

— Parece que quer insultar-me, senhora D. Maria?! — disse offendido o doutor.

— Tome lá como quizer o dito.

— Mas é que eu vou queixar-me.

— Queixe-se! E veja se consegue que eu seja expulsa d'esta casa.

— Expulsa não; mas n'esta casa ha castigos.

— Isso sei eu, e os algozes são certos sujeitos como o senhor, e como os membros da mesa chamada da *santa casa*, que se chama *santa* por isso que a inquisição tambem era *santa* quando assava o corpo na terra, e mandava assar a alma do peccador ao inferno!

— E a senhora — tornou o Alão, limpando as camarinhas do suor — se nascesse ha cem annos lá iria com bem mais razões que muitos outros tiveram para lá ir.

— Tambem me parece que sim; e o senhor doutor naturalmente era o encarregado de accender a fogueira!... Como não póde ser official da inquisição é medico do recolhimento; e ás infelizes, que cospem sangue, porque não tem ar, manda-as ter juizo... Tanto faz uma cousa como outra...

Foi d'alli o doutor Alão procurar a regente, e expôz em tom declamatorio a sarabanda que lhe deu a filha do abbade.

A regente benzeu-se tres vezes, e, segundo ella disse, sentia vontade de desmaiar. Queria porém o medico que a regente, em vez de desmaiar, fizesse uma formal queixa de Maria Pacheco ao provedor da Santa Casa, a fim de que elle a mandasse recolher ao tronco. A regente, recobrada das ameaças do seu desmaio, disse que as pensionistas não podiam ser castigadas com o tronco; mas sim despedidas por incorrigiveis. Repli-

cou o Alão, que em tal caso fosse despedida a desenvolta mulher, ou elle se demittia de medico da casa. Então a senhora D. Anna Quiteria da Chaga do lado, entre soluços e flatulencias, confessou que o tio de D. Maria Pacheco dava quatro vezes maior pensão para aquella casa, com tanto que lhe aturassem a sobrinha. Que além d'isso tanto o senhor Diogo Leite, provedor, como o senhor doutor João Pedro Gomes d'Abreu, escrivão da Santa Casa, respeitavam muito o tio da pensionista, e já por vezes, queixando-se ella regente, elles lhe tinham dito que a virtude da paciencia era a mais segura ancora para aferrar o porto do ceo; que tivesse ella para com a sobrinha do fidalgo todas as contemplações possiveis. Accrescentou por fim a paciente senhora, que desde muito ella tencionava fallar ao senhor provedor, a fim de augmentar o ordenado do medico, e o fazia na certeza do augmento; e por isso lhe pedia a elle doutor Alão que continuasse a ser o medico da casa com mais cincoenta mil reis de ordenado.

Pungiu-se o doutor á ultima parte do discurso, e cedeu a ficar, pensando que a virtude da paciencia, tanto nas regentes dos recolhimentos, como nos medicos, era a mais segura ancora para aferrar o porto do ceo.

Delfina peorava a rapido progresso.

E, desde que um dia conseguiu ver o filho pelo ardil que ficou dito, — com tão duro castigo para a menina orphan que cortou os arames — raras vezes sahiu do leito.

Aconselhada por Maria Pacheco, escreveu a seus tios, sujeitando-se a ir viver na aldeia, que elles escolhessem, com seu filho e com os seus recursos. Não lhe responderam.

Escreveu tambem a sua prima Adelaide, pedindo-lhe perdão da offensa, confessando com sincero arrependimento o seu crime, e sujeitando-se a ir para onde a mandassem com seu filho.

Adelaide fez alarde d'esta carta para confirmar a razão com que se estava vingando. E o mundo entendeu que razão de sobra tinha ella para vingança maior.

« É tão desavergonhada, que confessa! » diziam as senhoras da intimidade da familia.

Era, portanto, uma desgraça sem respiradouro.

D. Francisco não podia valer-lhe, nem sequer animal-a com cartas, nem fallar-lhe no filho. A cada hora estava elle esperando, com susto, a sua exoneração do emprego, e a querela instaurada.

Chegara elle a ter o pensamento vil de reconciliar-se com a mulher para aquietar os sustos, e planear com socego uma vingança clandestina, ministrada pelo veneno.

N'este presupposto foi a Hespanha para consultar não sei que raça hereditaria das Locustas e Borgias. O exito d'esta diligencia poderia ser bom; mas, como o successo não provou nada, eximo-me de aventurar hypotheses descaridosas, sobre desnecessarias.

O que sei é que Delfina aos oito mezes de reclusão nenhuma esperança dava de vida, ou de juizo, como

dizia o sabio Alão. Amargura incessante, definhamento accelerado, o pulmão cuspido a pedaços, e as agonias, que sendo tantas, lhe não valiam a distrahir-lhe do coração o sangue que sahia em lagrimas: foi o seu viver até ao fim do duodecimo mez de recolhimento.

E, no entanto, dizia-se cá fóra:

« Está no recolhimento de S. Lazaro a morrer uma desgraçada senhora, que morre de saudades de um filho que lhe arrancaram quando a recolheram judicialmente.

Havia humanidade na voz que dizia isto; mas em redor da pessoa que tal noticia dava, vinte vozes, a um tempo, diziam:

« É bem feito. A humanidade quer-se vingada. São necessarios os exemplos. »

D'estas vinte pessoas, consentaneas em votar á morte a infeliz, uma era uma senhora que deixára morrer de indigencia sua mãe, porque seu marido não queria para sogra uma mulher que illegitimamente se prestara a dar á luz uma menina que ficou herdeira de seu pae, e se nobilitara matrimonialmente pela herança.

A outra era uma adultera, que levou a mal que seu marido se mostrasse compadecido de Delfina.

A outra era uma viuva que defraudava o patrimonio das filhas, esbanjando-o em brindes que faziam supportavel, mas dobradamente ridicula, a decrepitude do seu vicio.

A outra era uma antiga criada de servir, que aju-

dara a matar com desgostos a ama, e casara com o amo, illeso da diffamação publica.

A outra era uma religiosa franciscana, que pedira licença para tomar ares, e medrava admiravelmente no ar pestifero das lagoas pontinas da devassidão.

A outra era uma brazileira, chegada recentemente, de Pernambuco a titulo de buscar saude em clima temperado; mas a verdadeira causa da sua excursão á Europa era estar culpada de enorme roubo de joias feito ao commerciante que fallecera quando ella lhe administrava a casa e educava as filhas menores.

Outra....

Imaginem o que quizerem, na certeza que não se enganam.

Onde estão vinte pessoas reunidas em pregão de insulto ao infortunio, ahi, sem duvida, estão acobertados vinte crimes. Do elo da libertinagem ao elo da ladroeira preencham a cadêa com os fuzis que faltam. Dispensa-se a imaginação e engenho para a obra.

O medico Alão foi um dia á cella de Delfina, voltou á da regente, e disse:

— A pensionista não vive tres dias. Sacramentem-na, que é tempo.

Maria Pacheco tomou á sua conta dizer a Delfina que estava em risco de morte.

A enferma ouviu as redundancias da sua melindrosa amiga, e respondeu:

— Estava farta de o saber, minha amiga. Estou

prompta para receber o confessor; mas não me será permittido confessar-me lá fóra, e sacramentar-me em sitio onde possa ver o ceo e despedir-me do meu filhinho?

Foi Maria levar este recado á regente.

A regente disse que não dependia d'ella a sahida da enferma, senão com a melhor vontade lhe abria a porta.

E, dizendo, pôz a mão sobre o coração e os olhos no tecto, á falta de ceo, que costuma testemunhar impassivelmente muitas appellações blasphemas e sacrilegas.

Maria Pacheco sahiu murmurando:

— Corja de hypocritas!

— Que vai dizendo a senhora? — exclamou a da Chaga do lado.

Maria retrocedeu ao limiar da porta da regente, e disse em voz sonora e vibrante:

— Corja de hypocritas! foi o que eu disse.

— Isso é comigo? — tornou a regente.

— É sim senhora.

— É muito mal-criada, senhora D. Maria Pacheco!

— Mas não negoceio com a religião, senhora Anna Quiteria.

— Veja lá como falla, e com quem falla! — bradou a regente, ultrajada pela elipse do *dom*.

— Sei que fallo com a senhora Anna Quiteria, que antes de ser D. Anna da Chaga do lado era a senhora Anninhas, filha da senhora Rosa, doceira de Cima-de-Villa.

A regente sentou-se, porque sentia desarticularem-se-lhe os joelhos, e esbofava e suava.

Maria sahiu magestosa como rainha, e jubilosa da sua vingança, como quem saldou contas com um inimigo e com a sua consciencia.

Ó raça das nobres e soberbas mulheres, nunca tu te extingas, para que a humanidade possa admirar em si o melhor que o divinal engenho do Creador lhe deu!

Voltou Maria ao quarto da moribunda, e disse-lhe:

— Não tens licença para sahir, anjo. Bebe o teu calix até ás fezes.

— Beberei — disse Delfina.

Sahiu Maria chorando, e mandou chamar seu tio.

Veio logo o fidalgo, a quem ella contou o estado da sua amiga, pedindo-lhe encarecidamente que fosse elle implorar aos parentes que a deixassem morrer ao ar livre, e despedir-se do filho.

Foi o velho a Villa Nova. Pediu, instou, e conseguiu que Delfina sahisse do recolhimento, e se abrigasse n'uma casa situada no Candal, pertencente aos seus parentes.

Era a casa onde ella tinha nascido, quando seus paes, abastados e regalados de confortos, alli iam passar o estio.

Voltou o fidalgo com a licença do juiz do crime sobre a licença de Adelaide.

Maria deu a nova á sua amiga. Delfina lançou-se fóra do leito, exclamando:

— Ar! ar! meu Deus! vou ver o meu filho!...

E lançou-se aos braços de Maria.

A regente, vendo-a a pé e animada, segredou á vice-regente:

— Olha como ella já tem forças! A velhaca andou a enganar-nos com a doença... O que ella queria era sahir.

Estava a este tempo sem sentidos a infeliz. Casualmente passava o medico, e tomou-lhe o pulso.

— Será bom sacramental-a — disse elle.

Perguntou Maria a Delfina se queria tomar os sacramentos antes de sahir. Respondeu Delfina que sim.

Sacramentou-se, depois que pediu a todos perdão do escandalo que a sua desgraça lhe fizera dar n'aquella casa. Choravam muitas meninas.

Maria Pacheco fitou os olhos na cara da regente, e murmurou:

— Nem uma lagrima! É de ferro a alma d'esta mulher!

A da Chaga do lado não retrucou. Disse que ia pedir a Deus que désse saude á enferma, ou a gloria eterna á sua alma.

E foi para a cella fazer a conta relativa aos dias do ultimo mez que Delfina estivera no recolhimento, e comer umas sopas tiradas da ôlha da panella, com os quaes cilicios a beata cingia os rins ás onze horas da manhan, para evitar a queda da espinhela, a que era atreita.

Sacramentada Delfina, chegou uma carruagem á porta. Era a carruagem do tio de D. Maria Pacheco.

Momentos antes mandara Maria um bilhete ao consul, dizendo: « Delfina vai sahir. Mande o menino esperal-a á ponte. »

A mulher forte, Maria, ao dar o extremo abraço na penitente, succumbiu.

— Nunca mais ver-te, martyr! — exclamou ella, e desfalleceu.

Foi Delfina levada em braços á carruagem.

— Os cavallos que vão muito de vagar — disse o medico Alão.

E partiu, a passo de sahimento, a sege.

Delfina não pôde supportar a luz do sol. Era n'um dia de julho. Defendeu os olhos com o lenço ensopado em lagrimas, e correu as cortinas das vidraças.

Á entrada da ponte abriu-as, e viu sentada a ama com o menino no regaço. Fez parar a sege com um grito estridente, que o boleeiro julgou ser o arrancar da morte.

Chegou-se á portinhola a ama, e curvou-se Delfina para tomar o filho.

— Como estás lindo! — exclamou — Como te deixo lindo, meu querido anjo!

A criança encarava n'ella com assombro, e levava as mãosinhas á face onde a mãe lhe deixava o fogo dos labios febris.

— Conheces-me, Francisco? — dizia ella, enxu-

gando as lagrimas que lhe turvavam a luz. Conheces tua mãe?

O menino relanceava os olhos entre a mãe e a ama.

E a ama disse á criança:

— Esqueceu-se do que lhe disse o papá, menino?

— Que te disse, filho? — exclamou Delfina.

— Que abraçasse muito a maman — balbuciou o menino.

Delfina abraçou-o com delirante fogo, e de subito afastou-o de si impetuosamente, dizendo em voz convulsa:

Estou a matar-te, filho! Tenho a morte na garganta! Parece-me que já ardes da minha febre. Tome-o, tome-o, ama... Fuja com elle de mim... Preciso ter quem me chore no futuro.... Fuja, fuja, ama. Diga ao pae d'este anjo que o ame sempre por amor do que eu padeci.... Diga-lhe que me não lastime d'esta hora em diante.... Adeus!... Outro beijo, o ultimo, meu filho.... e adeus até ao ceo!

Retirou-se a ama afogada em lagrimas.

E a carruagem caminhou lentamente.

Delfina ainda lançou a cabeça fóra da portinhola, e viu o filho nos braços da ama.

Acenou-lhe com o lenço, e a criancinha abriu e fechou os dedinhos em quanto avistou a carruagem.

Além da ponte estava um servo dos tios de Delfina, que devia guiar o boleeiro.

Subiram os cavallos a encosta de Villa Nova. No tôpo estava a casa destinada.

— Pare aqui — disse o guia.

O boleeiro apeou, e pediu uma cadeira para a doente firmar o pé, e foi abrir a portinhola.

Reparou que a senhora estava toda reclinada a um canto do respaldo da sege.

— Minha senhora! — exclamou elle, ousando tocar-lhe nas mãos. — Não responde — disse, voltado para o criado. — Acho que vem sem sentidos... Mas as mãos estão a arrefecer!...

A este tempo acercou-se da sege um homem offegante de cansaço, puxou para si o corpo de Delfina, chamando-a com voz dilacerante.

Era D. Francisco de la Cueva.

Delfina não lhe respondeu.

As respostas da eternidade não se ouvem aqui.

Quando ás vezes aperto a mão do filho de Delfina, sinto vontade de lhe dizer:

— Acaso sabe o senhor a historia de sua mãe?

XXXII.

Isto precisa ser completamente arrazado. São palavras do senhor D. Pedro V, ao sahir das cadêas da Relação, quando, primeira vez, as visitou.

Que tinha visto o rei? Tudo, as extremas miserias que nunca viram monarchas. Se alguma vez rei de Portugal entrou ás enxovias, não o dizem chronicas. Pedro V foi o primeiro principe que se affrontou com a face mais cancerosa e repulsiva da humanidade. Parece que os horrores lhe eram deleite. Contemplava sereno a agonia dos colericos: a face do moribundo tem uns como resplendores da alva da eternidade; mas o aspeito patibular do parricida parece que tem como sculpidas as contorsões da agonia da alma.

Não foi a curiosidade artistica, nem a cobiça de sensações, que encaminhou o rei ao interior d'aquellas paredes cintadas e chumbadas de ferro. Foi a presumpção de encontrar alli homens mais castigados que as feras, engaioladas e alimentadas por fausto, embora ellas tenham devorado tribus nos seus sertões.

O rei apeara inopinadamente á porta da cadêa. O carcereiro era um alferes de veteranos, que n'aquelle momento perdeu todo o seu espirito militar e marcial desassombro. Como eu estivesse no escriptorio, contemplei o spasmo do velho soldado do Roussilhão, o qual, a saber ler, morreria marechal de campo; e para ser aos quarenta annos sargento, aprendeu a escrever o nome com a mais imaginosa das calligraphias.

Era de suppôr que o senhor Nascimento, (já lá está na presença do Rei dos reis) á chegada do monarcha, descesse ao pateo a recebel-o. Assim o teria feito se o deixassem pensar, se o avisassem quinze dias antes. Esperou o rei no seu escriptorio, e á pergunta: «Quem é o carcereiro?» respondeu:

— Saberá Vossa Magestade que sou eu, á falta de homens.

D. Pedro V correu-o com os olhos, e disse:

— Conduza-me ás enxovias.

Abriram-se os alçapões dos calabouços. O carcereiro, querendo ser menos urbano, teria descido adiante para guiar nas precipitosas escadas, e na quasi escuridão do recinto, o rei que lhe media a profundeza. Porém o aturdido velho estendeu as mãos, e arqueou o dorso, como quem cede a honra primacial da entrada. Sua Magestade desceu rapidamente, como se pizasse os tapetes das marmoreas escadarias dos regios paços. Á sua chegada uns presos petrificaram, outros ajoelharam, e alguns, voz em grita, pediam a liberdade. Transluzia no candido rosto do soberano a compaixão

de espectaculo tão atrozmente necessario ás relações do homem com o homem, do filho de Deus com os seus irmãos. Da primeira passou a outras enxovias, recebendo de todas, ao abrir os alçapões, o halito pestilencial da respiração e da immundicia de centenares de presos.

Foi ao calabouço das mulheres, uma das quaes, de mãos postas, resou o padre nosso, em quanto outra dizia ao rei:

— Mande-me Vossa Excellencia dar liberdade, que eu não torno a cahir n'outra.

O rei sorriu, e a custo se desatou da mulher que lhe abraçava as pernas.

Entrou depois nos salões do segundo andar, em um dos quaes todos os presos cahiram estrondosamente em joelhos á voz do parricida Mendes. O rei disse a um dos guardas da cadêa:

— Diga a esses homens que me recebam de pé.

Passou entre as alas, e instado a acceitar requerimentos de muitos, disse:

— Mandem-m'os ao paço, que eu farei o que puder.

Subiu aos quartos de Malta, e entrou ao limiar de todos os cubiculos, perguntando a cada preso o seu crime.

Respondiam quasi todos por uma voz:

— Moeda falsa.

Sua Magestade, ao quinto preso por moeda falsa, sorriu para o senhor Thiago Horta, e murmurou em secreto algumas palavras.

Um moço ourives, que alli estava arguido de roubo, respondeu sinceramente:

— Estou preso por furto.

— Começou muito cedo — disse o monarcha.

Sahi fóra do meu quarto para cortejar o rei á entrada.

O senhor Thiago Horta proferiu o meu nome, e Sua Magestade fez um gesto de admirado, e disse:

— Não esperava encontral-o aqui!

Mas áquelle gesto seguiu-se outro de reflexão e assentimento em que eu vi que o rei achara nas suas reminiscencias o motivo da minha prisão.

— Ha quanto tempo aqui está? — perguntou.

— Ha dois mezes e meio.

— Entretem-se em escrever?

— Apenas tento entreter-me.

— Diz bem: o local é improprio para trabalhos de espirito. Deve aqui haver muita bulha.

— Creio que os primeiros quinze minutos de silencio n'esta casa são os que Vossa Magestade aqui trouxe.

O rei deu alguns passos no meu quarto, e reparou um instante n'um livro aberto, que era um Plutarcho, na vida dos varões illustres.

Observou-me fitamente, e disse-me:

— Estimarei que se livre cedo.

— Isto deve estar a terminar — disse o senhor ministro das obras publicas.

— Começa agora — respondi eu.

El-rei olhou-me com visivel compaixão, relanceou os olhos ás abobadas, e sahiu, repetindo:

— Estimarei que se livre cedo.

Passou Sua Magestade á enfermaria dos presos, e á das presas em seguida.

Na extrema d'esta ha uma porta que abre para o quarto d'uma senhora, que alli estava presa.

— Que é alli dentro?

— Saberá Vossa Magestade — disse o carcereiro — que é o quarto da senhora D.* * *.

O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asylo de trabalho.

Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo de sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela criancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarcha compungido estava o senhor marquez de Loulé, pensando, por ventura, que n'aquelle dia tinha de banquetear-se no palacio d'uma irman d'aquella encarcerada.

Sahiu Sua Magestade, e, ao descer as escadas, proferiu as palavras iniciaes d'este capitulo: ISTO PRECISA SER COMPLETAMENTE ARRAZADO.

Mezes depois voltou Sua Magestade á cadêa. Receava-me eu de ser mal visto do monarcha, á conta de uma imprudente carta que estampei nos jornaes. Re-

vivo com desprazer a causa. Dissera-se que eu recebera dois contos de reis, dadiva do soberano. Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebera, como certissimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calumnias que por aqui me assaltam, e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitavel cavalheiro e amigo, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa, dizendo que o senhor Conde da Ponte me ia enviar dois contos de reis por ordem do rei, apressei-me a desmentir a calumnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta.

A minha carta era necessaria; as phrases é que peccaram de leviandade de orgulho. O rei, que entre as suas maximas virtudes preluzia na delicadeza, que doura todas, certamente não mandaria esmolas ao homem que tinha a facil coragem do suicidio, antes da angustiosa fraqueza de as pedir.

Ora eu sabia que nenhum escripto de certos jornaes era estranho a el-rei, e a minha carta fôra publicada em alguns, e encarecida n'outros como briosa acção.

D'isto me accommettia o receio de ter-me malquistado com a primeira benevolencia do rei.

Enganei-me. O senhor D. Pedro V era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.

Foram estas as suas palavras:

— Ainda aqui está?!

— E estarei amarrado com correntes de ouro áquelles varões de ferro.

Deteve-se a pensar, e olhou para dois cavalheiros que estavam comigo.

Depois me disse o que já referi concernente ao preso José Bernardino, com um geito de tamanha bondade, que eu, a não ser preso, dobraria sem pejo o joelho para beijar-lhe a mão.

A minha livraria estava cercada d'um biombo com vidraças, atravéz das quaes Sua Magestade observou os livros, notando com risonho gesto, que era copiosa bastante para preso. Eu disse a Sua Magestade que apenas tinha alli *numerosas insignificancias*.

— Este quarto é mau! — disse o rei, encarando no papel que rebordava da parede em rolos, formando caprichosas laçarias e cornijas.

— Vive-se aqui — respondi. — Viveu n'este quarto alguns mezes o senhor duque da Terceira, e...

Sostive a phrase para deixar em silencio e em desmemoria o açougue de 1829.

— Agora deve estar a terminar o seu infortunio? — disse Sua Magestade.

— Hei de ser julgado em outubro.

Sahiu o rei, e correu de novo as enfermarias, e retrocedeu quando se abriu a porta da prisão onde estava a senhora, mãe do menino, que vinha pela mão do general Caula.

El-rei chamou de parte o senhor infante D. João,

naturalmente a dar-lhe a causa de não entrar n'aquelle quarto, onde a senhora, expondo-se á mera curiosidade de quem quer que fosse, ajuntava a humilhação inutil ao infortunio insanavel. O rei constitucional não podia repetir as palavras de Jesus de Nazareth.

Sua Magestade, ao sahir segunda vez da cadêa, disse:

— Sempre a mesma miseria!

XXXIII.

« Desgraçado Portugal, que não tens um ministro! » declama o senhor doutor Ayres de Gouvêa, pungido de dó, e engulhoso do enojo que nossas cadêas lhe causaram, e nomeadamente a da Relação do Porto (1).

Razão teve de enojar-se e doer-se; mas assim mesmo sua excellencia, a ser menos poeta, iria da cadêa com menos nauzeas e pungimentos de sua feràcissima phantasia.

Contou o florente e ramalhudo escriptor ao paiz uma historieta de grão pavor a proposito da Relação. Bom seria dal-a textual, a fim de que os leitores saboreassem a nata de lusitanismos, que, passados e agorentados na minha fieira chan, hão de sahir chilros e insossos. Olhando, porém, a não avolumar o livro, summariaremos o essencial. Conta o cathedratico que os presos nas enxovias travam *brigas horriveis em que se esfaqueiam e até se matam, sem que os soldados das sentinellas se aventurem a descer a esses antros.* Então

(1) *Reforma das prisões.*

se abrem os alçapões, e *um ou dois saccos de cal são de chofre despejados; esta, batendo no chão, ergue-se em nuvens suffocadoras*, e os presos ficam prostrados.

Isto é que é rasgar baêtas de poesia crespa e horrente!

Aconteceu uma vez, ha muitos annos, aplacarem-se os presos mediante o despejo da cal: facto unico, não mais repetido. Raro mesmo se tem dado a necessidade de entrarem soldados ás masmorras para aquietar os desordeiros; e memoria de homicidios, procedentes de brigas, não ha nenhuma. Os presos brigões são removidos para outras enxovias, quando recalcitram ás admoestações das authoridades. Presenciei mais de um anno decorrido, sem mediano disturbio. O procurador regio, se suspeitava de rixas entre presos, prevenia as desordens separando-os.

O carcereiro não *espolia os presos caprichosamente*, conchavado com o juiz da prisão, como assevera o senhor doutor Ayres. O preso usa, quando lhe praz, o direito de petição, e mensalmente as authoridades percorrem as cadêas para ouvil-o: creio que nunca os juizes foram arguidos de espoliadores, nem os carcereiros de os authorisarem. Uma vez unica observei que um preso mandava vender a jaqueta para pagar a carceragem; mas o carcereiro d'essa época era um funccionario interino que, antevendo a demissão, nenhuma infâmia quiz deixar exceptuada na sua gerencia. Dois carcereiros conheci que davam as suas roupas usadas aos presos indigentes, e resignavam aos emolumentos, se elles espontaneamente lh'os não pagavam.

Os carcereiros não ganham *cem reis* por dia, como affirma o senhor doutor Ayres. O ordenado e emolumentos orça por seiscentos mil reis o minimo, e em alguns annos sobe a novecentos mil reis.

Apavorou-se o escriptor de encontrar em domingo de paschoa os presos *comendo, bebendo, e galhofando*, quando cá fóra *tudo é paz, hymnos nos templos, amor nas familias, e orações para Deus.*

Isto é bonito em strophes; mas n'um livro de reforma de prisões é exquisita poesia!

O dia de paschoa, fóra da cadêa, é um dia em que o vinho corre a frôxo, e os estomagos se repletam a estoirar. Os presos comiam, bebiam e galhofavam, não tendo outros expedientes de solemnisar o dia. Aquelle *ruido satanico de blasphemias, de pragas, de injurias*, que o doutor ouviu, é uma historia. Se comiam, não blasphemavam; se bebiam, não praguejavam; se se divertiam, não injuriavam. Parece até, no dizer do doutor, que os pobres homens se estavam amando uns aos outros n'aquelle dia, porque *se abraçavam e gesticulavam*, e andavam *ás cabriolas.*

Conta o senhor doutor:

« A minha presença trazia-me chascos aos ouvidos, este pedia-me uma esmola, aquelle despegava do magote para vir medir-me d'alto a baixo. »

Que milagre! O senhor Ayres é pessoa muito de medir-se d'alto a baixo, e o preso sente naturalmente a intuição do bello e do maravilhoso.

Pena foi que as authoridades, prevenidas do illustre

hospede, não impozessem aos presos e suas familias o jejum n'aquelle dia, e os não mandassem cantar hymnos no templo, e orarem em communidade, como cá fóra se faz!

No tocante a chascos á pessoa do senhor doutor, aqui ha pincelada negra no quadro feito a capricho. Os presos são tão humildes, que se perfilam em alas á chegada d'um estranho. Entrei diversas vezes nos salões, e admirei a compostura e seriedade de centenares de homens, que por mim só tinham a deferencia que devemos a quem se compadece de nossos infortunios.

Estava o *José do Telhado em meio da turba... Isto é um pandemonium, um inferno!* — exclama o doutor, espantadiço de coisa tão natural. Onde queria o reformador que estivesse José do Telhado? A ler a biblia, ou a cantar hymnos no templo. Os reformadores poetas são como os reis philosophos de *Voltaire*.

O senhor doutor Ayres quer que se remova d'alli a cadêa, e se edifique outra nos arrabaldes do Porto. Alvitra que se venda o mosteiro das freiras benedictinas, a cujo muro tem sua excellencia encostado o sollar, que ha de ficar vistoso, derrubado o muro. A razão primaz do seu alvidramento é que as cadêas, *erguendo-se em meio da labutação industrial do povo, ao lado d'habitações todas honestas e pacificas, alertarão incessantemente a consciencia publica em relembrar-lhe a ideia do crime.*

E ajunta:

Isto não tem nada de proveitoso. Julgaes intimidar

com a vista do edificio prisional, e colheis em resultado, com ter esperto o conceito do delicto, uma quebra constante na tranquillidade social, que tão benefica é para o seu adiantamento.

Os allemaens que entendam estas maravalhas; mas sempre é bom não *alertar incessantemente a consciencia publica em relembrar-lhe a ideia do crime*, presuposto que o crime é um engodo, e a cadêa uma paizagem convidativa. Tem ideias!

No tocante ao local da construcção, opina o senhor doutor Ayres de Gouvêa que o muro da prisão *seja construido invencivel muralha da fortaleza da cidade, afundado exteriormente com largos vallos*, para que a cadêa se torne, *ao vir a necessidade, inexpugnavel castello e primeira defeza da cidade.*

Isto sim, que é reter alli nas muralhas um seminario de patriotas, uma legião de bravos! Á primeira fenda que uma granada abrisse no baluarte, os presos sahiam todos por ella, arremettiam aos aggressores, e voltavam carregados de tropheus.

O senhor Ayres, quando poetava em mais comesinhos assumptos, aventou o plano d'um gremio de bardos, e elegeu, como local, o convento da Serra, por estar mais achegado ao ceo, d'onde desciam as inspirações. As suas ideias florejam todas, e desde muitos annos, n'uma estufa onde não entra o ar commum, que aviventa o restante da humanidade.

Agora direi o que é actualmente a cadêa, reforma-

da por immediata inspecção do senhor Camillo Aureliano da Silva e Sousa, procurador regio.

A serventia das enxovias deixou de fazer-se por alçapões. Ha portas de communicação para o pateo central, onde sahem os presos a receber os alimentos, e onde entram as familias dos presos á hora permittida. A communicação exterior, das grades para as ruas, cessou com a reformação interna.

Os presos que tem officio trabalham e vivem juntos como em vasta officina de occupações mais semelhantes. Os operarios em esparto estão em commum; alfaiates e sapateiros trabalham á parte d'aquelles; os carpinteiros tem os seus bancos em cada prisão; os presos que entram sem officio aprendem a trançar chapéos, a fazer escovas, ou outros mesteres de menos difficil aprendizagem.

As tarimas foram ou vão ser reformadas, segundo os dictames de melhor hygiene, que nunca será a precisa, porque a ventilação da casa é má e irremediavel.

Os presos necessitados recebem vestimentas da procuradoria regia ou da Misericordia. A limpeza corporal requer reformas fundamentaes, que a simples fiscalisação das authoridades administradoras da cadêa não basta a fazer. Ainda assim os presos se não andam lavados, é porque já fóra da cadêa gostavam de andar sujos. A agua é abundantissima; lá estão algumas tinas á disposição dos presos.

Ao actual procurador regio se deve a iniciativa de muitas obras, se não perfeitas, o mais que podiam sel-o

em conformidade com a localisação dos recursos. Em obras de segurança, merece louvores a authoridade, até mesmo pela superfluidade de ferro que manda cintar em portas, e triplicar nas janellas. Em corredores devolutos vão construir-se quartos particulares para presas que os queiram pagar. A enxovia está sendo o receptaculo commum de todas. Ha poucos dias vi eu, no escriptorio da Relação, uma senhora accusada de envenenar e matar o marido, pedindo com lagrimas que a tirassem da enxovia, ou a mandassem matar. O carcereiro não podia sequer fazer-lhe o favor de a matar. Está a criminosa condemnada á pena capital. Esta sentença é um ludibrio para os criminosos que desejam morrer. A padecente ha de agonisar alguns annos em enxovias, e depois será levada á sepultura d'Africa.

Tanto bradar contra a pena de morte! De que esteios de esperança pende a vida d'aquella mulher? Quem cuida em morigeral-a, e rehabilital-a pelo arrependimento? Onde encontrará ella o sacerdote que lhe accenda o fogo interior do remorso purificante, e depure alguma porção da alma que a sociedade repelle, e Deus misericordioso acceita?

A pena de morte devia ser exterminada quando ao condemnado se concedesse a vida com a esperança de resgatar-se da pena, pela expiação, ou da justiça eterna, pelo pezar, se a justiça humana fosse inexoravel.

1232 4-24

FIM.

BINDING SECT MAY 1 3 1970

PQ
9261
C3M4
1864
v.2

Castello Branco, Camillo
Memorias do carcere

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39.10 05 01 01 003 0